Aos meus filhos.

VASCONCELOS TORRES

Oliveira Viana

SUA VIDA
E SUA POSIÇÃO NOS ESTUDOS
BRASILEIROS DE SOCIOLOGIA

Livraria Freitas Bastos S.A.

RIO DE JANEIRO
Rua Bethencourt da Silva, 21-A

SÃO PAULO
Rua 15 de Novembro, 62-68

1956

LIVROS DE VASCONCELOS TORRES

- — O Conceito da Religião entre as Populações Rurais
- — Ensaio de Sociologia Rural Brasileira
- — Grande Brasil
- — O Comandante Ari Parreiras
- — Condições de Vida de Trabalhador na Agro-Indústria do Açúcar
- — Problemas do Município de Parati
- — A Mobilidade Rural Brasileira
- — Uma face do problema agrário fluminense
- — Roteiro Econômico do Estado do Rio (a sair)

OLIVEIRA VIANA

Êste ensaio não esgota o farto material existente sôbre a vida e a obra de Oliveira Viana. Estamos certos de que os seus discípulos — Geraldo Bezerra de Menezes, Alberto Lamego Filho, Thiers Martins Moreira, Marcos Almir Madeira, Anselmo Macieira, Dail de Almeida e Hélio Palmier — cuidarão de examinar ângulos interessantes daquela notável existência consagrada ao estudo dos fatos sociais brasileiros. Não desejávamos retardar mais a aparição dêste livro, a fim de atender aos apelos de quantos revelavam empenho em conhecer detalhes biográficos do autor de Populações Meridionais do Brasil.

Devemos, aqui, consignar os melhores agradecimentos à Família Oliveira Viana, pela facilidade a nós concedida de compulsar valiosos elementos, indispensáveis à complementação da obra que nos propusemos escrever.

VASCONCELOS TORRES

I

SAQUAREMA:
— A terra de Oliveira Viana

Na geografia fluminense há uma região conhecida como a Baixada, que abarca uma área de cêrca de 17.000 km^2, compreendendo um setor fisiográfico de certa unidade, das raízes da Serra do Mar até o Oceano Atlântico. Tècnicamente a baixada subdivide-se em quatro sub-regiões, obedecido o critério da distribuição das bacias fluviais: a Baixada de Sepetiba, a Baixada da Guanabara, a Baixada de Araruama e a Baixada de Goitacazes.

A nossa atenção se fixará na terceira categoria, onde se encontra um dos menores municípios do Estado do Rio, com uma superfície de 383 km^2, representando 0,82% sôbre a total da importante unidade federada.

A antiga Vila de Nossa Senhora de Nazaré de Saquarema, em 12 de janeiro de 1755, recebia o predicamento de freguesia, constituído de território desmembrado do município de Cabo Frio. Quase cem anos depois do alvará que criara a vila, isto é, em 1859, a provisão era tornada sem efeito e só em 1861 conseguiram os saquaremenses a restauração daquele ansiado privilégio.

Saquarema, cujo nome parece derivar de uma corruptela de Socó-Rema [1], teve muito cedo os terrenos da sua jurisdição palmilhados por desbravadores coloniais. É certo que a frota de Martim Afonso ali estivera em 1531, tendo fundeado no *Costão*, nas imediações do Morro do Sambaquí. Rezam as crônicas fluminenses que, nessa época, os tamoios ali residentes eram chefiados pelo valente guerreiro Sapuguaçu. O navegador luso lograra reabastecer as naus do seu comando e, sem tardança, pudera içar os panos das ca-

---

(1) Pedro Guedes Alcoforado — O Tupi na Geografia Fluminense — Pág. 167. — A propósito da palavra Saquarema, na tradução brasileira do livro de Saint-Hilaire, encontra-se á página 272, o seguinte: "não é nem Sagoarema, nem Saquérama, nem Sequarema, como escreveram alguns autores; Saquarema vem talvez das palavras guaranis cáquaá e rama. A última dessas palavras é designação do futuro e ao mesmo tempo do passado. Quanto a caquaá, o P. A. Luiz de Montoya indica essas palavras como aumentativo: mas os exemplos que o autor cita parecem dar ao têrmo a significação do verbo aumentar. Assim caquaá rama, donde originou-se, com o tempo, Saquarema, quer dizer — que aumentará, ou que aumentou, nome que se adapta muito bem ao lago de Saquarema, sujeito, segundo Pizarro, a enchentes consideráveis".

ravelas rumo à Guanabara, fazendo-se ao largo com facilidade em virtude dos ventos reinantes naquelas paragens.

Em 1594 os religiosos da Ordem do Carmo foram contemplados com Sesmarias na Capitania de São Vicente, em lindes que compreendiam o território de Saquarema, onde, por sinal, erigiram o convento de Santo Alberto, que foi o fulcro da colonização local. À ilharga do núcleo religioso fundaram-se fazendas, inclusive a de Manoel Aguilar Moreira, o mesmo que construiria nos meados do século XVII a capela da padroeira. A matriz de Nossa Senhora de Nazaré está erguida num penhasco e é avistada de muito longe do oceano, ponto de fé que amarra as esperanças dos pescadores que, mar a fora, arriscam-se em façanhas homéricas naquele ponto leste do Brasil, jogando suas vidas em troca de um pedaço de pão. Êsse templo levantou-se com a ajuda de tôda a população, que antes havia impetrado a concordância do Bispo para a realização da obra, o que foi concedido em 1820.

Monsenhor Pizarro [2], nas Memórias Históricas do Rio de Janeiro, alude ao morro de Nazaré, "onde faz uma ponta ao mar, bem conhecida e respeitada dos navegantes. Dêsse morro, que é assento da igreja matriz de Saquarema, distante dezoito léguas da cidade capital, pega outra praia de quatro léguas de extensão, até a Ponta Negra, incapaz de desembarque, por serem aí furiosas as arrebentações do mar".

Como não poderia deixar de ocorrer a atividade da pesca apresentava-se primordialmente. Povo piraquara, nem por isso iria circunscrever-se uniformemente em roda dêsse tipo de economia e assim é que, nas imediações mesmas do litoral, encontrava-se, desde o início, intensa faina campesina e a zona aparece no período colonial como produtora de açúcar e aguardente.

No dealbar do século XX a paisagem da Baixada começou a apresentar modificações. Num estudo monográfico, Renato Mendes salienta as circunstâncias que operaram essas mudanças, entendendo que "entre os vários fatos que podemos observar nesse confronto destaca-se o prosseguimento do recuo da floresta tropical com a expansão da lavoura pelos vales e encostas e o aproveitamento das matas para o

(2) José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo — Memórias históricas do Rio de Janeiro — 2.º vol. — pág. 144.

fornecimento de madeira de construção, lenha ou carvão vegetal. A franja florestal, próxima á raiz da serra, cada vez mais se torna estreita na Baixada em virtude do crescente consumo de combustível, principalmente após surgir a estrada de ferro, consumidora de lenha tão voraz quanto o engenho" [3]. Saquarema já pagara bem caro o seu tributo, quando os traficantes de pau brasil derrubaram matas e matas dessa espécie vegetal tão apreciada naqueles idos. Nem tudo, entretanto, se perderia e umas quantas florestas quedariam imunes ao machado, salvas milagrosamente para oferecerem ao local uma feição de beleza inigualável, ao lado de intensa atividade humana.

Augusto de Saint-Hilaire, no relato da sua viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil, narra que em face de moléstia verificada num animal da sua tropa viu-se compelido a passar o dia na residência de um fazendeiro de Saquarema, residente próximo à lagoa. Observador nato, o viajeiro tão citado pelos estudiosos compatrícios aproveitou o ensejo para visitar a aldeia, o que fêz por um caminho estreito e sombrio, havendo passado por montes de cascas de ostras e caramujos, destinados ao fabrico de cal. Descreve Saint-Hilaire ao chegar à margem do *lago* [4]: "o lago de Saquarema, muito irregular, tem 3 ou 4 ls. de comprimento, por 3/41 de largura; êle começa do lado oeste, nas proximidades das montanhas altas e pitorescas na espécie de cabo ou ponta chamada Ponta Negra, e se compõe de duas partes principais, ou se quiser, de dois verdadeiros lagos que se comunicam entre si por meio de um canal natural muito estreito que se chama Boqueirão do Engenho. A parte mais ocidental, a que começa na Ponta Negra, tem o nome de Lagoa da Barra, e a outra, que se estende até à igreja paroquial de Saquarema, recebeu o nome de Cacimba. Segundo o que me disseram no local, o lago de Saquarema não é formado sòmente dos dois lagos de que venho de falar, mas compreende ainda outros. Um que se chama Lagoa da Barra, sem dúvida porque é vizinho da barra de Saquarema, comunica-se com o Cacimba por um canal chamado Boqueirão do Girau; o outro, que se comunica com a Lagoa da Barra pelo Boqueirão de São José, tem o nome de Russanga."

(3) Renato da Silveira Mendes — Paisagens culturais da Baixada Fluminense — pág. 73.

(4) Augusto de Saint-Hilaire — Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil — pág. 272.

Abundando em detalhes, o narrador, que foi uma das maiores vocações para a reportagem, estabelece algumas comparações entre a vegetação de Niterói e aquela que estava diante dos seus olhos. Voltou-se para palhoças dos pescadores e registrou a indigência por elas apresentada: "são construídas de barro, diz êle, cobertas de colmo, baixas e freqüentemente quase em ruínas. É ordinàriamente o oitão que faz frente para o caminho e freqüentemente a coberta se prolonga para além das paredes laterais para formar um alpendre, onde são abrigadas uma canôa e uma rêde, índices seguros da profissão do proprietário". Não se lhe escapa a anotação de que nelas não existe imundicie (5), embora não tenham outros móveis além de rêdes, um ou dois bancos e algum vasilhame.

À proporção que ia caminhando para a igreja, constatou Saint-Hilaire que as choupanas se apresentavam em número maior e mais ligadas entre si, particularizando a beleza do cenário do alto da colina. Falou nos trabalhos sem orientação que redundaram no entupimento da barra, apelando para que a comunicação da lagoa com o oceano fôsse restabelecida, pois isso seria dar vida e enriquecer a região. Sentese, nessas páginas, que o francês de Orleans entusiasmara-se com a beleza panorâmica do lugar e, dotado da mesma percepção científica de um Bonpland ou de um Martius, Saint-Hilaire estende-se na apreciação e desce a detalhes, como a predominância de brancos, que atribuiu ao fato dos primeiros habitantes não possuírem fortuna para a manutenção da escravaria, mas — aduz (6) — "se os habitantes de Saquarema parecem, na maioria, inteiramente brancos, não é todavia difícil de notar na fisionomia de vários dêles alguns traços da raça americana. O rosto dêsses mestiços é mais largo que o comum dos portuguêses, cuja oval alongada forma o caráter distintivo; seus cabelos são lisos e muito prêtos; enfim êles têm os ossos da face proeminentes e o nariz largo." Finalmente, o vivo integrante da comitiva do Duque de Luxemburgo — que era legado da França junto a D. João VI — alega que os lavradores saquaremenses poderiam extrair maior proveito da terra.

Tais impressões ajudam-nos a compreender social e geogràficamente êsse recanto da chamada zona dos lagos fluminenses e que estamos procurando focalizar no preâmbu-

(5) Idem — pág. 275.
(6) Idem — pág. 280.

lo dêste ensaio biográfico. Saquarema guarda uma impressionante fidelidade ao passado e bem pode ser considerada como uma das cidades coloniais redivivas, conservando hábitos de antanho, a mesma fisionomia urbana — simples e encantadora — com as duas ruas principais; uma frente ao mar, outra frente á lagoa; a mesma atividade econômica, sem embargo do jato de progresso que começa a propulsionar o seu futuro.

John Luccock, nas suas *Notas sôbre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818,* fala igualmente sôbre os predicados paisagísticos de Saquarema. Sem a sagacidade e falto dos conhecimentos científicos do viajante francês, nem por isso as suas palavras são destituídas de interêsse. Escreveu como um britânico: esquematizado, dogmático, cansativo e cronológico. Dir-se-ia um pintor da escola clássica, timbrando em não omitir os traços por mais secundários que fôssem. De qualquer maneira, porém, o seu tratado constitui uma fonte de informações nessa minguada e às vêzes contraditória bibliografia sôbre a vida colonial brasileira. Após retraçar, com tiradas literárias, a localidade de Ponta Negra, diz Luccock: "Saquarema, dependurada sôbre a vertente setentrional do morro em que termina a restinga que começa em Ponta Negra, consiste de uma igreja, de cêrca de cinqüenta casas dispostas ao longo de uma rua larga e de outras tantas cabanas dispersas. Tem-se da igreja um lindo panorama do oceano e do lago vizinho." E mais: "do alto dos morros fica um dos telégrafos que comunicam com a capital, e ao redor da sua base oriental, um canal tôsco e raso por cujo meio as águas do lago se descarregam no mar. Vimos no lago várias garças a pescar, bem como muitos gansos. Entre as singularidades do local, acha-se um ossário inteiramente exposto à vista do público" (7). Conta, então, o cronista que seu hospedeiro tinha sido um espanhol, que denotava categoria. Alojado da melhor maneira, assim nos pinta a cena: "arrumou-nos porém uma mesa num cômodo de dentro, à moda européia, postando-se à cabeceira para fazer-lhe as honras. A filha, que aparentava cêrca de vinte anos, mas com as maneiras de uma menina risonha, evidentemente nunca antes vira tamanho desvio de hábitos costumeiros, trazendo consigo duas ou três de suas companheiras para que se extasiassem com os estrangeiros. Sua

(7) John Luccock — Notas sôbre o Rio de Janeiro — pág. 209.

imaginação de tal forma se excitou com a cena, enquanto jantávamos, que foi obrigada a retirar-se dali; todavia, ela e seu pai pareceram-nos ser as pessoas mais civilizadas da localidade" ([8]). O inglês dá conta do desagrado, que parece encobrir certo temor, quando se refere ao encontro com os viajantes da zona, armados invariàvelmente de espada ou facão. Após uma volta pelo povoado, o comerciante letrado, que certamente escreveu ao sabor de reações pessoais momentâneas, partiu para *Iruama*, não sem antes, como acentuou cautelosamente, ter contratado um mulato muito escuro, homem de boa reputação, que com êle prosseguiu no restante da jornada.

Visitada por outros memorialistas, Saquarema desde os albores da colonização tinha o nome em evidência, passando em determinado período da nossa história a designar os membros do partido conservador, quando mais acesa se mostrava a luta política, alcunha que dava orgulho aos seguidores do Visconde de Itaboraí.

Pacatez é o traço definidor da sua fisionomia urbana. Um bucolismo virgiliano nas fazendas, uma calma continuada capaz de despertar, mais uma vez, a atenção de Leclerc; os barcos de pesca dando uma configuração típica ás redondezas. O casário é o de antigamente. Quem chega a Bacaxá, pela rodovia, destrava instintivamente a admiração imediata. Não é um burgo. Talvez um presépio. É uma arrumação caprichosamente despreocupada. Dir-se-ia a simplicidade da gente transubstanciada no estilo urbanístico. Habitantes de tez bronzeada. O sol é o grande companheiro naquelas bandas luminosas. O sistema da solidariedade familiar imperando como irrevogável lei da tradição. No litoral, a mulher rege a lida doméstica, não apenas no preparo da alimentação, mas na ajuda valiosa, assistida pelos filhos, de conservar as rêdes na tintura da aroeira. No interior, ou seja, na fazenda, é o colono ativo, pequeno proprietário, camarada ou assalariado, que planta para a economia de vivência, chefiando um pequeno clã operacional, precocemente ministrando ao herdeiro a técnica matuta de uma boa plantação.

A percentagem ocupacional da região apresenta índices elevados e, paralelamente à pesca, surgiu a fruticultura do gênero cítrico, ampliando o quadro histórico da economia

(8) Idem — págs. 209 e 210.

local que se cingia ao café, ao milho, à cana, ao feijão e à mandioca, tudo se desenrolando num trecho onde a pequena propriedade tem, de fato, as características de regime social. Alberto Lamego ([9]) aponta que "mau grado as suas prósperas pescarias, é sobretudo a um novo interêsse pelo solo que, como no passado, poderá Saquarema reaver com novas lavouras, o esplendor infortunadamente passageiro com que a enriqueceu a onda do café." O sociólogo fluminense refere-se, também, às escavações ali feitas e que resultaram no encontro de igaçabas, denunciando — segundo êle afirma — um velho tibiquera.

Saquarema refulgiu no esplendor econômico do Império. Brilhou no fastígio açucareiro, mas a discreção inata do povo não iria figurar no conjunto de excessos e desregramentos peculiares a uns tantos senhores de engenho, que, aliás, pagaram bem caro pela imprevidência. A usina saquaremense, que sucedeu ao engenho, funciona dando nitidamente a imagem dêsse temperamento coletivo: linhas sóbrias, casas antigas num elo com o passado e que parece adquirir mais consistência com o perpassar do tempo.

Na festa da padroeira, a 28 de setembro, a população se reúne e a matriz regorgita. O roceiro e o praiano não se diferenciam e o crente vem de longe para a romaria piedosa, pagando o seu tributo de fé à santa amiga dos lavradores e dos pescadores. O camarão de casca e nó, prato típico da cozinha fluminense, é saboreado por todos e sob o repique dos sinos e o espoucar do foguetório a gente revela a sua índole profundamente religiosa.

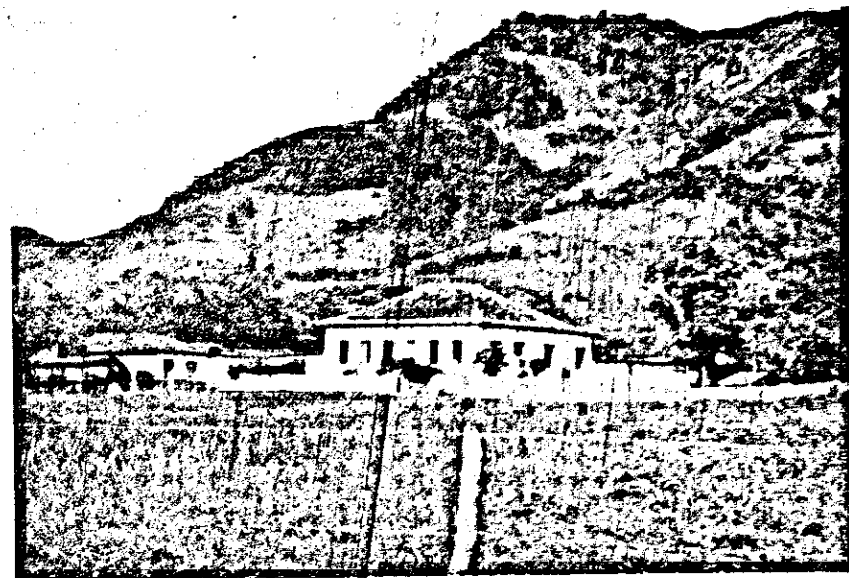
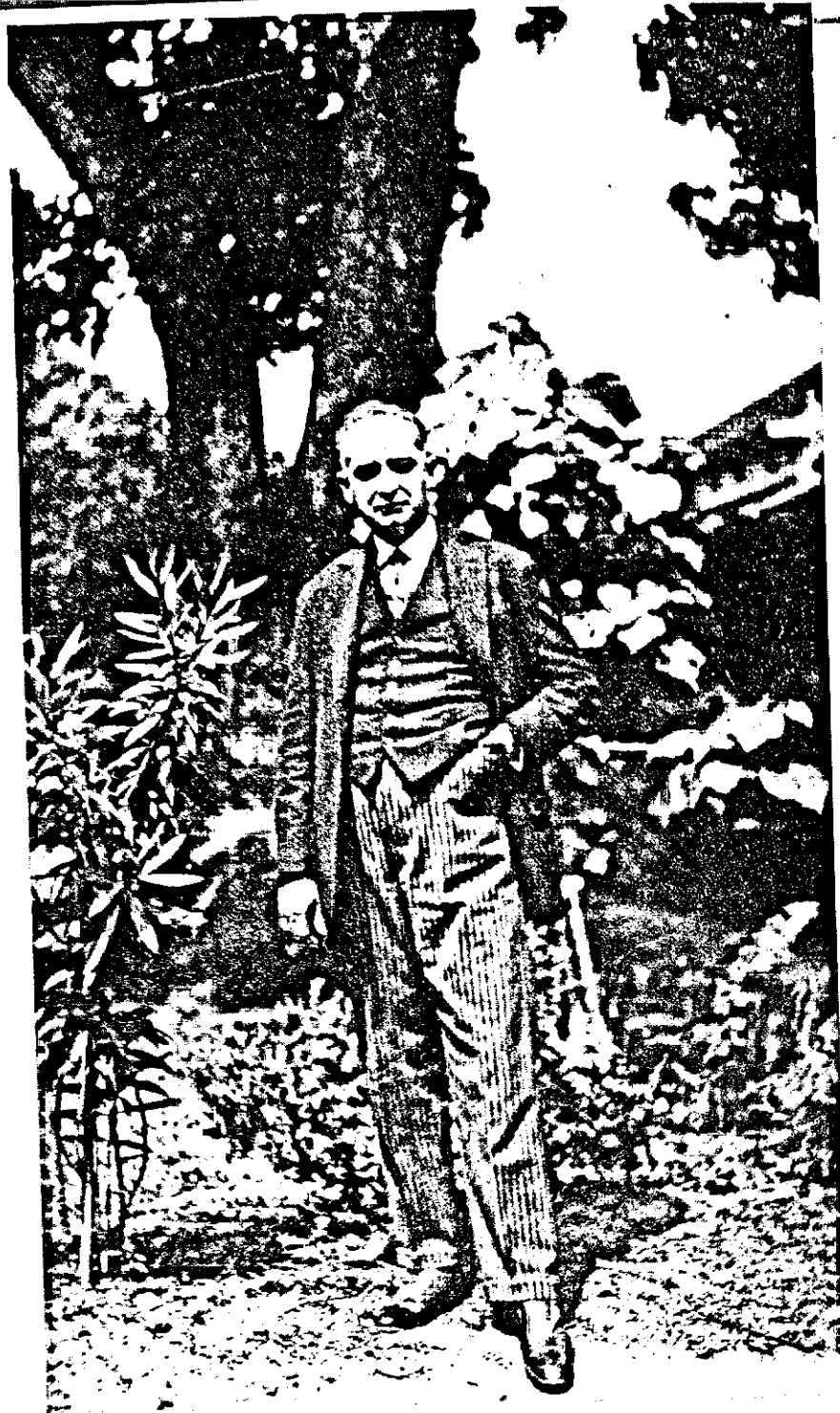
A Vila agora está iluminada, mas até há pouco tempo os lampeões e os fifós bruxoleantes dominavam, semelhando á distância um bando irrequieto de vagalumes reluzentes. Pontilhada de serras — Jaconé, Amar e Querer, Boa Esperança, Catimbau, Tinguí, Urussanga, Mato Grosso, Castilhano e Palmital — Saquarema pode apresentar êsse expressivo conúbio da natureza: o mar casado com a montanha.

Luiz Palmier ([10]), estudando Saquarema, escreveu o seguinte: "foi no auge da grandeza, conseqüente á intensiva exploração da terra, na segunda metade do século XIX, que

(9) Alberto Ribeiro Lamego — O Homem e a Restinga — pág. 99.
(10) In *Letras Fluminenses* — Março-Julho de 1951.

se radicaram no Rio Sêco alguns fazendeiros aquinhoados com ricas propriedades, dos mais férteis chãos da zona da Baixada, trabalhados então pelo braço escravo. Prosperaram todos e conquistaram, por isso mesmo, glórias maiores para as famílias, ao lado de uma auréola de maior relêvo no cenário da pátria comum. Entre êsses valores, que assim amanhariam essas terras, banhados pelos tributários dos piscosos lagos de Jaconé e Saquarema, estariam ali afazendados, primitivamente, os Oliveira e Castro Viana."

Nesse recanto ameno da Velha Província, aos 20 de junho de 1883, a família do áustero fazendeiro Francisco José assinalava, em festas, o nascimento de mais um filho. Dona Balbina, em alegria indisfarçável, dava conta da alegria por ser mãe de mais um varão. A notícia se espalhara pelo Palmital e ao solar do Rio Sêco logo chegaram as primeiras visitas. Era o sexto filho do casal e o evento fôra saudado alacremente, nos moldes das comemorações familiares dos fluminenses.

O menino era vivo e muito esperto. Ninguém, naquele momento, poderia supor, entretanto, que, mais tarde, o garôto iria ser uma das figuras mais fulgurantes da intelectualidade americana.

A fazenda do Rio Sêco

Retrato de Oliveira Viana

II

INFÂNCIA EM RIO SÊCO

O curso primário. A vinda para Niterói. Exames preparatórios no Pedro II

Rio Sêco: o nome reflete uma situação de fato. A incontrolada fúria com que se derrubava a mata, a preocupação do abastecimento de lenha num instante da sua importância como combustível à mão e barato, iria modificar o regime climático da Baixada, comprometendo a pluviosidade e o sistema fluvial. O velho regato que secara daria denominação à fazenda.

Construída sòlidamente, mas com simplicidade, sem os rebuscados estilísticos dos palácios avarandados do norte e do sul fluminense, a mansão solarenga do Coronel Francisco José tinha os mínimos detalhes de confôrto. Salas e amplos quartos, uma cozinha de tamanho apreciável. A poucos passos a senzala, de onde os cativos miravam o interior da vivenda, em olhadelas afetuosas, dando o timbre de uma intimidade existente. O senhor rural não se acastelava na superioridade étnica, nem tampouco imitava os proprietários rudes que animalizavam ainda mais aquela gadaria humana, bovinamente conformada. Essa atitude valer-lhe-ia muito no futuro; quando raiou o 13 de Maio, não houve um negro sequer que desejasse abandonar o Rio Sêco.

Sentimentos puros sublinhavam a dignidade familiar. Havia aristocracia, sim, decorrente do prestígio econômico, mas em Rio Sêco praticava-se a mais correta democracia. Os escravos eram criaturas humanas e não viviam no charco da segregação; o chefe tinha consciência da ajuda que recebia e que, proporcionalmente, se reflete na grandeza econômica do Império.

A incontrastável autoridade do pater-família dava tons sublimes ao patriarcado . O núcleo larário tinha muito de templo. Um ambiente doméstico para melhor sobressair a solidariedade. A sociedade era a fazenda, a família e os agregados, cujos interêsses fora do círculo parental eram ardorosa e paternalmente defendidos pelo patrão. E a dar o encanto da sensibilidade surgia o nome tutelar, a bondade conhecida de dona Balbina, matrona de rara beleza, em cujos olhos a beatitude transparecia num luminoso rasgo.

Do Palmital, daquelas florestas poupadas ao gume do lenhador, poder-se-ia dizer: é o mais belo presente da natu-

reza ao Estado do Rio. Tudo levava à fixação sentimental e disso nos dá um testemunho grandiloqüente a palavra tornada poema pela impressionante alquimia do sentimento, pelo toque mágico dêsse príncipe da nobiliarquia do talento, imortal pelas mensagens divinas do seu estro, o vate Alberto de Oliveira, cuja arte "não era um simples brinco da sua imaginação; era a própria expressão honesta e funda do seu temperamento e do seu caráter" (11). Da ligação afetiva do poeta ao local onde estava situado o Rio Sêco, buscamos a prova quando disse que só uma coisa lhe aguava a satisfação: a saudade que tinha de casa, com o seu largo campo estendido e verde e a mata perto, rumorejando... E, depois, num confiteor: "veio talvez de um reflexo que em mim bateu de outra poesia, a poesia máxima, a poesia de nossa terra, a qual na adolescência me ficou misturada com a saudade do meu Palmital e do mar forte que atrôa nas praias de Saquarema e cuja ressonância de quebros influiu de algum modo no ritmo de alguns de meus versos." Êsse imã emocional magnetizava inspiração e a perdurabilidade da sua fôrça não cedia.

Dando o laudo da sua emotividade, em "Alma em Flor", canta Alberto de Oliveira as maravilhas do cenário que procuramos fixar, — onde Oliveira Viana passou a sua infância — reportando-se aos quinze anos, a fazenda antiga, o engenho, as senzalas, o terreiro, os canaviais, o cheiro do sassafraz em flor, o pomar verde e a agreste serrania "com os botões de ouro e a espata luzidia rachando ao sol, a tropical palmeira". Nessa ambiência majestática e num pequeno mundo de 155 alqueires, no soberbo Palmital de Saquarema, cresceu Oliveira Viana, marcada a sua mente pelas impressões fortes dessa beleza sem par.

Dois anos após o seu nascimento uma ocorrência triste vem toldar a alegria reinante no Rio Sêco. Falece o velho fazendeiro, deixando seis filhos na orfandade. Numa época em que se romantizava demasiadamente a mulher, no culto excessivo da sua fragilidade, não foi sem estranheza que os vizinhos viram dona Balbina assumir as rédeas da herdade, com férrea firmeza, disposta a continuar a tarefa do espôso e, pensando, acima de tudo, no sustento e na educação da prole.

(11) Oliveira Viana — Alberto de Oliveira — pág. 14.

Não pôde, assim, Oliveira Viana conhecer o seu progenitor, cuja vida exemplar valia por um roteiro de conduta. A perda havia sido irreparável, mas o trabalho tinha de continuar. A veneranda senhora pôs mãos à obra, assumindo o comando e em breve revelando uma capacidade extraordinária de dirigismo. Aquêle coração continuava o mesmo, mas na hora de decidir, a sua face adquiria uma expressão de energia e, nem por ser mulher, alguém tentava a proposta de um negócio que fôsse de encontro aos interêsses da fazenda. Verdadeira muralha de aço era a sua fôrça de vontade.

O filho guardaria muito do temperamento da genitora. Do pai lhe ficara a paixão pelos livros. O Coronel nas visitas que fazia à Côrte não deixava nunca de frequentar as boas livrarias, adquirindo sempre obras interessantes, que sôfregamente devorava nos lazeres da vida fazendal.

A instrução do menino começara a preocupar dona Balbina. Vigorava em Saquarema o vêzo de que o aluno não deveria ir *cru* para a escola. Analfabeto que ficasse na enxada, mas quem transpusesse os umbrais de um grupo, que pelo menos soubesse, de saída, o ABC. Não fugiria Oliveira Viana à usança estabelecida.

Em casa, ao invés de começar pela cartilha, iniciou os seus estudos num volume de História Natural, da biblioteca do pai. O jovem denotava queda para aprender, o que levou dona Balbina a matriculá-lo na Escola Pública Estadual, dirigida pelo afamado professor Quincas Souza. O simpático mestre-escola era tido e havido como excelente alfabetizador e, embora o colégio distasse cêrca de seis quilômetros da fazenda, acertou-se a freqüência do menino.

E lá se foi o nosso Oliveira Viana, sobraçando a cartilha, muito satisfeito da vida, porque a escola sempre o atraíra. Montado a cavalo partiu para a nova experiência. A meninada o mirou de soslaio, desconfiada. Os alunos eram quase todos de origem humilde, filhos de colonos. Um guri da fazenda ali dava para desconfiar. Fôra carinhosamente recebido pelo antigo professor, que fêz as apresentações da pragmática. Naquele dia, o primeiro da sua vida escolar, iria surpreender a classe, lendo com desembaraço a cartilha, tanto na primeira página quanto na última. Tinha ido para aprender o quê? Mestre Quincas coçou a cabeça, como que achando desnecessária a presença do discípulo, que conhe-

cia bem do seu *metier*. Num solilóquio fêz o vaticínio: êsse vai longe...

Colegas mais adiantados foram passando para trás. A atmosfera juvenil tornava-se tensa. Inadmissível que um calouro, um novato — e ainda por cima — um representante da Casa Grande, desbancasse os veteranos. Argüir a subserviência do Professor Quincas seria estultice e injustiça clamorosa, pois êle não diferençava o rico do pobre. Todos eram iguais perante a sua tôsca mesa de mestre-escola do interior. Aquilo não podia continuar, no entanto. A onda avolumava-se e aflorou a idéia de um castigo corporal ao intruso, prontamente aceita pelos ânimos conflagrados.

Encerrada uma das aulas diárias, quando o calmo aluno que se destacara na cantilena da taboada se preparava para montar o animal, foi surpreendido por inopinada agressão. Executava-se o plano da tunda, mas uma surprêsa estaria reservada. Apesar da fôrça numérica, o Chico do Rio Sêco portara-se galhardamente, enfrentando heròicamente os despeitados e mal dispostos contendores. Só um companheiro com êle se solidarizara.

Em casa não deu conta do incidente. Tentaram intimidá-lo, sem resultado porém. No dia seguinte retornava ao estabelecimento de ensino e desde então passou a ser respeitado, frequentando o curso até o momento em que se transferiu para outra escola, próxima da fazenda e dirigida pelo seu tio Felipe Alves de Azevedo, mais adiantada e com matérias que não constavam no curriculum do Professor Quincas Souza.

Até aos dez anos frequentou o curso primário. Nas horas dos folguedos infantis metia-se pela biblioteca do pai, esquadrinhando tudo e lendo com avidez o que lhe caía nas mãos. Leu, dessa maneira, Gil Braz de Santilhana, o Diabo Côxo, um livro de medicina e exemplares da Revista da Semana, colecionados entre 1884 e 1885. Muita coisa não entendia, segundo me confessou, mas lia assim mesmo.

Fora da leitura dirigia-se ao engenho banguê, absorvendo-se na contemplação da febricitante atividade dos trabalhadores. O ranger tristemente monótono do carro de boi, as cantilenas plangentes dos carreiros, os bustos nus dos escravos, o cheiro do açúcar, a fabricação da aguardente, êsse

conjunto haveria de impressioná-lo fundamente, tornando-o naturalmente um observador. Ia, também, ao engenho de farinha, funcionando com a sua complicada engrenagem de madeira. Tudo isso teria que marcar a sua personalidade. Índole bondosa, quedava-se horas a fio, em meditação, solidarizando-se com aquêles agentes da produção, com os quais palestrava, inteirando-se da vida de cada um, graças à sua curiosidade imanente.

Em pleno apogeu do ouro verde viu Oliveira Viana os cafezais enfileirados nas colinas saquaremenses, guarnecidos por ingazeiros frondosos num sombreamento natural, que mais imponente tornava o núcleo em que residia. O café fabricava barões e a economia vigente no seu ciclo dourado marcava de prestígio a terra fluminense. Na hinterlândia aprimorava-se a cultura e o tio Felipe, muito cioso, ia cuidando de abrir novos horizontes culturais aos seus educandos. A fartura tinha o seu reinado e, em Rio Sêco, um artesanato provia as necessidades do pequeno conglomerado humano, uma colméia que não cessava de trabalhar.

Periòdicamente a família transportava-se a Niterói. Viagem longa e pontilhada de percalços. Jornada penosa, compensadora entretanto. Montados nos bem tratados cavalos da fazenda, os familiares de dona Balbina dirigiam-se em primeiro lugar a Rio Bonito, onde embarcavam no trem da Leopoldina. Mais tarde, o cruzeiro foi encurtado com a inauguração da Estrada de Ferro Maricá. O carro de boi deixava o pessoal na estação.

A chácara do Fonseca, em Niterói, vibrava com a chegada da família. A vivenda, localizada numa eminência, dominava a enseada de São Lourenço. Levantada com bom gôsto, tinha duas espaçosas varandas e as suas paredes tinham a espessura dos palácios construídos na colonia. A pequena elevação tem, hoje, o nome de *Morro do Holofote* e a mansão senhorial haveria de servir de quartel provisório ao Batalhão Acadêmico, que ali bivacara na revolta de Custódio de Melo, em 1893. As tropas florianistas lograram a tomada da posição e, durante muito tempo, instalaram um holofote nas imediações, que passou a ser objeto de curiosidade, pois a eficiência na descoberta dos sediciosos se mostrava discutível. Os soldados da legalidade, aliás, danificaram os melhores móveis da residência e saíram sem ao menos agradecerem a hospitalidade. Já era assim no tempo de Floriano...

Numa das visitas ficara assentado que o Chico, com treze anos, estudaria em Niterói. O Colégio do Professor Carlos Alberto, conceituado lente de matemática, havia sido prevenido a respeito. O plano de dona Balbina executou-se em 1897, quando o filho seguiu para a capital fluminense. A partir daí o estudante só visitaria a fazenda nas férias escolares; Rio Sêco, todavia, entranhara-se definitivamente no seu sentimentalismo.

Profunda nostalgia domina-lhe o espírito no primeiro ano, embora o Fonseca lembrasse um pouco, remotamente, o meio agrário de que procedera, já pela casa colonial em que habitava, já pelo silêncio em seu derredor, que fazia tanto bem à alma de um pensador, silêncio que o acompanhou por tôda a vida e que se tornou num dos melhores fatôres das suas produções intelectuais.

Descortinava, agora, novos panoramas na estrada da cultura. Aprendera muito entre os camponses. Na sua gleba havia entendimento entre o patrão e o empregado, mas êle achava que as condições de vida da gente humilde do campo precisavam ser melhoradas. Por bem dizer teve, na fazenda, a primeira aula de sociologia, sociologia ao vivo captada por sua maravilhosa intuição, numa pesquisa despretensiosa cujos resultados ficaram arquivados no cérebro para, posteriormente, lhe nortearem o destino.

Chegara a Niterói para aprimorar os conhecimentos humanísticos, mas o coração ficara em Saquarema. Falaram-lhe da casa com certo orgulho e tanto quanto se podia dizer a um rapaz sôbre uma revolução lhe foi dito. Numa das nossas palestras rememorou a impressão que lhe causara a insurreição do Regimento Policial, narrada por um parente, a poética intentona pronto rechaçada pela tropa federal. No quintal, sem maiores preocupações, encontrava estilhaços de granadas, o que representava nova fonte de impressões. Tomava conhecimento da história, sem intermediários.

O primeiro fato histórico que o impressionou foi a resistência heróica de Niterói, em 1893. Um familiar lhe narrara o episódio que guardou sempre na memória e, repetidamente, a êle fazia menção, como uma das coisas que conservava da infância. A esquadra amotinada fizera de alvo a brava cidade fluminense que "estava quase indefesa e se os dirigentes do movimento conhecessem a situação, fàcilmente dela se teriam apoderado" (12). Alguns vizinhos descreviam, também, para o filho de dona Balbina, as cenas tétricas daquêles terríveis momentos. Falavam da bravura do Coronel Fonseca Ramos, tenaz e destemido, contando sòmente com 70 soldados de polícia e davam às palavras um colorido forte, impressionando dessarte a mente do estudante.

A história do seu Estado natal começava a interessar-lhe. De perto acompanhou a luta para que Niterói retomasse os foros de capital, perdidos desde 1893. A capital fôra transferida para Teresópolis, em 13 de março de 1894 e, em seguida, provisòriamente, para Petrópolis. Quintino Bocaiuva, pressionado pela opinião pública, em 1902, decretava o restabelecimento da situação anterior e no dia 1.º de abril de 1903 consumava-se a reinstalação da antiga capital. Tais debates fascinaram a imaginção do adolescente.

Dona Clotilde, a irmã mais velha, que tinha a responsabilidade da administração da chácara do Holofote, aguçava-lhe a curiosidade, mencionando histórias que a atraíam sedutoramente. A mana achava-se revestida de grande parcela de autoridade que lhe fôra atribuída por dona Balbina e, dessa forma, teve de acompanhar os estudos do irmão mais moço que vinha aos seus cuidados. Mostrava-se orgulhosa quando surpreendia o Chico preparando as lições recomendadas pelo Professor Carlos Alberto. Alcides, seu irmão, ia cursando proveitosamente o Colégio de Mister Cunditt. Grande alegria para a família êsse pendor vocacional para os estudos!

O próximo objetivo a atingir seria o Colégio Pedro II. Durante três anos o menino ficou sob a direção do Professor Carlos Alberto, no educandário por êste mantido à rua da Praia, que se apresentava como detentor de recordes em aprovações nos exames preparatórios do nosso principal estabelecimento de ensino. Aluno que lhe caísse nas mãos e não revelasse propensão ao estudo podia desistir. Na matemática era inexcedível. Afeiçoara-se prontamente ao discente, cuja tendência à arte pitagórica era notória.

Na primeira aula de francês fôra colocado à margem porque a turma ia muito adiantada. Tìmidamente recebera um livro, com a recomendação de estudar as duas primei-

(12) José Matoso Maia Forte — Notas para a história de Niteroy — pág. 116.

ras lições a fim de, aos poucos, atingir o progresso dos colegas. No dia seguinte indaga-lhe o mestre:

Estudou as lições marcadas?

Eu li o livro todo, redargüiu o aluno, desembaraçadamente.

Dona Balbina, mais uma vez, valera ao filho. Ao sair do Rio Sêco, o preparatoriano já possuía conhecimentos de francês, transmitidos diretamente por sua genitora.

Nos fins de 1900 atravessava a baía de Guanabara, rumo ao Pedro II. Poucas vêzes havia ido ao Rio de Janeiro e, por isso, munira-se de um guia urbano. Considerava-se em plena forma, mas a ambiência lhe parecia hostil. A fama de rigor não o inquietava, mas poderia haver a surprêsa do primeiro encontro, num meio totalmente estranho e diverso daquêle em que estudara. A geografia poderia lhe armar uma tocaia. Em quinze dias revira o programa da disciplina com o Professor Varela. O amor próprio ditava-lhe a necessidade da aprovação, verdadeiro caso de honra. Findos os exames, obtivera a merecida vitória, concluindo o curso secundário.

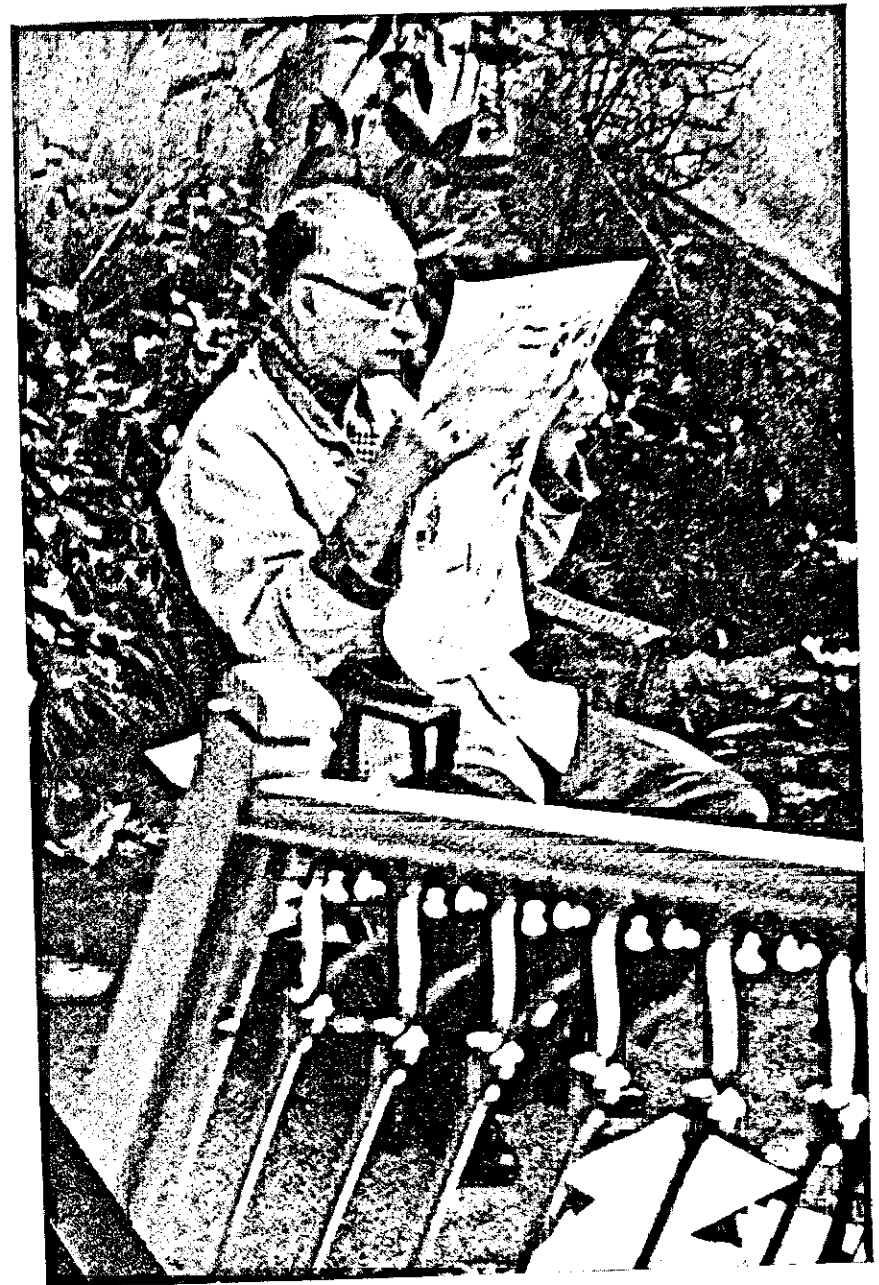
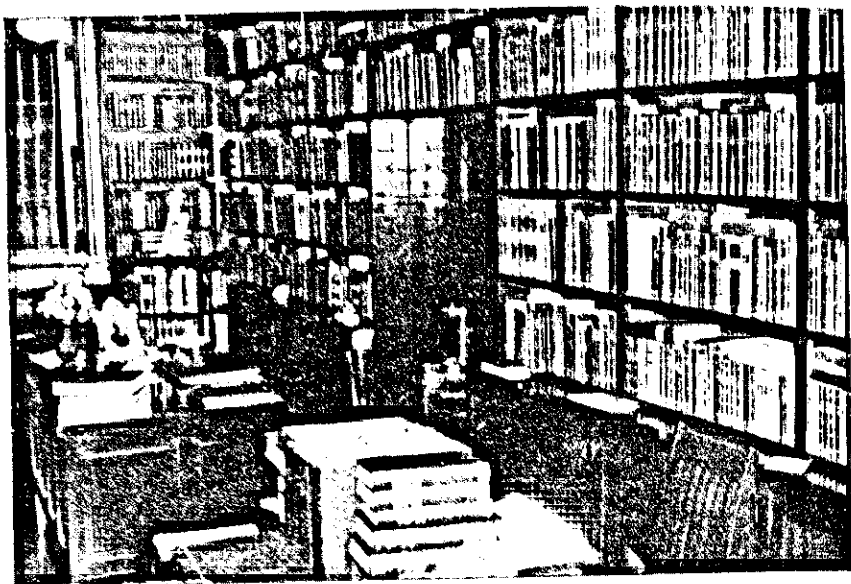
A matemática seduzia-o. Para quem prezava a objetividade, nada melhor que lidar com os números. A próxima etapa, indiscutìvelmente, seria a Escola Politécnica. Seu sonho era êsse. Lêra o programa do vestibular e admitia ser aprovado, êle que até então havia sido o primeiro aluno nos cursos que freqüentara. Tudo pronto para o desideratum. Dona Clotilde incentivava-o. Dona Balbina, sem pretender uma interferência direta, aconselhava prudência, dando-lhe liberdade na escolha da profissão porque tôdas as carreiras eram boas. Na intimidade, entretanto, sem que o filho suspeitasse, manifestava o desejo de que êle se formasse em Direito.

Estava em ordem a papelada para a matrícula. Semanas antes das provas, a sua dedicação ao estudo não teve limites e a confiança na admissão dominava-lhe a alma. Feliz, comparece à secretaria da Escola e exibe os documentos. Examina-os um funcionário que, com frieza, lhe diz ter-se encerrado o prazo das inscrições. Um impacto atingira-lhe o coração. Colhido pelo inesperado não consegue camuflar

a tristeza. Um ano perdido. Um castelo desfeito diante de uma simples frase protocolar pronunciada por um servidor subalterno da secretaria. Que iria dizer em casa? Estupefato, contrafeito e pesaroso regressou a Niterói. Na barca arquitetaria outros planos. Em casa não ficaria parado, de maneira nenhuma, recebendo a mesada. Retribuição só seria possível se se tivesse matriculado. Como seria recebida a notícia desagradável?

A voz lhe sumira quando relatou à dona Clotilde o que se passara. Obtivera solidariedade e apoio moral dos seus. A culpa não lhe coubera.

No dia seguinte volta ao Rio. Regressando ao lar, à noitinha, entre conformado e melancólico, diz: matriculei-me, hoje, na Faculdade de Direito.

Dona Balbina quando soube não conseguiu dissimular a sua incomensurável alegria. Seu sonho realizara-se...

Um dos últimos retratos, fixando uma atitude característica. Lendo os jornais e esparramando-os pelo chão

Vista parcial da biblioteca Oliveira Viana

Nesta velha cadeira, escrevia, de preferência, o mestre. Grande parte de suas obras, êle redigiu, ou melhor *bateu* na Remington que aqui se vê.

III

NA FACULDADE DE DIREITO

Os primeiros estudos sociológicos, históricos e literários. Atividade jornalística.

Desajustado consigo mesmo, prêsa de estranha indecisão naqueles primeiros instantes, ei-lo transpondo o templo de Ulpiano. Ingressara bem na escola, submetendo-se a provas para as quais não se dedicara suficientemente, de vez que outra era a sua meta. Na Faculdade de Direito havia os chamados preparadores, que tinham métodos próprios. Durante cinco anos Oliveira Viana ali permaneceria.

Frequentara as escolas primárias do Rio Sêco e cêrca de três anos assistira às aulas do Professor Carlos Alberto. Do seu explicador particular de Geografia, o Professor Francisco Varela, conservaria imorredoura impressão. Profundo conhecedor da História do Brasil, Varela sabia cativar a atenção do pequenino auditório, que o ouvia reverentemente empolgado. "E se vivo ainda fôsse o grande Francisco Varela — escreve Norival de Freitas, contemporâneo de Oliveira Viana (13) — o maior dentre os maiores professores que esta terra possuiu, teria, hoje, a alegria de ver realizado o seu vaticínio sôbre o futuro a que estava destinado aquêle seu discípulo, que sempre se destacara pela aplicação, pelo apêgo aos livros, pela avidez com que ilustrava o seu espírito, através dos melhores escritores da época e, sobretudo, pela sua viva e acutilante inteligência." A timidez de Viana não o afastava dos colegas; serviu para a construção de grandes amizades.

Na Faculdade não se destacava dos demais, a não ser pelo entranhado amor ao livro. Enquanto uns se iniciavam na arte oratória, aprendendo na forma da boa tradição os artifícios da retórica, ou versejando sem limites de produção, êle cuidava de levar a sério, estudando direito, o Direito.

Distante das rodas boêmias regressava ao Fonseca ao término das aulas, trazendo consigo, invariàvelmente, um livro que folheava durante a travessia. A política universitária era-lhe indiferente. De resto, no seu tempo de acadêmico, não se observava a agitação estudantil dêstes últimos vinte anos. No velho casarão do campo de Santana cuidava-se preferentemente do livro.

---

(13) Norival de Freitas — A Tribuna — 11-4-51.

Sem ser um triste, poucas vêzes ria, guardando, de ordinário, uma atitude ponderada de reserva. Era nobre a sua timidez. Introvertido, não se derramava em gesticulações e em fraseologias. Falava comedidamente e, quando se dispunha a abordar um assunto, o fazia com inequívoca simpatia. Enfronhado nas disciplinas, não raro, explicava, aos mais chegados, pontos obscuros. A sua aparência, para sermos exato, figurava mais a um mestre do que a um discípulo.

Repelia as exterioridades. O júri, a atração dos que estudam direito e que tem muito de ribalta, nada lhe inspirava. Nos prélios culturais da Academia esquivava-se de aparecer. Repugnava-lhe o cabotinismo, essa cortina de fumaça encobridora da mediocridade. Êste o seu caráter, modelado no sentido da perfeição e da dignidade. Honesto, combatia as vacilações dos dúbios. Modéstia sublime na suave naturalidade do seu pensamento. Lecomte Du Noüy (14) dissera que o homem é, em geral, muito mais modesto do que se pensa. No caso não se tratava de uma atitude que se estereotipava na fisionomia daquêle arquétipo de desprendimento e, sim, um meio de vida, uma conduta, uma diretriz, um hábito complementar da personalidade.

O amor à Faculdade era o lema de todos. Lá pontificavam, entre outros, os catedráticos Carlos Afonso, Leôncio de Carvalho, Cândido de Oliveira, Mário Viana, Dídimo da Veiga, Araújo Lima, Barros Pimentel e Serzedelo Corrêa. Êste ministrava Economia Política, uma das matérias prediletas de Oliveira Viana.

O regime escolar caracterizava-se pela exigência. Não se aprovava sem mais aquela. O velho Froes da Cruz, por exemplo, detinha o campeonato de reprovações em Direito Civil... Dirigia a escola o abnegado Doutor Franca Carvalho, estimadíssimo entre a estudantada pela compreensão habitualmente revelada.

Nessa fase de estudos jurídicos, Oliveira Viana não alcançou uma posição de liderança ou mesmo de destaque. Lia muito e, inclusive, mantinha-se fiel à matemática, tanto assim que, ao aprender o idioma inglês, abasteceu a sua biblioteca com livros versando temas algébricos, editados em Londres. O número reafirmando a incoercível inclinação da

(14) Leconte Du Noüy — A dignidade humana — pág. 188.

seriedade das suas observações. Não surgia no campo da publicidade, embora desenvolvesse intenso ritmo intelectual, ora anotando as aulas, ora escrevendo pequenos comentários.

Bacharel como tôda a gente, em 1905, terminava o curso. Carlos Afonso fôra o paraninfo da turma. No quadro de formatura, os bacharelandos fizeram inscrever esta divisa latina: Ante Omnia me esse justum opportet.

O exercício ativo da advocacia não estava nas suas cogitações. Não pretendera arriscar-se, de imediato, nas sortidas temerárias dos que, egressos da Faculdade, instalam açodadamente o escritório e permanecem na prolongada espera dos clientes. Ademais não seria em tempo algum um homem para o Fôro, essa instituição de mistérios impenetráveis, templo às vêzes e, outras, cavernas de Ali-Babá. Para que desiludir-se? A matemática, sim, é que era a grande companheira.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais passou a integrar o corpo docente do Colégio Abílio, de Niterói, como professor de matemática. Familiarizado com os teoremas, estava à vontade na cátedra. Inspirando confiança, logo ampliou o raio de ação, passando a dar aulas particulares. Os alunos pobres nada lhe pagavam. Nos vagares do magistério retornava ao estudo daquelas ciências aprendidas na Faculdade. Ia, gradativamente, se apaixonando pela história, pela filosofia, que enfeixou num caderno sob o título "Idéias e Fantasias." Nesses trabalhos dá curso ao pensamento, evidenciando argúcia e objetividade. Aos vinte anos possuia cultura razoável e essas páginas o identificam como escritor de talento.

O seu primeiro estudo cuida sôbre "a escola antropológica e a escola clássica", no qual fala da porfia dos diferentes grupos ideológicos, acentuando: "Inútil de todo se me representa esta contenda, que há pejado de monografias e tratados as bibliotecas: quem atentar nessas engenhosas doutrinas e sujeitá-las ao escalpelo da análise comparativa, descobrirá de pronto que, longe de colidirem, harmonizam-se e enfeixam num só corpo doutrinário. E são por isto como caudalosos afluentes do grande rio criminológico; tôdas elas vão engrossar as águas dêle com as exuberantes riquezas das suas pesquisas e investigações."

A letrinha miuda, escrita em tinta vermelha, apresenta-
nos o segundo estudo: "Darwinismo na literatura". Oli-
veira Viana contava então dezessete anos de idade, con-
vém notar. Em seguida aborda uma tese jurídica: "Ihering-
Savigny. Síntese conciliatória." Referindo-se ao livro de
Aderbal de Carvalho, sôbre "A poesia e arte no ponto de vista
filosófico", escreve: "impressionou-me profundamente uma
indução audaciosa aí expendida. O papel da arte se me de-
parou a mim sob um aspecto inesperado, e dela a importância
cresceu desmesuradamente ao esboçar da sua influência sô-
bre as gerações do futuro.' No ensaio sôbre o "Futuro do
espírito", comenta Nietzche e liberta um tom confessional de
devaneio: "a mim, me basta tão sòmente que, na humilde
simplicidade dos frouxéis dessas notinhas, encontre plácido
e inocente sono, a nossa maravilhosa descoberta." Segue-se
a "França e o seu papel na história." Em "O princípio da
democracia" observa: "o seu nome é o símbolo duma reden-
ção. O seu fundamento é a consubstanciação mais perfeita
da justiça humana: a igualdade. O seu princípio é a consa-
gração dos direitos do homem, do seu aperfeiçoamento, das
suas aspirações, dos seus ideais todos: é a liberdade. E como
que ligando êsses dois conceitos fundamentais por um élo
imortal de harmonia e amor, êle escreve no pórtico do seu
templário, em dizeres luminosos, como uma advertência ao
homem e ao cidadão: amae-vos uns aos outros." Depois, na
ordem: A evolução da idéia do Direito; Futuro provável da
idéia do Direito; A pena de morte; Sôbre literatura portuguê-
sa. Examinando êsse material poderemos acompanhar a for-
mação do sociólogo.

Em "A crise social" — que, com tinta azul, definiu como
um ensaio filosófico-nefelibata — deixa bem clara a sua pro-
pensão. As palavras ali escritas têm impressionante atua-
lidade: "uma imensa onda de lama vai entrando lentamente,
morosamente, compassadamente, os recessos mais íntimos da
sociedade, e vai diluindo tudo e tudo corrompendo. A parte
agora sã não resistiria a lenta invasão: há de ser também
absorvida no mar untuoso da Sanie." A seguir uma análise
sôbre a natureza e a arte e outra sôbre o romantismo, classi-
cismo e naturalismo. O penúltimo cuida da "Estilomania",
do qual convém destacar o seguinte: "êste vício — se é vício
— vem aliás de longe; não é um fato passageiro, uma fórma
transitória do pensamento. Radicula-se na índole da nossa
raça, a mais artística de tôdas as outras, a opulenta herdeira
da luminosa Helenia". Citando Eça de Queiroz ao afirmar

que o português nunca pode ser homem de idéias por causa
da paixão da fórma, aduz: "o brasileiro não se poderia furtar
a essa índole da sua raça. Essa tara étnica deixa em nossa
literatura sulco profundo e luminoso. É por isso que vemos
contìnuamente em nosso país esplender à luz da publicidade
luminosos enxames de creações poéticas." Finalmente escre-
ve sôbre o progresso intelectual. Todos êsses escritos tinham
a letra V, estavam numerados e se encontram inéditos.

Tal precocidade indicava o amadurecimento da sua cultu-
ra. Eram êsses os prazeres da sua mocidade. Os origi-
nais, pela ausência de pressa, conservar-se-iam guardados por
tôda a vida, como se fôssem um desabafo, um diário, notas
despretensiosas de cultura que significavam uma síntese de
leituras avançadas.

Joaquim Nabuco era o seu paradígma intelectual. Ouvin-
te da sua palavra e leitor dos seus livros, Oliveira Viana, du-
rante o curso de direito proclamava decidida admiração e sin-
cero devotamento ao demiurgo da abolição. Mantinha o
culto pelo homem de letras, pela pujança do seu verbo e pelos
exemplos da sua vida. "O Abolicionismo" e "Minha Forma-
ção" eram lidos, relidos e recomendados. O autor de "Um
estadista do Império' falava à sensibilidade de Oliveira Viana.
Talvez as tiradas filosóficas de Nabuco, exprimindo uma face
da realidade nacional, lhe tenham impressionado ou o papel
por êle desempenhado no grande drama histórico, interpre-
tando os sentimentos do menino que, na fazenda, se mesclava
com a escravaria e sonhava com a sua libertação.

Nabuco enfeitiçou a juventude de Viana, que por êle con-
servou durante a vida um culto apaixonado. Celso Vieira (15),
na biografia do grande brasileiro, nos dá conta dessa admira-
ção que os jovens mantinham pelo ardoroso tribuno: "a pre-
sença do orador vibrantemente apolíneo deixaria aos moços
uma recordação inapagável. Entre os estudantes e adolescen-
tes, que em 1884 o ouviam no teatro, o escoltavam na rua, Gra-
ça Aranha, seu futuro discípulo, exclamará depois de quarenta
e um anos: quando aparecia na tribuna, era como um Cru-
zado, revestido da refulgente armadura da eloqüência. Ah!
Quem o viu então!... Dir-se-ia a nossa grandeza tropical em
tôda a sua pujança, em todo o esplendor. Ah! quem o viu
assim, que saudades!" Não estaria menos saudoso aquêle

(15) Celso Vieira — Joaquim Nabuco — págs. 148-149.

jornalista pernambucano, afeiçoado como Graça Aranha, ao escrever sôbre as conferências, vinte e seis anos após a campanha do Recife: "Delas tive impressões que nunca mais recebi — nem ouvindo José do Patrocínio, nem Rui Barbosa, nem Gomes de Castro, nem Gastão da Cunha, nem Assis Brasileiro, nem Pedro Moacir. É que Nabuco possuia, êle só, todos os requisitos de oratória, divididos por aquêles oradores, tendo ainda outros por nenhum dêles possuídos" [16]. Digno de registro êsse devotamento num homem que, pessoalmente, destestava a tribuna.

Viana, num dos momentos culminantes da sua carreira, citaria êste pensamento de Nabuco: "Si alguma coisa observei no estudo do nosso passado é quanto são fúteis as nossas tentativas para denegrir e como sempre vinga a generosidade. Infeliz de quem não tem entre nós outro talento ou outro gôsto senão o de abater! A nossa natureza está votada à indulgência, à doçura, ao entusiasmo, à simpatia e cada um pode contar com a benevolência ilimitada de todos" [17]. Êsse, o ídolo da sua juventude; êsse, o mestre da sua maturidade. A resplendência de Nabuco iluminaria, também, o seu caminho.

Arredio aos grupos tinha, no entanto, um faro miraculoso para a escolha dos amigos. Entre êstes aparece Joaquim de Melo, môço que estudava sociologia e que vinha dirigindo o *Diário Fluminense*, periódico bem feito, diferente, movimentado e que, segundo a opinião do proprietário, "destoava do comum dos jornais, porque o calquei nos princípios da Escola de Le Play, pela qual andava então apaixonado, aplicando-os aos estudos das questões do Estado e do município." Melo instara, seguidamente, no sentido de obter para a sua fôlha a colaboração de Oliveira Viana. Até que se decidisse teve de fazer cessar os efeitos danosos da decepção que lhe causara o primeiro artigo enviado à publicidade.

Na ocasião cursava Viana os preparatórios. Graças à amizade mantida com Alfredo Azamor, secretário de *O Fluminense*, enviou ao matutino o artigo pacientemente redigido. Azamor exercia as funções de crítico literário e, no seu retrospecto dominical, anunciou que, dentro de breves dias, se-

(16) Idem — citação de Sebastião Galvão, in Dicionário de Pernambuco, 3.º vol. — pág. 218.
(17) Oliveira Viana e o momento brasileiro — pág. 49.

ria publicado um artigo do Sr. Oliveira Viana. Alvorotou-se o incipiente jornalista, na expectativa ansiosa de que o original gemesse no prelo. Chega o dia, enfim. Todavia a ruidosa esperança, tôda tecida de alegria, transforma-se em mágua inescondível: o seu trabalho saíra nos *a pedidos*...

Antes de aceitar o convite insistente para a colaboração efetiva no *Diário Fluminense*, escreveu um pouco em *A Capital*, órgão fundado por Alvares de Azevedo e secretariado por Quaresma Júnior. Joaquim de Melo relembra a passagem, admitindo que a atração decorrera da novidade da orientação leplayana. "Ao cabo de quatro anos [18] — relata o diretor — de publicação ininterrupta e de crescente circulação, o *Diário Fluminense* desapareceu tràgicamente, no dia inaugural da segunda presidência redentora de Nilo Peçanha, por obra e graça de um grupo de correligionários do saudoso republicano, dentre os quais se destacava um que, não obstante ter participado da revolução de 30, veio a pagar caro aquela façanha, vendo-a repetida com o seu também *Diário*. Simples fatalidade dos Diários, que não vem a propósito senão como reminescência oportuna." Neste jornal Oliveira Viana colaborou assìduamente e a sua pena, de acôrdo ainda com o informe de Melo, era apreciada, garantindo o êxito da publicação.

Fechado o jornal não se interromperiam as suas atividades publicitárias. O leal amigo Joaquim de Melo, a quem êle chamou de inquieto, vibrátil, brilhante sempre, o arrastou para o jornalismo carioca, primeiro em *A Imprensa*, de Alcindo Guanabara e, posteriormente, em *O Paiz*, sob a chefia de Abner Mourão. Era o início da aurora esplendente. A imprensa projetava-o e êle reconhece ao proclamar um dia: foi com jornais e jornalistas que comecei me entendendo e, para ventura minha, é ainda com êles que continuo a me entender...

Num depoimento auto-biográfico sinceramente consignaria: "Das colunas *d'O Paiz* me chamaram paulistas: Pinheiro Júnior e Plínio Barreto — para a Revista do Brasil; e, depois, Monteiro Lobato — para a grande publicidade dos livros (pois devo a Lobato a primeira edição das Populações Meridionais). Foram êstes os espíritos generosos e desinteressados, os gênios bons e benfazejos que assistiram aos meus co-

(18) Joaquim de Melo — Espírito de cooperação — Monitor Campista — 7-5-39.

meços literários. Um fluminense, um espiritossantense, um pernambucano, três paulistas. Dêles só Melo e Mourão me eram conhecidos e meus amigos; a Lobato vim a conhecer depois e a estimá-lo e admirá-lo até a fascinação. Dos outros — dos que ainda estão vivos — não tive até agora a grata oportunidade de lhes poder dizer de viva voz o meu agradecimento pela sua assistência providencial... Deixo-lhes aqui êste testemunho leal, aqui lhes rendo esta homenagem do meu reconhecimento comovido" (19). Termina por dizer que êsses amigos o foram buscar no retiro e o impeliram para diante e para a luz.

E a profissão de advogado? Essas elocubrações, sem o traço do romantismo dominante, não lhe rendiam o suficiente para o sustento. Estudara leis e delas ia se apartando. Parece que a formalística da carreira mostrava-se inconciliável com o seu temperamento. Como poderia ir declamar no proscênio de um tribunal, repetindo velhos chavões forenses, citando as gastas expressões do Dicionário das frases latinas, êle que era vexado de natureza? Jornalista profissional não poderia ser; jamais redigiria contra as suas idéias. A imprensa, porém, vinha influindo na sua vida. Fôra a pedra de toque para que a sua glória se prenunciasse. Ao bacharelismo vazio iria preferir o estudo realístico dos problemas nacionais.

Mas tinha de salvar, domèsticamente, as aparências. Provar, ao menos, que tentava a advocacia. Poderia ser um jurista, mas o batente advocatício, pura e simplesmente, não se coadunava com o seu íntimo. Vai experimentar, assim mesmo. Associa-se a um colega, Porfírio Soares Neto, que tinha escritório à rua do Carmo, no Rio de Janeiro. Irritadiço, o bacharel encontrava nos menores fatos elementos para grandes contrariedades. Um dia espouca a desavença entre os dois. Tinha sido forte a discussão, mas a sociedade não se desfaz. Dali para a frente os dois não trocariam sequer um cumprimento. O cliente não vinha. Porfírio prescrutava o teto, como se de lá lhe caísse a causa esperada. Viana mergulhava nos livros e escrevia. Oportuno derivativo, onde se pode buscar o embrião de Populações Meridionais do Brasil.

O Fôro perdia um causídico. A sociologia ganhava um estudioso firme, um pioneiro para abrir indevassável matagal.

(19) Ob. cit. — págs. 27 e 51.

IV

O ENCONTRO COM ALBERTO TORRES

Ingresso no Magistério Superior

A atuação na imprensa granjeara-lhe bom conceito. Continuava o homem esquivo, avêsso à notoriedade. Tornava-se, porém, um nome falado; falado mas desconhecido. A profundeza das investigações, o estilo correntio e aprimorado, a seriação dos assuntos, a ordem e a honestidade nas afirmações, a dosagem, tudo isso criaria um clima de receptividade ao trabalho jornalístico que vinha empreendendo.

Não escrevia nos moldes antigos. Detestava o palavrório ôco, inconsistente, arenoso, na estilística maçuda e enfadonha dos que, sem imaginação ,rebuscam os vocáculos para vestirem a falta de sentido. Nitidez, segurança e lógica no trato das teses que abordava.

Anselmo Macieira, sob êsse prisma, escreveu: "dominou-o, desde o primeiro instante, a santa obsessão do realismo. Nada de literaturas, de divórcio com o meio" [20]. Selecionando dois trechos expressivos de Oliveira Viana, ilustra o autor o seu esfôrço bio-bibliográfico: "o problema da nossa salvação tem que ser resolvido com outros critérios, que não os critérios até agora dominantes. Devemos doravante e, por um esfôrço de vontade heróica, renovar nossas idéias, refazer nossa cultura, reeducar nosso caráter." Assim procedeu.

Nessa fase vinha se destacando um outro fluminense, de valor cultural inconteste; Alberto Torres. Filho, também, da Baixada, projetava-se no cenário brasileiro, defendendo novas idéias políticas e sociais. Um reformista prático e inteligente que se mostrava seguro diagnosticador dos nossos males. Sua palavra oracular atraía à casa das Laranjeiras, não sòmente um grupo de jovens ávidos de saber, mas figuras proeminentes das letras pátrias. Estrêla de primeira grandeza, brilhava nos caminhos escuros da ciência política e o poderio da sua influência já se fazia sentir. Um pensador que se agigantava num meio liliputiano. Trazia fórmulas novas para problemas velhos.

Carlos Pontes afirmara que, no Brasil, um homem de pensamento é um personagem trágico e a respeito escrevera:

---

(20) Anselmo Macieira — Boletim Geográfico — Julho, 1943 — pág. 156.

"Pensar num meio assim, sabendo-lhe a desconformidade angustiante, relapso o senso de julgamento, arbitrária e caprichosa a aferição dos valores; pensar num meio assim desorientado ,em que estimulam fàcilmente as fórmas mais hediondas de arrivismo, as improvisações mais audazes e as intrujices mais cínicas, em que à expressão da cultura se contrapõe o farisaismo da pedanteria oportunista e ao saber desinteressado as simulações perigosas, em que tudo se nivela e se anula, em que os pensadores de verdade e os rábulas das idéias, os charlatães de Estado e os construtores de nacionalidade, todos, lado a lado, se confundem no mesmo plano simplificador da história, deveria ter sido para um espírito como o de Alberto Torres uma dessas provações terríveis, se aquêle alto sentido de humanismo, que era a forma militante da inteligência, não lhe houvesse criado o clima especial da sensibilidade, dando-lhe pela sabedoria o dom da indulgência e da compreensão" (21). Veja-se que grave missão, que coragem em se desligar dessa ambiência e romper êsses círculos de ferro.

Alberto Torres procedia da carreira política. Deputado estadual, deputado federal, Ministro da Justiça — no govêrno Prudente de Morais — e Presidente do Estado do Rio, no período compreendido entre 1.º de Janeiro de 1897 a 31 de Dezembro de 1900, em cuja governança patenteou-se administrador sensato. A chefia do executivo estadual encerraria a sua carreira de homem público. A vida partidária deixara-lhe feridas que sangravam. A política é antropófaga: aniquila, mata e devora. Quem cai nas garras aduncas do monstro se logra escapar não se livra das cicatrizes. É ferro em brasa que cauteriza as entranhas humanas. Daí a velha frase que Oliveira Viana sempre gostava de repetir: a política leva a tudo, contanto que se saia dela a tempo. Alberto a suportara. Viana não quis conhecê-la.

Alberto não olvidaria os momentos dramáticos do afã partidário e as decepções não se esfuminhariam no horizonte do esquecimento: "Na política, — disse — se tôdas as lutas que se me defrontaram no esfôrço por manter o prestígio e a honra da autoridade pública a salvo da desmoralização, se todos os desgostos pessoais que sofri pela decepção do rompimento com amigos políticos logo em comêço do meu govêrno — rompimento que nunca desejei — se tôda a energia empregada por continuar a fazer do Estado fluminense um verdadeiro cooperador da fôrça, da prosperidade, do prestígio interno e externo da Nação, e das suas instituições, se tôda a minha lealdade, aos deveres superiores e aos princípios morais e práticos do regime, ligados à essência e à razão muito me fizeram por me trazer amarguras e decepções, consola-me, entretanto, o confôrto da consciência de poder recordar tôda a linha de minha conduta, vendo nela refletir-se continua a inspiração do mesmo impulso que me levou a protestar solenemente, por ocasião do aludido rompimento, que, encerrado o meu período presidencial, estaria também encerrada a minha carreira política, realizando assim, a obra sã de moralidade pública" (22). Concluía dissertando sôbre os vícios e os defeitos do regime, a seu ver, em completo estado de dissolução.

(21) Carlos Pontes — Prefácio ao livro de A. Saboia Lima, "Alberto Torres e sua obra" — págs. 9-10.

Cambiaria a política pela magistratura. Campos Sales, tendo em vista as apuradas qualidades do homem de saber, nomeou-o Ministro do Supremo Tribunal. Juiz da mais alta côrte de justiça, impusera-se pelo talento e pelos pareceres judiciosos que prolatava (23). O jurista revelava a cada passo a sua prisão sentimental à sociologia e à ciência política. Cerebração predestinada, diria num extravasamento: os homens felizes são incapazes de fazer justiça, porque não têm a noção do fenômeno mais comum da vida que é a dor.

Oliveira Viana e Alberto Torres estão em plena atividade jornalística. Aquêle cuida de assuntos sociais brasileiros e êste faz pregação em tôrno de problemas de organização. Não se conhecem. Mùtuamente se lêem. O primeiro era um estreante. O segundo, pena consagrada e voz religiosamente ouvida.

Em "O Vassourense", hebdomadário dirigido pelo tribuno fluminense Maurício de Lacerda, aparece transcrito um artigo de Alberto Torres, que escapara à leitura de Viana, no Rio. Resolve comentá-lo na coluna que tinha em *O Paiz*. Para Alberto o articulista era inteiramente estranho. Vai ver de quem se trata, indo para êsse fim à redação, onde adquire informações detalhadas, sentindo o carinho que ali nutriam pelo comentador do seu trabalho. Toma-lhe o endereço e sem maiores delongas, escreve uma carta ao solitário da Ala-

(22) A. Saboia Lima — ob. cit. — págs. 27-28.
(23) Ob. cit. — pág. 140.

meda. Começa por dizer que recebe às segundas-feiras e espera o seu comparecimento. Viana recebe a missiva com agrado. Arquiva-a até que uma segunda carta de novo o convoca em têrmos afetuosos. Guardou-a igualmente. Não pudera atender ao generoso apêlo.

O Ministro do Supremo Tribunal via baldada a tentativa. Persistente, insiste mais uma vez, pois timbrava em estabelecer contato com o jornalista que tanto o impressionara. Na intercorrência dessas continuadas solicitações, Alberto — que visitava muito pouco — decide procurá-lo diretamente, em Niterói. Oliveira Viana, em trajes caseiros, surpreende-se com a cortesia. O inesperado embaraça-lhe a decisão. Afinal de contas a visita era importante. Um Ministro do Supremo Tribunal procurava um jovem bacharel. Um mestre renomado homenageando um jornalista que se iniciava. Situação difícil, jamais esquecida por Oliveira Viana.

A Nelson Werneck Sodré (24) forneceu alguns lances dessa entrevista. Aqui reproduzo a descrição, que é verídica: "Há quanto tempo se dedica a essa espécie de estudos, inquire-lhe Alberto. Oliveira Viana responde com franqueza. Alberto tem mesmo má impressão dêle. Não pela sua maneira de conversar. Mas porque na resposta, por uma questão de datas, revelara, inconscientemente, não ter conhecimento de uma quantidade de artigos do autor de *A organização nacional*. Não era um discípulo, portanto. Decepção. Torres retoma a palestra.

— Já fêz versos?

— Não.

— Prosa rimada?

— Nunca.

Essa curiosa entrevista não impede que se tornem amigos. Oliveira Viana reuniria, mais tarde, os artigos publicados, a respeito da obra de Alberto Torres, em *O Paiz*, nos Problemas de política objetiva."

Fôra cordial, contudo, o *tête à tête*. Alberto lhe avivaria a chama criadora. Pela fidelidade com que foi redigida

(24) Nelson Werneck Sodré — Orientações do pensamento brasileiro — págs. 70, 71 e 72.

a passagem no livro supra-mencionado, me não posso furtar o ensejo de transcrevê-la: "Porque, realmente nem Alberto Torres influiu, jamais, na mentalidade e no rumo das idéias de Oliveira Viana nem êste lhe foi um discípulo dos mais chegados. Explica-se, aliás, o caso e os erros de apreciação que, em tôrno dêsse ponto, se tenham formado, de uma maneira muito simples: Torres era de um inaudita sensibilidade às discordâncias. Quando essas discordâncias se constituiam em contraditas, então, êle sofria profundamente. Sua espôsa tinha um enorme trabalho, no generoso afã de levantar o ânimo do escritor e pensador, tanta vez abatido, ou pela falta de eco que as suas idéias encontravam, ou pela oposição que despertavam. Aquela ressonância excepcional que êle sempre demonstrou em sentir, apuradamente, os males que atormentavam o país, demonstrava-a, também quando, se confrangia ante o debate desfavorável das suas idéias. Ora, conhecedor dessa interessantíssima particularidade do temperamento de Alberto Torres, Oliveira Viana, na sua delicadeza, sempre se preocupou, nos estudos à margem dos trabalhos do pensador fluminense, em só acentuar as concordâncias entre o pensamento de ambos. As discordâncias, êle as escondia e calava." Êste era um requinte da sua costumeira generosidade, muito bem sublinhado.

Rendera-se o renitente jornalista. O entendimento resultara em simpatia e a pessoa de Alberto infundira-lhe confiança. Se divergiam de uns quantos pontos, por outros se associavam por afinidades temperamentais. O pensador não se conformava com a pronta expansão da sua doutrina entre o povo, sem atentar, como de Spinoza dissera Arnoldo Zweig (25), que é destino do homem de gênio ser distinguido e esquecido das multidões; mas, em compensação, êle pode contar, sem reservas, com um pequeno grupo que lhe percebe, em vida, o sôpro e a grandeza do seu espírito, garantindo-lhe, assim, a posteridade.

Alberto Torres contava com êsse pequeno grupo, no qual realçavam-se Alcides Gentil, Sabóia Lima, Porfírio Neto, Antônio Torres, Carlos Pontes e Mendonça Pinto. A êle, discretamente, juntar-se-ia Oliveira Viana. Todos eram torreanos vermelhos. Viana agia com ponderação. Participava das tertúlias e, muito raro, emitia um ponto de vista. Um ouvinte atencioso que, freqüentemente, passava por cima das próprias convicções, só para não molestar o brilhante conterrâneo,

(25) Arnold Zweig — Spinoza — pág. 45.

cujo verbo impressionava, deixando bem claro o sinal da sabedoria.

Paralelamente estabelecia amizade com os integrantes do grupo, como aconteceu com Alcides Gentil, sem dúvida um dos mais extremados no culto a Alberto Torres. Eram dois homens simples que se embaraçaram no primeiro encontro em Niterói. Viana querendo homenagear o paraense ilustre, preparou-lhe um almôço de cerimônia. O conviva refugou todo o banquete, constrangendo o hospedeiro e a família. Intrigados diante do jejum perguntaram-lhe a razão da atitude: eu só como feijão com arroz, respondeu o fiel seguidor da obra torreana.

Terminado o livro que de há muito estava escrevendo, Alcides Gentil e entregou a Oliveira Viana para o prefácio. Nessa apresentação requinta a pureza do sentimento de Viana em relação a Alberto. O autor da obra convivera intimamente com o evangelista, freqüentara-lhe os serões e convencera-se do providencialismo do santo da sua devoção intelectual. O prefaciador acentuara ser o menos assíduo e o mais dissidente daquela pequena academia. Como pensava deixou escrito ([26]) o que se segue: "Torres tinha uma palavra fácil, colorida, vibrante, fluentíssima, de uma fluência quase incontida e incoercível. Falava alto, em tom oratório, como se estivesse em estado permanente de exaltação. Uma das coisas que mais me impressionava em Torres, nestas palestras feitas ao modo de discurso, era a facilidade, mais do que isto, a segurança absoluta com que êle, depois de pontilhar a sua exposição com uma série de interrupções, digressões e devaneios incidentes, voltava ao tópico inicial, retomando o fio do raciocínio inconcluído, para continuar o seu pensamento, expondo-o com lucidez perfeita, e ardente, exaltadamente, como sempre. Do seu convívio eu não recebi apenas a impressão de uma das mais nobres consciências cívicas que tenho até agora conhecido. Ninguém poderá imaginar, a não sermos nós, que viviamos dentro da sua afeição e recebíamos as suas confidências, ninguém poderá imaginar o que havia de sinceridade, de devoção, de abnegação, de patriotismo exaltado e puro nesse tipo perfeito de cidadão, que era Torres." Para Oliveira Viana, Alberto Torres fêz-se uma espécie de caixa de ressonância de tôdas as agonias e tristezas da pátria.

(26) Oliveira Viana — prefácio.

Susceptível ao sofrimento de Alberto Torres, êle apressava-se em dar um testemunho envolvente de solidariedade. Os egoistas acabavam com aquela vida, cujo martírio moral chegava a suplantar a dor física, consumindo-se — como escreveu — no próprio civismo indignado. Fêz um retrato de meiguice, de ternura, de bondade cristã. Parecia sofrer junto ao amigo, mormente nas horas em que as procelas da incompreensão furiosamente rugiam, no estrondo anunciador do despeito e da maledicência.

Por que não publica um livro? — Indagou-lhe de uma feita Alberto Torres. Ficaria eternamente grato ao amigo pela lembrança. No fundo alimentava êsse anelo. Traçava planos para uma obra de fôlego. A animação, o prognóstico de êxito, o ineditismo, o estímulo, em suma, que recebia de Alberto, agradava-lhe imenso. A sugestão estava sendo feita em boa hora, já que, mentalmente, esquematizara um ensaio. Muitos dos artigos de jornais poderiam ser compilados, pois entre êles existia um nexo, uma seqüência.

Afastar-se-ia durante largo tempo da querida matemática para lecionar na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro, ([27]) a partir de 1916. A universidade impetrara a sua ajuda. Recebera convite da Congregação, em face do mérito pùblicamente revelado. Vai ministrar *Teoria e Prática do Processo Penal,* matéria com a qual teve de familiarizar-se. Por si não escolheria essa disciplina, mas o magistério superior equivalia a um galardão.

Sob o influxo das teorias de Ferri preleciona aos acadêmicos. Escarafuncha a obra do criminalista italiano. Empolga-o mais o sociólogo que o criminalista, diante da preferência iniludível do seu espírito, o que demonstra irrebatìvelmente. Sem os tropos, sem as poses declamatórias, sem mímica, sem o timbre metálico da voz de Alberto Torres, consegue arrebatar os ouvintes. Alunos de outras séries vêm ouvi-lo. Cresce a sua fama e amplia-se o prestígio do seu nome. O Diretor da Faculdade, o circunspecto Leopoldo Teixeira Leite vai escutá-lo de quando em vez.

Manteria êsse padrão até o dia em que pôde comparecer às aulas na tradicional Faculdade. Na cátedra de Direito Industrial, que exerceu desde a sua criação, espraiava ainda

(27) Depois Faculdade de Direito de Niterói.

mais o seu extenso saber. *Hoje é dia de Oliveira Viana,* falavam. A assistência crescia desmesuradamente e muita gente ficava de pé!

Valeram os contatos com Alberto Torres. O seu feitio modesto carecia de um estímulo poderoso, de um conselho fraterno, da palavra abalisada de um julgador insuspeito, para que a sua carreira não ficasse circunscrita nas fôlhas do jornal, ao revés, esplendesse com evidência por todo o Brasil, mediante a divulgação, em livro, das suas percucientes investigações sôbre as realidades nacionais.

Populações Meridionais do Brasil começava a nascer.

VI

DOENÇAS E PEQUENAS VIAGENS

A morte de Dona Balbina

Do morro do Holofote, havia descido para o prédio da Alameda São Boaventura. De linhas harmoniosas, com janelas altas, situado no centro da chácara, essa mansão houvera sido presenteada a um parente próximo, por quem o pai de Oliveira Viana nutria especial afeição. Rehavida, mais tarde, por compra, nela se alojara, definitivamente a família. Aquela obra, por coincidência, tinha sido construída pelo progenitor do poeta Alberto de Oliveira. Era, portanto, saquaremense por dentro e por fora.

Entregue aos livros, Viana possuía, em plena cidade, o inspirador silêncio do campo. Desenvolviam-se intensamente os seus estudos. Não lhe importava o tempo e, quando dava por si, a madrugada o surpreendia. Identificado ao trabalho, alheava-se do exterior. Excedia-se, maltratando o corpo franzino. Não mede o esfôrço. As canseiras provenientes de continuadas vigílias acabam prostrando-o e, em 1917, adoece. A fadiga traz outras complicações e a solução é procurar uma zona serrana, de clima mais suave que o da capital fluminense.

Antônio Austregésilo, médico assistente, indica-lhe a localidade de Boca do Mato, ao pé da serra de Friburgo. Para lá embarca em companhia dos familiares. Na bagagem que leva destaca-se um volume, pelo qual, na estação, deixa transparecer desvelada atenção, dêle não se arredando.

Entreolhavam-se os passageiros da modorrenta Leopoldina Railway. Positivamente, naquela mala, estaria contido um tesouro, quem sabe jóias de valor, pois o vigilante olhar do seu guardador denunciava certa intranqüilidade. A suspeita cresceu quando o viajante fêz questão de que o objeto de tantos cuidados seguisse ao seu lado. Movimentado o comboio, o vizinho da cadeira, abelhudamente, quer saber sôbre o conteúdo de tão importante bagagem. São os meus livros, responde-lhe Oliveira Viana.

Boca do Mato, pertencente ao município de Cachoeiras de Macacú, prestava-se ao restabelecimento da saúde abalada. Os acompanhantes redobravam a guarda a fim de conter-lhe os excessos, mas a vigilância era sempre burlada pelo estudioso infatigável. Durante seis meses leu e escreveu

sem razoáveis intervalos de descanso. A natureza em volta transformava-se em incentivo ao cansativo labor. O facultativo dizia à Dona Emérita, sobrinha do enfêrmo, que êle saíra para um prolongado repouso e nunca para tamanho dispêndio de energias. Seria mais adequado que mudassem de vilegiatura.

São José dos Campos é o lugar sugerido, onde pouco se demora. Passa por Campos de Jordão. Curta é a permanência. O ambiente desta cidade paulista tresanda a sanatório, impróprio por isso ao seu restabelecimento. O lugar era aprazível, mas soava aos ouvidos a nostálgica balada das tosses e dos ofêgos, tão bem descrita pelo poeta. No cruzeiro em busca de melhoras chegaria a Barbacena e a Palmira. Minas lembrava algo de fluminense e as semelhanças lhe fariam bem. Essas duas cidades das Alterosas inspirar-lhe-iam uma das páginas mais representativas das suas observações [28]: Minas do Lume e do Pão.

Dos mineiros ouvira falar na infância. Êles se prendem a mim por um pequena reminiscência, uma dôce reminiscência dos tempos de meninice, diz Oliveira Viana, reportando-se à fazenda indeslembrável: "Foi depois da Abolição, talvez mesmo depois da guerra civil, já em pleno climax da febre cafeeira. Por êsses campos desolados pelo êxodo escravista, corria, por êsse tempo, a voga de uma cantiga que nunca mais esqueci. Pelas estradas silenciosas da minha aldeia natal, — cheias, lembro-me bem! da luz dôce dos seus grandes luares — os pequenos Carusos rurais passavam cantando, numa toada semelhante à da canção dos tropeiros:

Vou-me embora para Minas,
(diziam com voz trêmula e longa, alagando de melancolia a solidão da noite iluminada),
Vou-me embora para Minas,
Mineiro está me chamando,
Mineiro tem mau costume:
Chama a gente e vai andando!

Nunca pude compreender a razão dêsse preconceito dos meus conterrâneos sôbre os mineiros. Tentei explicá-lo dizendo que, naturalmente, êles, que, por aquela época, costumavam descer para essas planícies em busca de braços

(28) Oliveira Viana — Pequenos estudos de psicologia social — 3.ª edição — págs. 31-32.

para as suas lavouras, traziam os bolsos recheados. Chegavam, convidavam, desenhando ante a imaginação do planícola arruinado uma grandeza e fortuna nas plantações; mas não insistiam; era se quisesse; e iam andando... Talvez fôsse isto. O que é certo é que esta impressão me ficou — como tôda a impressão que se cunha na cêra mole do nosso caráter. Subindo para Minas agora, levava ainda a curiosidade de verificar a verdade dêsse extravagante preconceito." Oliveira Viana faz questão de frisar a data em que escreveu êsse perfil psicológico: fins de 1917 e começos de 1918. Justamente no período da moléstia que o acometera.

A vida mineira adaptar-se-ia à sua personalidade. Falava sempre de Minas e dos mineiros, com enternecimento comovente. O espírito gregário, a mística do lar, o homem concentrado na ara doméstica, a simplicidade, a ingenuidade honesta do roceiro, a hospitalidade franca, a familiaridade erigida num postulado de honra, a sobriedade, êsse conjunto caprichoso de afinidades lhe recordaria a bela terra fluminense. Em Minas colhia as impressões indissimuláveis de um fundo instinto patriarcal.

A gente mineira soubera cativá-lo e durante a estada, — longos meses — assinala que jamais surpreendera a menor indelicadeza ou irreverência [29]. Nada que ferisse, ressalta, a epiderme das minhas susceptilibilidades, aliás vivíssimas. E prosssegue no depoimento auto-biográfico: "sempre os encontrei, desde os mais graduados aos mais simples homens do povo, corteses prestimosos, atentos, sempre finos nos modos e nas palavras. O encanto do seu convívio está em que êles sabem, como ninguém, respeitar a personalidade dos estranhos. Ou muito nos enganamos, ou êste é que é o verdadeiro sentido, o íntimo sentido, o sentido por assim dizer esotérico da tradicional hospitalidade mineira. É sob êste aspecto que podemos dizer que os mineiros são hospitaleiros: e da minha parte não pediria mais — e viveria ali a vida inteira." Examinando outros aspectos, Oliveira Viana giza traços característicos, entoando um hino de louvor aos montanheses.

Recuperara a saúde e esta gratidão devia a Minas. Vira um Brasil de que falavam os seus avós, conservando intactos os antigos costumes. A rigor não saíra de casa e a penetrante simpatia da região tinha, como comparou, para êle o

(29) Ob. cit. — pág. 37.

paladar dos entendedores dos vinhos caros de uma frasqueira: quanto mais antigos, tanto melhores no gôsto, na limpidez e no perfume. Dessas lembranças não mais se desligaria e, em 1929, partia para rever os pagos acolhedores, inebriando-se com a saudade daqueles dias doces e felizes.

Regressa a Niterói completamente curado e bem disposto. Dona Balbina insinua-lhe uma ida ao Rio Sêco. Desde que falecera o irmão mais velho, em 1915, a fazenda não vinha produzindo a contento. Atende à ponderação materna e parte. A permanência prolonga-se além do previsto, em virtude da famigerada espanhola que grassa, ceifando vidas e resistindo teimosamente ao combate das autoridades sanitárias.

Empresta um caráter dinâmico aos dias que passa na roça. Manda pôr abaixo as senzalas. Diligencia para a pintura da casa. Cuida de refazer o jardim. Reune o administrador e os colonos e traça um plano de ação. Aos meeiros que lhe solicitam autorização para levantarem moradias, adianta dinheiro e cede material disponível. Afora êsse borborinho — inteiramente novo — é o mesmo cidadão de vida claustral, encerrando-se no quarto após a faina, para ler, para anotar e para escrever.

Aos companheiros de juvenilidade, aos colegas da escola, dedica-se em persistentes provas de afeição. Com êles revive o passado e, dia sim dia não, sai com um dêles num rápido giro pela cidade de Saquarema. Chamam-no de doutor, mas êle repele o tratamento cerimonioso. O anel no dedo não mudara de nenhum modo o seu feitio.

Cessados os receios daquela negreganda epidemia, embarca para Niterói, não mais realizando aquêle circuito longo através Rio Bonito. A Estrada de Ferro Maricá encurtara o percurso. Uma surpresa desagradável o espera em casa: a mãe não está passando nada bem. Filho amantíssimo e prestimoso entrega-se a tôda sorte de preocupações. O estado da paciente é gravíssimo. Espectros sombrios rondam aquêle lar. Na fisionomia, sobrecenho carregado, êle estereotipa a imensa dor que o escraviza. Mobilizam-se recursos. Nas vascas da agonia, Dona Balbina conserva as qualidades que exornavam o seu coração. Para o filho querido tem um sorriso especial, que ilumina de ternura a face esmaecida. Não consegue vencer o mal. Entrega-se ao Criador.

Tremendo é o impacto. Abala-se a estrutura firme do cidadão que lutava pela imprensa e que sôbre seus ombros já tinha responsabilidades de direção.

Quantas vêzes o vi, na confortável sala de visitas da vivenda da Alameda, mirando o retrato daquela que tanto amara. A mim me parecia que se compreendiam. Quedava-se contemplativo uns minutos e depois enxugava os olhos. Da imagem sacrossanta, como diria Bilac, jorrava um rio luminoso do olhar.

Nabuco que capitaneara a liderança da sua estima intelectual, Nabuco que lhe inspirara um dos primeiros artigos — no qual dizia que nessa República de liliputianos êle parecia o exemplar extraviado de uma raça olímpica — Nabuco no livro "A Minha Formação" ([30]) confessa o poderoso domínio do pai na sua vida, "porque não foi uma influência pròpriamente da infância nem do primeiro verdor da mocidade, mas do crescimento e amadurecimento do espírito, e destinada a aumentar cada vez mais com o tempo e a não atingir todo o seu desenvolvimento senão quando póstuma." De sua idolatrada mãe, Oliveira Viana poderia falar assim. A marca da orientação materna estava nas suas menores atitudes.

Com a morte de Dona Balbina duplicariam os seus compromissos. Guiar-se-ia pelos exemplos legados pela grande mulher, cuja sombra não o abandonaria nunca. Em vida fôra a amiga, a conselheira, a fada, o anjo tutelar que lhe designara a estrada boa. Morta iria transmudar-se em farol, espargindo a luz guieira, afastando-o dos escolhos e inspirando a conduta da sua notável vida.

(30) Joaquim Nabuco — Minha Formação — pág. 155.

V

PEQUENA HISTÓRIA DE POPULAÇÕES MERIDIONAIS DO BRASIL

Em 1918 concluíra o primeiro livro. A publicação retardava-se por culpa do editor e também pela demora na entrega dos originais pacientemente revistos. Populações Meridionais do Brasil despertara inusitado interêsse. Nome firmado, autoridade reconhecida, seriedade nas pesquisas e outras circunstâncias favoráveis prelibavam uma estréia feliz na literatura brasileira. Anunciava-se o acontecimento publicitário há algum tempo e a saída sempre protelada como que aguçava a curiosidade geral.

Ataíde Parreiras, membro conspícuo da magistratura fluminense, estabelecera útil ligação de Viana com Monteiro Lobato, proprietário então de uma editora que funcionava em São Paulo. Secundando Alberto Torres, Parreiras insistia na publicação do livro, vencendo as resistências opostas pelo amigo. Qualquer editor se interessaria por uma obra tão séria como a que tinha sido elaborada, mas convinha que fôsse entregue ao bandeirante que, além do mais, era homem de pensamento. Convencido, o autor decide-se a entregar o trabalho, que foi pessoalmente encaminhado ao estilista de "Urupês". Uma semana depois, pelo correio, o livro é remetido de volta, com a recomendação expressa de que se fizessem cortes, porque havia literatura demais.

Oliveira Viana choca-se a princípio e chega a admitir a possibilidade de não mais enviar o livro a Monteiro Lobato. Repetem-se as carinhosas investidas de Parreiras e as dificuldades afinal se contornam. Numa revisão, êle mesmo encontra *um pouco de literatura*. Reduziu de maneira considerável o estudo e recambia-o à Paulicéia.

Fica aguardando notícias, em ansiosa expectativa Estas não chegam e êle se exaspera. Vem-lhe à mente a idéia de rescindir o contrato. Na Gráfica de Lobato os livros custam a sair. A paciência ia se esgotando. Tem de esperar cêrca de dois anos, lapso de tempo compreendido entre o envio das primeiras provas e a publicação definitiva em 1920.

A história do livro pode ser conhecida acompanhando-se parte da correspondência trocada entre os dois.

Eis a primeira carta:

"*Viana*:

Saiu afinal o livro e já dei ordem para te remeterem dez. Como hoje é sábado, só 2.ª irão. Hoje, o câmbio a 4, é impossível dar o livro barato, e a coisa está ficando tão má, que inda é negócio, apenas, editar livros caros, de 10, 20 mil réis — e livros de consumo forçado. O de 4$, literário, está com tão pouca margem que nós começamos a fechar a torneira. Além disso é um engano supor que um livro como o teu, a preços populares sai mais. Isso se dá nos países onde o povo lê. Aqui só lê a elite. Já fiz a experiência com várias obras, e verifiquei que não há público para o livro em papel vagabundo.

Lobato."

Em grande formato, bem impresso, aparecia o livro fadado excelente repercussão nos meios culturais. O ensaio, nos moldes da técnica monográfica, aplicava critérios, antes desconhecidos, à história, constituindo-se na primeira análise científica da formação nacional.

No prefácio, que aparecia datado de Novembro de 1918, dava conta do seu intuito, que era o de estabelecer a caracterização social do nosso povo, buscando a realidade para alojá-la no campo das perquirições. Nesse propósito realizara um milagre, em virtude da carência de informes por sermos um povo que menos se estuda a si mesmo. Abandonava os antiquados métodos de interpretação, como o lirismo e quejandos, para cingir-se à ciência sociológica, na delimitação de áreas para a compreensão do processo histórico. Ia lidar com as *ciências novas*, resumindo-as em síntese oportuna. Ratzel e a antropogeografia; Gobineau, Lapouge e Ammon e a antropo-sociologia; Ribot, Sergi, Lange e James e a psicofisiologia; Le Bon e Gabriel Tarde e a psicologia coletiva; Le Play, Henri de Tourville, Demolins, Poinsard, Descamps, Rousiers, Préville e a ciência social, no domínio prático da investigação direta.

Populações destinava-se a mostrar objetivamente o nosso povo e, por isso, alertava: "neste livro revelo falhas, acentuo defeitos, mostro linhas de inferioridade e, desfaço, com certa franqueza, um sem número de ilusões nossas a nosso

respeito, a respeito de nossas capacidades como povo. No confronto que faço entre a nossa gente e os grandes povos, que são os nossos mestres e paradigmas, evidencio muitas deficiências de nossa organização social e política. Não ponho nisto, porém, nenhum ressaibo de pessimismo ou descrença. Quis ser apenas exato, sincero, veraz. Tôda a estranheza, que possam causar alguns dos meus conceitos, vem de que vivemos numa perfeita ilusão sôbre nós mesmos" (31). A advertência se lhe figurava imprescindível porque os povos que praticam o culto consciente sistemático da ilusão estão condenados a perecer. Para êle o brasileiro não podia ser o fumador de ópio como o chinês, nem persistir no embevecimento extático do nosso céu, das nossas cascatas, das nossas estrêlas. E recomendava a imperiosa necessidade da mudança dos métodos vigorantes, — *métodos de educação, métodos de política, métodos de legislação,* métodos de govêrno — em síntese — o Brasil devia, no seu entender, dali para a frente, "jogar com fatos, e não com hipóteses; com realidade e não com ficções; e, por um esfôrço de vontade heróica, renovar nossas idéias, refazer nossa cultura, reeducar nosso caráter" (32). Linguagem nova. Um toque de alvorara para sacudir a letargia dos embasbacados, uma conclamação ao conhecimento dos nossos defeitos para que lográssemos erradicá-los. Equivalia a um programa.

Miguel Couto, em carta (33), diz-lhe que se fôsse ditador, na plenitude dos poderes discricionários, decretaria: "será publicado diàriamente, por tempo indeterminado e por conta do govêrno, em todos os jornais do Brasil, o prefácio do Dr. Oliveira Viana à sua obra Populações Meridionais do Brasil. Assim como em certos organismos, embotados pela doença, se faz necessária a somação das excitações para despertar o mínimo reflexo, talvez só as suas profecias e os seus conselhos, repetidos a todo momento, consigam ainda vibrações no organismo da nossa Pátria."

Inaugurava-se a sociologia brasileira. O editor passa a filiar-se entre os entusiastas, achando o livro deslumbrante pelo que abre de horizontes à frente do leitor. Manda-lhe a seguinte carta:

(31) Oliveira Viana — Populações Meridionais do Brasil — 4.ª ed. — págs. 17-18.
(32) Idem — pág. 32.
(33) Carta de Março de 1933.

"Viana:

Teu livro continua a entusiasmar. Todos o lêem e o gabam, sem reserva, demorando-se em louvores. Vou mandar um ex. ao Bernardes e outro ao Washington intimando-os a lerem-no. O futuro presidente tem que ser orientado por ti. A Liga Nacionalista vai te convidar para uma conferência. Pretexto para São Paulo te manifestar a grande admiração que lhe causa.

Lobato."

Em 1922, dois anos após o aparecimento do livro nas montras das livrarias, Monteiro Lobato formula-lhe o convite nesses têrmos:

"Viana

A Liga Nacionalista incumbiu-me de convidar-te para uma conferência aqui. Deseja ela, interpretando a voz unânime de São Paulo, ter a honra de apresentá-lo solenemente ao público paulista. É o grande homem que surge, o sociólogo, o abridor de sendas novas, e a Liga quer ter o gôsto de dizer mais tarde — Fomos nós que o descobrimos e o apresentamos ao país. Prepara-te, pois, e vem, e verás que linda acolhida vais ter.

Lobato."

Claro está que não proferiu a conferência. Raramente viajava, apesar de São Paulo ser um dos seus pontos prediletos. Recusaria outros convites, como veremos adiante. Particularidade para ser anotada: ambos não datavam as cartas.

A amizade entre os dois adquire sólida consistência. O autor de "Cidades Mortas" preocupa-se até com um ligeiro resfriado contraído por Viana, como vemos na epístola seguinte:

"Não imagina como a tua doença me está fazendo mal! Você é o grande orientador de que o país precisa. Não há nenhuma vida mais preciosa que a tua."

Em seguidas missivas, Lobato, em derramadas confidências, alude ao seu alcandorado sonho do petróleo brasileiro

([34])). Respondia-lhe Viana, incentivando-o a prosseguir e, nos momentos mais amargos, solidariza-se com o admirável escritor paulista que se não deixava sufocar pela mediocridade em seu derredor. Lobato — declarou-me um dia — tem o mérito de ser querido pelos grandes e adorado pelas crianças. Isso é quase a perfeição humana.

Populações nascera para o triunfo.

---

(34) Em 1932 Lobato escreve a Oliveira Viana a seguinte carta: "o petróleo está lindo. Hontem completei a passagem das ações de minha empreza, havendo-as vendido tôdas. Em menos de um mez, agora, a sociedade estará constituída. Mas o lindo, lindo, lindo é que já estamos em trabalhos de campo, na lufa-lufa da montagem da sonda no ponto definitivo — um maravilho ponto onde o aparelho Romero (e antes dêle, quatro anos atraz, o aparelho geofísico de Shermuly, baseados em princípios inteiramente diversos (iniciou tremendas quantidades de óleo e gaz. Vou realizar meu sonho. Vou furar um ponto onde sei que há petróleo parafinoso (que é o melhor) e vou furar na regra, com o melhor pessoal técnico e com suficiente abundância de dinheiro para que não haja hipótese de falha. Reuni 1.500 contos em dinheiro para um trabalho que não requereria mais de 500. Estou fazendo tudo ao contrário dos outros. Maximalista em matéria de recursos monetários em vez de minimalista como os outros o foram (e por isso fracassaram). Em Outubro estaremos terminados — e o Brasil não só verá que tem petróleo como ainda que o tem em tremendas quantidades".

VII

EM FACE DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

Em matéria de ciência social, que havia antes de Oliveira Viana?

Silvio Romero, na verdade, fôra um precursor da sociologia brasileira. No sugestivo "Provocações e Debates" mostrara-se conhecedor dos princípios leplayanos. A sociologia teórica lhe era familiar e se descobre, com facilidade, nos seus escritos, um incontrolável desvio para a filosofia social. Impenitente adversário do positivismo, criticou-o duramente, qualificando de múmias idiotificadas os partidários de Comte, que por seu turno batizou de desequilibrado.

Em 1900 saem a lume os "Ensaios de Sociologia e Literatura." Pesquisas folclóricas, estudos etnográficos e políticos credenciam-no a figurar na fase embrionária da sociologia em nosso país. Deve-se-lhe, aliás, uma réplica às "Variações anti-sociológicas", da autoria de Tobias Barreto. O célebre autor do *discurso em mangas de camisa* tinha tanto de brilhante quanto de exagerado. Hermes Lima [35], biografando-o, menciona os seus preconceitos contra a sociologia, opinando que "suas leituras não tinham revelado o estudo de outra sociedade que não fôsse a sociedade política, isto, é, as relações do govêrno com os respectivos meios sociais." E conclusivo: "Desde que Tobias não possuía uma informação bibliográfica rigorosa sôbre o assunto, nada, no Brasil, o advertia das profundas mudanças que na matéria ocorriam. Dêste modo, pensava estar raciocinando muito bem contra a sociologia, alegando a sua incapacidade de prever, quando, com essa alegação, não fazia mais que confudir fatos sociais com acontecimentos históricos, pecado que, diga-se a verdade, ainda hoje cometem tantos críticos daquela ciência." Os despropositados e infelizes comentários de Tobias foram esbagaçados por Silvio que, dess'arte, prestava relevantes serviços à sociologia. Não foi um sociólogo na acepção lata do têrmo, mas dêle não se deveria dizer o que disse Gilberto Freyre, [36] que o definiu como contraditório e que desfazia com os pés o que construia com a mão no campo da sociologia ou da para-sociologia histórica do Brasil.

---

(35) Hermes Lima — Tobias Barreto — pág. 140-141.
(36) Gilberto Freyre — Sociologia — pág. 542.

Euclides da Cunha, em 1902, sacudiria o marasmo que dominava o pensamento nacional, envôlto na cortina de fumaça de um ilimitado otimismo. O grande fluminense rasgaria o véu encobridor de falsas conceituações, fazendo sentir que o Brasil não se explicava pelas aparências das capitais. Jogando por terra a cerimônia vigorante, expõe as chagas vivas da nacionalidade, em grandiloqüente dissertação sôbre o meio social do sertanejo. Êle, tal e qual o retratou Araripe Júnior [37], "não se apresentava com a feição exclusiva de homem de letras, todavia descobrira o fator preciso para as construções de uma literatura nacional. Os seus estudos de história e geografia do Brasil; o exame das questões que se ligam às estradas para o sertão; a análise dos elementos sociais e econômicos que dependem da exploração dos acidentes orográficos e da filosofia dos *talwegs* das grandes bacias fluviais; a potamografia combinada com a investigação industrial das jazidas de ferro, da hulha branca e de riquezas ainda não convertidas em energia; os problemas de circulação; enfim, tudo quanto pode e deve constituir o preparo da síntese de que há de sair a mais bela das nações da terra, tudo isso cresceu espaventosamente no espírito de Euclides da Cunha." O gênio não desprezaria o concurso das ciências sociais.

Antropogeógrafo, psiquiatra, psicólogo, criminólogo, filósofo literato, tôdas essas qualidades vão refluir no culturólogo. Tenho para mim que êle é o fundador, no Brasil, da culturologia, a cultura de que fala Heinz Werner, Graebner, Schimidt e Imbeleni, no sentido etnográfico da palavra.

Silvio Romero diria que a Euclides faltara o conhecimento das teorias monográficas e a sua aplicação. "Os Sertões', todavia, além do trabalho político e demográfico, no seu entender, inspirava um remodelamento social. Euclides, sem embargo do conhecimento completo que tinha de Spencer, de cuja obra fêz um estudo crítico; embora se aprofundasse, com primazia, em estudos sôbre o socialismo, nem por isso poderá ser considerado como um sociólogo, na técnica significação do vocábulo.

Deve ser pôsto em relêvo o trabalho de Alberto Torres, fluminense como Euclides e Oliveira Viana. Foi um teorista da ciência de Estado, um estudioso da ciência política. O

(37) In Francisco Venâncio Filho — Euclides de Cunha a seus amigos — pág. 41.

cintilante escritor de "As Fontes de Vida no Brasil" dava ênfase aos problemas da organização nacional, tendo para isso de perquirir uns quantos fatos sociais. Programou planos e as suas idéias não se desatualizam, pelo contrário, recebem novos impulsos com o decorrer dos dias. Sociólogo, a rigor, não pode ser considerado como tal.

Na história da sociologia brasileira, evidentemente, êles aparecem em plano destacado. Essas manifestações de consonância com a sociologia, êsses estudos afins e até o uso da terminologia específica, têm de ser sopesados. O que não se pode é, ao saber de um agrado qualquer ,enfileirar na galeria da conveniência êste ou aquêle escritor pelo simples fato de ter falado em sociedade, em fatos sociais, estruturas sociais e demais palavras do vocabulário privativo da sociologia. Inegável é o papel do sergipano, bem como o dos acima citados, na história da sociologia.

Injustiça, porém, seria deixar de reconhecer na pré-fase, a valiosa contribuição de Tavares Bastos que, como o fotografou Carlos Pontes, "era dessas inteligências não comuns na órbita da mentalidade brasileira, que vão aos assuntos, nêles se embebendo como uma esponja. Jamais se deu ao exame de uma causa, sem aprofundá-la; repugnava as improvisações fáceis e as vistas superficiais." Igualmente injusto o não referir-se a Manuel Bomfim, Fausto Cardoso, Artur Orlando, Florentino Menezes, Pontes de Miranda, Farias Brito, Queiroz Lima, Tito Lívio de Castro, etc. Escalonar-se-iam, com facilidade, outros nomes ligados ao estudo de temas sociais, antes da sistematização da sociologia entre nós.

Sociologia como o estudo das ações e relações dos homens entre si e de suas condições e conseqüências, na lição de Morris Ginsberg; sociologia como ciência especial que trata das formulas últimas e irredutíeis em que aparece o laço psiquico que une os homens em sociedade, na tese de Vierkandt; sociologia tratando os fatos sociais como coisas, segundo ensina Emile Durkheim em "As Regras do Método Sociológico"; sociologia aplicada e objetivamente considerada do ponto de vista técnico, essa sociologia praticada não foi pelos antecessores de Oliveira Viana. Nas suas obras encararam o *socius* que, na lição dos tratadistas, é a partícula primária da ciência sociológica . Não pode ser tida, entretanto, como sociologia pura ou aplicada.

Populações Meridionais do Brasil assinala o advento da sociologia patrícia. Assis Chateaubriand ([38]), a propósito do mérito incontestável, escreve: "quando Oliveira Viana se pôs a escrever, os estudos sociológicos no Brasil eram a selva. Hoje, graças em grande parte ao seu método rigorosamente científico, já temos uma sociologia brasileira. É marca de fábrica sua... Êle é a obra prima da nossa cultura sociológica. Ninguém estudou a sociedade brasileira com mais profundeza, com ferramenta mais adequada, com investigações mais objetivas e precisas do nosso meio, do nosso homem e da nossa história." A posição não é sequer negada por uns poucos opositores da sua obra e, recentemente, um dêles o inscreve como o nosso primeiro sociólogo sistemático e, em outra oportunidade, o classifica como a maior expressão do pensamento sociológico no Brasil. Mesmo aquêles que empunham a sarabatana da crítica demolidora e tendenciosa, se não podem furtar de admitir essa indiscutível prioridade.

Marco inicial da sociologia indígena, o livro ia encontrando invulgar acolhimento, do norte ao sul do país. Tristão de Athayde assim o saudara: "é obra de ciência, observação e método, que raramente vem a lume na nossa produção sociológica" ([39]). De José Ingeniores, glória da cultura sul-americana, Monteiro Lobato recebe esta carta:

"Mui estimado amigo (Monteiro Lobato).

Acabo de leer el libro de Oliveira Vianna sôbre Las Poblaciones Meridionales del Brasil, que tuvo Ud. la amabilidad de enviarme.

Por su método, por sus idéas, por su erudición, me há parecido una de las obras más notables en su gênero que hasta ahora se há escrito en Sud America. Mi ignorancia de los problemas étnicos, sociológicos y políticos del Brasil me impide de comprender el mérito de muchas questiones, en detalle; pero, en conjunto, y juzgando los tomos veníderos por el presente, se trata de un verdadero monumento que honra a la cultura de todo el continente.

Esperando recibir el tomo sôbre los riograndenses y los relativos a las poblaciones setentrionales, le renuevo mi agradecimiento, rogando le quiera transmitir al Sr. Oliveira Viana las expresiones de mi admiración.

Saludos muy cordiales.

JOSÉ INGENIEROS."

(38) O Jornal — 12-2-1942.
(39) O Jornal — 27-12-1920.

Eloy Pontes apreciou-o como um estudo soberbo, único no gênero, para ser citado num arrolamento da bagagem cultural do Brasil. "O sr. Oliveira Viana — acrescenta ([40]) — está realizando, entre nós, uma obra sólida. Nenhum outro escritor contemporâneo nos oferece elementos mais seguros para o exame dos desconcertos que nos atormentam. É que êle não se transformou num colecionador de episódios históricos, apenas. As cenas pitorescas, que mal definem os homens que, em regra, inflam os entusiasmos dos superficiais, deixam o Sr. Oliveira Viana justamente frio. O seu estilo contém o essencial para não perder a clareza nas preferências pelos efeitos dos métodos literários. Lêem-se estas páginas com a curiosidade assaltada pelo desejo de atingir às conclusões." Para Agripino Grieco, Oliveira Viana é o homem que estuda e observa o mais que pode. "Diferenciando de Euclides de Cunha — comenta o crítico — o autor de Populações Meridionais não insiste no estudo dos fatores cósmicos e antropológicos: vai logo aos fatôres sociais e políticos da nossa formação coletiva. Ninguém o excede em perspicácia e clareza ao distinguir em nossa história três histórias diferentes." E adiante ([41]): "Vê-se que o Sr. Oliveira Viana tem o talento da ordem e da clareza. Sobrando-lhe lógica, tato, compreensão positiva de tudo, ensina-nos a julgar o presente pelo passado. Não se deixa iludir pelo aparato meio teatral das máscaras históricas. Ignora o misticismo da espada. Nem dá aos fatôres comerciais um valor demasiado; não coloca o Pireu acima de Atenas."

Como todo desbravador, Viana encontraria comentaristas apressados, autores de crônicas que viviam esgravatando,

(40) Eloy Pontes — Obra alheia — pág. 160.
(41) Agripino Grieco — Evolução da prosa brasileira — pág. 319-320. — Capistrano escrevendo a Afonso de Taunay, em 1921, diz: "Últimamente estou lendo Oliveira Viana sôbre as populações meridionais, livro erudito, bem escrito, bem meditado, mas ao menos para mim nada convincente até a pág. 57, onde cheguei. O autor não gosta de mim, deduzo pela omissão *proposital* e escrevi muito *propositadamente*'. Taunay assevera, depois, a Capistrano, que a omissão não fôra proposital, pois na 2.ª edição lá vem a citação reclamada.

escaforando as produções alheias para produzirem alguma coisa. Certo que o sociólogo não esgotara o assunto. O que lhe não era lícito negar: pesquisa e honestidade. Certa crítica perniciosa não conseguiu abalar aquêle edifício de conclusões sôbre a vida social do centro-sul brasileiro.

Nas edições subseqüentes de Populações, em *addendum*, trataria dêsse criticismo suspeito, bordando os seguintes comentários: "nestas críticas, há um trabalho paciente, nem sempre leal e bem intencionado, de caçadores de miudezas, de espiolhadores de nugas e de erros de revisão: justamente por isso, não vale a pena perder um minuto com êles e com elas. Deparam um arranha-céu; mas em vez de contemplá-lo na imponência da sua massa e das suas linhas arquitetônicas — da sua "posição" dentro do ambiente das idéias da época em que foi construído — sobem por êle, de andar em andar, lépidos, ágeis, o ar inquieto, os olhinhos vivos, o nariz farejante, à cata dos mínimos detalhes de execução: vidros, pregos, ferrolhos, trincos, tomadas elétricas, etc. Si, num desvão da janela, num oitavo ou décimo andar, descobrem a falta de um parafusinho quase invisível, descem às carreiras, escadarias abaixo, e vêm para a calçada sacudindo teatralmente a novidade, mais ruidosos e grasnadores de que aquêle pato *gaffeur* dos calungas animados de Walt Disney..." A construção, todavia, mantinha-se em pé e para vê-la, de acôrdo com a sua recomendação, tinha que se cuidar do conjunto e não das miuçalhas insignificativas.

Não se lhe contestaria o método de análise, indo diretamente às matrizes da nossa formação social. Êle insistia que fizera um estudo concreto, objetivo, realístico, naturalístico, tendo em mira as instituições ao vivo, "tais como o povo as praticava realmente na sua vida quotidiana, tais como elas surgiram ou brotaram do seio da sociedade matuta, — de *dentro do povo* — como de dentro de uma árvore, da intimidade do seu seio, surge pela transfiguração da sua seiva, a enflorescência colorida, que a recobre." Diferenciando, para melhor entendimento, acrescentaria que uma coisa é o estudo da sociedade, na sua vida material e outra, o estudo das instituições políticas, que surgem abstratamente nos sistemas de leis e constituições. Rebatendo a um maldizente, eivado de má fé, — tanto que argüira que Viana tentara resolver determinados problemas — afirmaria que nem de leve pensara em resolvê-los, mas em sugerir a conveniência de serem

procedidas pesquisas, orientadas cientìficamente, para, então, sim, procurar a solução adequada dos nossos problemas.

O livro cumpria o seu destino. Tinha feito surgir a sociologia brasileira. Às opiniões credenciadas somavam-se notas e comentários da imprensa diária. Cada edição pretextava a renovação de conceitos elogiosos. Ronald de Carvalho, por exemplo, confessaria não ter na sua lembrança idéia de haver lido obra de tanto interêsse para a evolução do nosso país. Fernando de Azevedo, mais categórico, apontava o livro como o início brilhante dos modernos estudos de sociologia no Brasil. A. Carneiro Leão escrevia: "êsse livro é a chave de que ninguém poderá prescindir para o estudo, ou a interpretação de todo o problema, de todo o acontecimento nacional." O Professor Lourenço Filho, em carta, sublinhava que o livro fazia pensar nas funções das várias classes e que para os educadores, "essa visão de conjunto torna-se hoje imprescindível, como ilustração do processo em que pretendem interferir." Seria longa a lista de apreciações categorizadas. Saudavam o ineditismo da obra e proclamavam o autor como um pioneiro. No terreno das pesquisas históricas e sociais era, irrebatìvelmente, o primeiro estudo sociológico aqui realizado.

Humberto de Campos, na dedicatória de seu livro "Os Párias" escreveu: "A Oliveira Viana, novo Moisés, que tem apontado, inùtilmente, ao povo de Deus, o caminho da Terra Prometida, — esta lembrança de quem fatigou os olhos e os pés fitando o sol e palmilhando o deserto." Feliz o escritor maranhense. Na letrinha miúda da oferta fizera o perfil do sociólogo. Sem sombra de dúvida, êle era de fato o novo Moisés.

VIII

O PROSSEGUIMENTO DA ATIVIDADE SOCIOLÓGICA. ENCONTRO COM TAUNAY. O SEU MÉTODO DE TRABALHO. EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO. ESTUDOS DA ETNOGRAFIA BRASILEIRA.

Nascera, como vimos, a sociologia brasileira. O positivismo usara demasiadamente do vocábulo e se desmandara na idolatria a Augusto Comte, não raro resvalando para o terreno das interpretações individuais, fora da sistemática preconizada pelo pensador francês. A sociologia de Oliveira Viana, entretanto, tinha a agulha dirigida para a objetividade, enquanto a outra oscilava no emaranhado das especulações metafísicas da *religião da humanidade*.

O próprio Comte prestara-se a tantas análises no Brasil que chego a ter a impressão que se se lhe ensejasse compulsar os trabalhos dos seus sectários, renunciaria á doutrina, convicto da balbúrdia surgida em tôrno das suas idéias. Até política fizeram os *apóstolos*, sendo inegável, contudo, a sua influência nos acontecimentos de 1889. De sociologia, principalmente de sociologia brasileira não cuidaram em absoluto. Êles podem apresentar no Pantheon dos brasileiros insignes um vulto singular como o de Benjamin Constant e outros nomes que se destacaram em setôres da vida nacional. No templo travaram-se tertúlias intelectuais, mas jamais volveram as vistas para o estudo dos fatos sociais, focando-os sociològicamente. Honestamente podem, apenas, constar da história da sociologia. Êles omitiram-se na aplicação dos recursos científicos da sociologia.

O acolhimento da crítica estimulava Viana a prosseguir. Utilizando o método monográfico, estudara os fluminenses, os paulistas e os mineiros e se dispunha a reunir dados para o estudo dos gaúchos, dividindo, assim, em duas partes a sua obra. Êsse desejo prolongar-se-ia e antes de surgir o livro anunciado, publicaria outros, deixando, sem açodamento, que as fichas se acumulassem, sem a pressa comum de certos escritores que muito têm de comerciantes, sempre com as fornadas encomendadas. O que fazia era definitivo.

A calma era a sua conselheira. No andar e no falar deixava transparecer essa tranquilidade magnífica, denunciadora de mente sã e vigorosa. Não se afobava e nas horas de maior agitação — que poucas conheceu — contornava tudo muito bem, dando as guinadas específicas dos nautas que sabem cortar as ondas enfurecidas.

O sucesso falara alto à sua personalidade de escritor. Não quis, no entanto, permanecer no *dolce far niente* peculiar dos autores que vivem mais da fama do que da produtividade.

Se adotara o método monográfico nas investigações a que procedera, para consigo mesmo não metodizara a ação, porque o tempo lhe era pouco para estudar e só a muito custo assentia em fazer as refeições, retornando em seguida ao gabinete, onde se quedava até altas horas da noite. Esfôrço sobreumano que redundaria num grave abatimento físico.

A doença vitima-o pela segunda vez. Enfêrmo rebelde, pouquíssimo atendia às prescrições dos médicos assistentes. Instado pela família, acordou num repouso, escolhendo a localidade fluminense de Palmeira. Nesse ínterim falece a sua irmã mais moça. A estrutura sentimental sofre mais um abalo e ao padecimento orgânico vem se juntar a dolorosa impressão causada pelo desenlace. Invade-o a saudade de Minas Gerais, mas nesta oportunidade, intenta conhecer novos municípios. De Palmeira ruma para a estância hidro-mineral de São Lourenço. A cidade é cosmopolita, mas retém as características do interior. Isso é o que lhe importa à alma ferida.

No hotel arma um pequeno escritório. Não quebraria o ritmo habitual. O clima que o ajudasse e a água que o curasse, pois não interromperia o trabalho. Descansando, ali, coincidentemente, se encontrava o historiador Afonso Taunay. Na agência local dos Correios e Telégrafos, no momento da distribuição da correspondência, ouvira pronunciar o nome de Oliveira Viana que, por sinal, estava hospedado no mesmo estabelecimento. Na portaria indagou:

— Qual é o número do quarto do Dr. Oliveira Viana?

Obtida a informação parte célere rumo ao aposento designado. Atendido, pronto identificou-se, brotando dêsse encontro uma sólida afeição mútua. Aprazaram uma entrevista para depois do almôço. Saíram a passeio. A família aguardou largo tempo a volta de Oliveira Viana. Só ao anoitecer regressava êle, após ter palmilhado extenso percurso. Para um convalescente havia sido excessivo. Taunay gabava-se de ser andarilho e só com sacrifício e cerimônia Oliveira Viana poderia acompanhá-lo. Proibiu que comentassem o seu estado de saúde. Estoicamente desejava os encontros, que se repetiram e apesar de não seguir os conselhos dos esculápios, a recuperação da saúde veio rápida.

O autor da História do café tornar-se-ia um dos amigos mais chegados ao sociólogo. Discordava em alguns pontos e sinceramente o fazia. Posteriormente, num ato público, Taunay diria com justiça (42): "Coube-vos a glória de encabeçar êste movimento de tão alta importância cultural e patriótica. Sôbre a história da formação brasileira, ainda tão pouco observada em sua trama íntima, traçastes uma obra de alicerce concebida, executada sob o influxo rigoroso do princípio montaigneano relativo aos livros ditados pela boa-fé. Fizeste-vos valer, larga e judiciosamente, dos depoimentos singelos e, até então, quase desaproveitados dos nossos velhos cronistas. Provastes a valia de tal contribuição, revelando a importância dos tesouros que em suas páginas se encerram. Ao mesmo tempo recorrestes a outra fonte ainda, também, até então, fraca abastecedora dos nossos observadores: a dos viajantes estrangeiros." Grande e ilustre prioridade, aduz o historiador.

Em São Lourenço labora no futuro livro. A idéia vem naturalmente, dizia-me em um sem número de oportunidades. Os pontos anteriores da minha imaginação se juntam e a êles dou corpo, reunindo as minha observações escritas, arrematava.

Quem visse as pequeninas fôlhas do seu fichário, fichário no sentido de coleção porque as suas notas eram apenas amarradas num barbante e separadas por assunto, não suspeitaria que, na aparente desorganização com que se apresentava, possuíam extraordinária unidade. Êle sabia encontrá-las no instante preciso. De ver o carinho que nutria por êsses *papagaios*, como os denominava. Quando começava a escrever o livro a atividade era febricitante e ininterrupta. Na segunda leitura dos originais incluía ou retirava trechos e, digno de referência, era a papelada, um pedaço menor para outro duas vêzes maior que uma fôlha de almasso, colada e com tiras laterais que mais pareciam serpentinas. A dactilografia não representava o fim. O processo continuava. Que prazer, quando um de nós lia para êle, pausadamente, os capítulos elaborados. Mandava parar aqui ou ali; determinava que se voltasse à página anterior e se deliciava porque sabia pôr no papel aquilo que pensava. Um olhar meigo resplandecia da sua face, emoldurando o sorriso significativo

(42) Oliveira Viana e Afonso de E. Taunay — "Alberto de Oliveira" — págs. 66-67.

e definidor da sua íntima satisfação. De quando em quando examinava recortes de jornais que lhe interessavam, beneditinamente conservados numa pasta.

Hélio Palmier, seu último secretário particular, retraçou em artigo essa facêta da vida de Oliveira Viana [43]: "seu método de trabalho era uma prova da sua probidade intelectual. Confessou-me, certa vez, jamais ter idéia preconcebida de escrever um livro. Anotava fatos ou observações em pequenos pedaços de papel — *papagaios* chamava-os — reunia-os, depois de certo tempo, e, verificando a interrelação dos fenômenos observados, deduzia fatos, estabelecia leis e, só então ia procurar os livros dos estudiosos — *dos sabidos*, como dizia. Ditava-me, então, os originais. Recebendo-os, de volta, dactilografados, na ânsia de perfeição recortava-os, emendava-os ou inutilizava-os, mandando-me fazê-los de novo; e repetia essa operação várias vêzes. Elaborado o livro, guardava-o, para, muito mais tarde, anos depois verificar se os fatos estavam a confirmar suas teses. Caso contrário, eliminava, sumàriamente, os pontos falhos. Na revisão das provas tipográficas, ainda não satisfeito, fazia alterações, acrescentava frases, suprimia parágrafos." Essa meticulosidade indicava o alto critério dos seus estudos.

Na vilegiatura encontrara ambiente favorável à consecução — *de certo modo mental* — de um novo estudo. Projetara-se em todo o país. Nessa época, os primeiros resultados do censo de 1920 começavam a ser apurados. A Diretoria Geral de Estatística tinha cumprido uma bela tarefa inquiridora. O Presidente Epitácio Pessoa empenha-se no êxito do recenseamento, tanto que recomendara não se atendesse, em hipótese alguma, a qualquer solicitação inconveniente ao serviço.

Bulhões Carvalho soubera comandar a equipe durante três anos, findos os quais conseguira alinhar dados para a feitura de um retrato do Brasil. Cada setor tinha um especialista para analisá-lo. No que dizia respeito à geologia estratigráfica e econômica fôra designado o engenheiro de minas Euzébio Paulo de Oliveira; Hoehne encarregara-se da flora do Brasil e Alípio de Miranda Ribeiro, do esbôço da fauna brasileira. Uma das partes principais seria entregue a Oliveira Viana, em virtude dos conhecimentos históricos e sociais revelados no livro Populações Meridionais do Brasil.

(43) O Estado, Niterói — 8-4-51.

Relutou a princípio em receber o cometimento. A Diretoria Geral de Estatística pretendia que êle fizesse um trabalho que, pessoalmente, já estava realizando. O livro fica na cabeça da gente, costumava dizer, e quando menos se espera êle sai. Não ter pressa, eis uma das regras a que se submetia. A produção mercantilizada, o livro para sucesso de duração prevista, o trabalho de encomenda, a exigência absurda de editores, constituíam para êle assuntos repugnantes. Ciência não se constrói correndo, não se agita na coqueteleira para sair em menos de um minuto. Ao compulsar determinadas obras exclamava: um assunto bom tratado muito mal.

Um comandante de unidade militar sediada em Niterói remetera-lhe, numa ocasião, relatório contendo regular quantidade de fichas versando a vida social do conscrito. Tive ensejo de manusear o material ,que considerei aproveitável do ponto de vista sociológico. Evidenciava-se um total desconhecimento dos assuntos mais primários, sendo que uma boa parte dos recrutas nem sequer conhecia a bandeira nacional. Indaguei do Mestre se não escreveria algo a respeito, ao que me respondeu pela negativa. Deixaria em paz aquelas anotações, até que as visse confirmadas por outras a fim de analisá-las com segurança. Patenteava, assim, o combate á generalização. Não se tratava exclusivamente de um combate, pois tinha verdadeiro ódio a êsse expediente simplista da superficialidade, a essa tintura sem base, improvisadora de tantos messias e que tem feito da sociedade brasileira um verdadeiro caleidoscópio.

A repartição estatística insistia, agora apelando para o seu patriotismo. Instado, acedeu em colaborar com o Censo. Às suas mãos chegaram valiosos informes coletados. Em 1922, no primeiro volume do Recenseamento do Brasil realizado em 1920, aparece à fôlha 279, o estudo sob o título "O povo brasileiro e sua evolução", por F. J. Oliveira Viana, dividido em três partes:

I — evolução da sociedade;

II — evolução da raça;

III — evolução das instituições políticas: o período colonial; o século da independência e a proclamação da República.

Atingira a meta ao descobrir as tendências no processo evolutivo do Brasil. Em afirmação corajosas, interpretara sem *parti pris* os dados da nossa etnografia. Os doutores da confraria da mediocridade não gostaram muito, mas se viram compelidos a assistir à fácil pulverização dos velhos postulados que teimosamente defendiam. Julgavam que os seus axiomas resistiriam como um rochedo, mas ficaram chocados ao se sentirem em dunas movediças.

A crítica sensata surgia com a sua apresentação, enquanto a crítica tendenciosa punha na rua os carros alegóricos: belas imagens, mas tôdas de papelão. Em tôrno do livro travou-se largo debate. Discutia-se amplamente a obra. Viana iria revelar-se, nesse passo, um polemista seguro e correto. Como Cícero, sabia que a contumélia não serve de argumento e, por isso, cingia-se aos fatos, sem se emaranhar no cipoal do confusionismo, sem se ater aos aspectos sociais, sem a linguagem rebuscada dos que procuram nas frases a cortina de fumaça para encobrir a ausência de dados. Venceu sempre. Vitorioso, não assistia eufórico à debandada do adversário. Preferiria prosseguir na luta, luta que não procurava mas da qual nunca recuaria. Pelo menos, dizia, alguma coisa há de esclarecer; e, com a nobreza do seu caráter, se tivesse que fazer uma revisão num conceito, convencido da verdade, tinha a dignidade de o fazer.

O estudo transforma-se-ia em livro sob o título Evolução do Povo Brasileiro, em cujo prefácio Oliveira Viana entendeu por bem dizer o seguinte: "dos meus livros foi êste o único que teve uma crítica pouco simpática e isto mesmo porque esta se limitou a focalizar a sua atenção exclusivamente sôbre um ponto único, entre muitos outros abordados no livro: a questão da presença do famoso dólico-louro, do *H. Europeus*, de Lapouge, na aristocracia do bandeirismo" [44]. Essa unilateralidade na observação não dava aos críticos a indispensável seriedade para tratar da matéria. De uma hipótese aventada de passagem, alguns nela se firmaram, sem atentarem para o arcabouço da obra.

Dando uma resposta, ou melhor, uma explicação definitiva aos opositores apressados, comenta o sociólogo: "Tendo concentrado a sua análise exclusivamente sôbre êste tema (cujo desdobramento no livro, ocupa menos de meia dúzia

(44) Oliveira Viana — Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição — pág. 9.

de páginas), os críticos acabaram dando a impressão, aos que costumam ler a crítica dos livros, mas não os livros criticados, de que todo volume da *Evolução* havia sido exclusivamente consagrado à sustentação dessa tese temerária. Em certo momento, acabei mesmo passando por ter escrito uma obra volumosa para expor e defender, no Brasil, a tese da superioridade da raça germânica... Pura obra de crítica insincera ou desonesta, como se vê. Daí uma viva reação — e a atoarda foi grande. O único, entretanto, que não deu quase nenhuma significação à crítica feita fui eu mesmo; porque sempre considerei êste tema como um ponto secundário e insignificativo, que não valia aos meus adversários perderem tanto tempo em combatê-lo, nem a mim em defendê-lo" [45]. De qualquer maneira, todavia, ninguém punha em suspeita a honestidade científica de Viana que, metodològicamente, permanecia no estudo dos fatos sociais brasileiros.

Não abandonaria mais o sedutor tema. Para a frente cuidaria, com ênfase, das seleções telúricas, da aclimatação, da seleção eugênica da imigração, da assimilação, dos cruzamentos, da psicologia diferencial dos tipos antropológicos, etc., ressalvando que o clima incompatibiliza o nosso meio para habitat do grande tipo de Lapouge. Deixava para trás o dólico-louro, insistindo no estudo sério da etnografia brasileira.

Os açodados chamaram-no de arianista, de possuidor de tendências arianizantes. Nada disso. Adverso ao sectarismo sob qualquer côr, nunca defenderia princípios falsos. O pior é que procuravam julgar, a seu talante, o que êle dizia . Tudo não passava de um fogo de palha, ou então, do propósito preconcebido de atacar, como o daquêle crítico que severamente tratara o poeta Jaci Pacheco, republicando um dos seus versos escolhido ao acaso. Não havia lido o livro e, na pressa, transcrevera o índice...

Adiante voltaria com as hipóteses, submetendo-as às pesquisas dos técnicos. No livro "Raça e Assimilação", sinceramente proclama que as suas teoria não causariam nenhum mal à ciência: "são estímulos para o trabalho, são sugestões para pesquisas. Mesmo que se verifiquem erradas, a ciência lucrará com elas", citando, com oportunidade, Ellwood

(45) Idem — pág. 10.

que disse ter a ciência produzido sempre sôbre a ruína das hipóteses.

Encarando frontalmente o assunto, Oliveira Viana iniciava por dizer que o nosso problema étnico não concernia, apenas, às raças européias. A América possuia outros elementos, sem falar nos exteriores que se combinaram. Os fenômenos da raça, concluía, "mostram-se aqui em estado de elaboração contínua: nós os temos, por assim dizer, sob as nossas vistas, visíveis a olhos nus — e tudo é como se estivéssemos observando numa retorta as fases de uma reação química. Os fenômenos da hibridação podem aqui ser estudados com uma amplitude e uma precisão impossíveis no mundo europeu — porque só aqui se dá a mestiçagem de raças extremamente distintas, o que nos permite observar os fenômenos heredológicos, oriundos dêsses cruzamentos, em condições ótimas de visibilidade. É um privilégio todo nosso, de que não podem gozar os observadores dos mesmos fenômenos quando operados ùnicamente nos centros de origem dos grupos brancos" [46]. Oliveira Viana entendia que o estudo da raça era muito importante no Brasil e, se efetuado dentro da sistemática, ajudar-nos-ia ao conhecimento de problemas correlatos.

À contundência de certa crítica ao livro *Evolução do Povo Brasileiro* é que se deve a continuação dos seus estudos sôbre problemas raciais, dando origem ao estudo acima referido que, a meu ver, é um desdobramento do valioso ensaio. Em *Raça e Assimilação*, Viana revelar-se-ia na profundeza de conhecimentos especializados, investigando, na primeira parte, a bio-tipologia e psicologia étnica, os tipos antropológicos e os problemas da bio-sociologia, cuidando — na segunda do *melting-pot* e os seus métodos de análise matemática, os grupos arianos ao sul e a sua tendência à assimilação e os aspectos antropológicos do *melting-pot* brasileiro ao sul. Em notas complementares desenvolveu várias considerações, positivando uma grande capacidade ao abordar tema tão difícil e tão incompreendido àquela data. Afastava-se do debate sentimental para ferir diretamente o assunto.

A raça, segundo a lição dos entendidos, é a humanidade inteira, que descende de um tronco original. Por um proces-

(46) Oliveira Viana — Raça e Assimilação — pág. 17.

so natural de dispersão foi adquirindo particularidades numa e noutra região. Daí surgirem as categorias básicas. Além dessas categorias básicas, preocupava a Oliveira Viana o estudo das sub-categorias que, com decisão, soube empreender.

As suas conclusões etnológicas seriam confirmadas por quem poderia fazê-lo com inconcussa autoridade. É Mendes Correia, o renomado cientista luso que em carta comenta: "Já conhecia d'há tempos os belos artigos na "Terra do Sol", mas a leitura atenta da "Evolução do Povo Brasileiro" e das "Populações Meridionais do Brasil" (de que entretanto já recebera encomiásticas referências) veio trazer-me novos e mais fortes motivos para a minha consideração altíssima pelo seu pujante talento científico e literário e para o meu mais vivo interêsse pela sua brilhante e fecunda atividade mental. Não me limitei à leitura dos capítulos que V. Exa. me apontava. Li *tudo*, parte histórica, parte etnológica, parte sociológica, política, econômica, e li seguidamente, àvidamente, num crescente interêsse, sugestionado pela erudição, crítica, equilíbrio, fluidez, brilho e inteligência com que V. Exa. trata tão momentosos e apaixonantes assuntos. Asseguro-lhe que não exagero por mal entendida cortezia ou sob o entusiasmo do meu reconhecimento para com V. Exa. Com sinceridade acrescentarei que muito aprendi. Oportunamente direi em público o que penso do seu nobilíssimo e destacante labor" [47].

Paga a pena o transcrever-se mais um trecho da expressiva epístola: "a composição étnica da população brasileira, as cotas de vitalidade dos seus elementos, as feições psicológicas dos mesmos, o eugenismo do elemento d'origem portuguêsa, o papel do meio geográfico na fisionomia e na evolução física e moral dos vários tipos, a extensão e as conseqüências somáticas, psíquicas e sociais das mestiçagens — eis temas que, naturalmente, deveras me interessaram e em cuja magistral exposição tanto encontrei de novo e sugestivo." Dando vasão à receptividade sincera, terminaria Mendes Correia por convidá-lo a integrar, como membro efetivo, o Instituto Internacional de Antropologia, sediado em Paris.

Outros depoimentos somaram-se. Da sua atualidade diz o fato de que ninguém pode estudar o Brasil sem ler êste livro, em cujas páginas transparece a intuição da verdade

(47) Carta de 3 de Maio de 1926.

rompendo com o artificialismo comodista que fazia da sociologia uma espécie de conto oriental, pondo à margem os temas vitais, associado ao jacobinismo estreito que adulterava por completo o conceito da realidade brasileira. A realidade em si foi a inspiração do ilustre sociólogo.

Os seus estudos encerravam a metodologia da verdade científica. Marcos Almir Madeira (48), um dos seus discípulos mais amados, caracterizou bem êsse ângulo quando fêz o seu perfil psicológico: "procurar e escrever a verdade — e dela fazer a matéria prima das suas advertências, das suas retificações, das suas conclusões — era, afinal, o ofício de Oliveira Viana." E ainda: "Verdade, verdade e verdade — eis a obra paladina do sociólogo educador." Viana era um destemido antagonista da fantasia deturpadora dos fatos sociais.

Com efeito, dos seus livros o mais criticado fôra o *Evolução do povo brasileiro*. Marcos Almir Madeira fixou aquilo que, adequadamente, batizou de atoarda, dizendo: "não fêz o escritor o que se possa considerar, à própria, uma afirmação. Nem opinou; sugeriu, futurou, e de passagem. Pois sôbre a contribuição *puramente conjectural*, o açodamento de uns e o dolo de outros construíram edifício de crítica violenta, ou quase isso... O autor se havia cingido, vagamente, lacônicamente — porque a tese não era objeto central do livro — à aristocracia, apenas das Bandeiras; e a improbidade de alguns forjou que a meta era provar a colonização de *todo* o Brasil por dólico-louros..."

Essa crítica virulenta quão apaixonada representava os primeiros gemidos da sociologia partidarista, dessa que cresceu entre nós, mas que não pode ser levada a sério.

(48) Marcos Almir Madeira — Oliveira Viana e o espírito da sua obra — Anuário da Faculdade Fluminense de Filosofia, 1954 — pág. 62.

IX

O FLUMINENSISMO DE OLIVEIRA VIANA

Eleito Oliveira Viana para a Academia Brasileira de Letras, após uma relutância comprovada pela demora da posse, as instituições culturais fluminenses promoveram uma solenidade em homenagem ao coestaduano que tão alto se alçara, elevando com o seu prestigiado nome as tradições da Velha Província. A Academia viera a êle e muito me recordo com que dificuldade logrou submeter-se ao protocolo daquela ilustrada companhia. De feitio simples não se enquadraria no fardão dourado da Casa de Machado de Assis.

Êle era o terceiro de uma vigorosa série de pensadores nascidos no Estado do Rio e conseguira suplantar os antecessores, não só pelo vulto da obra, como também pela técnica adotada nos estudos e pela seriedade científica com que se houvera.

Naquela ocasião, falando prêsa de emocionalidade (a voz habitualmente baixa ainda mais diminuída de intensidade), disse: "na minha terra, hauri a primeira inspiração para os meus livros, pelo menos o meu primeiro livro. Eu vinha de uma geração que, tendo tomado consciência do mundo já na República, ficava entre duas épocas — entre o rumor do velho regime, que se esboroava, e a vibração do novo, republicano, que se inaugurava. Pude contemplar ainda as ruínas da velha sociedade agrária a que pertencia, a velha sociedade, sôbre que se tinha assentado o edifício do regime imperial. Populações Meridionais, o meu primeiro livro, são uma síntese destas impressões e nêle quis fixar, antes que se esvanecessem, os caracteres desta estrutura social que desaparecia... Êle é quase todo composto, argamassado e construído com material fluminense — do mais puro, do mais genuíno. Bastou-me olhar em derredor — ou mesmo dentro de mim — para encontrar a inspiração dêle, o seu sentido íntimo." Tais palavras significavam as cordas sentimentais do seu fluminensismo, vibradas com a lealdade de quem não perdia um segundo, não deixava que se escapasse uma oportunidade, sem que dissesse do grande amor à terra natal, que também nos ensinou a cultivar como verdadeira religião.

Êsse sentido da gleba, inato na sua personalidade, chegava a ser um complexo atávico. Mendel, falando da here-

ditariedade, deixou que se perdessem êsses liames de uma permanência imemorial no sentimento humano.

Oliveira Viana poderia dizer assim: Sou filho e neto de fazendeiros da Baixada. Nos menores gestos, no sistema de vida, com efeito, revelava-se o homem do interior: a largueza de coração, a simplicidade, a boa-fé, a bondade ilimitada. Mesmo na paisagem da vida urbana lhe não faltavam as marcas suaves do campo, já pelo estilo da residência no bairro do Fonseca, em Niterói — uma casa tìpicamente solarenga — já por ter à ilharga um bem cuidado jardim e, ao fundo, o morro do Holofote, coberto de vegetação, sem falar no mundo de silêncio que o enleava silêncio que, por certo, Leclerc confundiria com aquilo que chamou de a grande calma rural. A paixão pela natureza não se verificava como um estado meramente contemplativo; não era o embevecido transitório que, às vêzes, lança mão do natural como um refúgio ou um recurso de emergência. Nêle, a natureza estava diretamente ligada ao coração.

Do hinterland, compreendendo o drama das zonas agrícolas e das regiões semi-urbanizadas, se veio para o centro macrocefálico citadino, nem por isso olvidaria a sede do clã, pelo motivo dos alicerces definitivos de fixação que jamais se aluiriam ante o deslumbramento fantasmagórico da urbe. A cidade havia sido um acidente, a incoercível capilaridade social que teve de imantar um homem destinado a ser, como o foi, uma das maiores cabeças pensantes do nosso continente.

O aprimoramento cultural, no entanto, seria colocado ao serviço da sua gente, daquêles com os quais conviveu na roça e dos quais nunca se apartou. Num dos seus livros (49) não deixaria sem exame a questão social camponêsa, asseverando que "o mundo rural brasileiro continua intacto, fora da ação tutelar e renovadora desta nova política social. Não enfrentamos ainda os problemas sociais que o nosso interior, com a sua numerosa população proletária, encerra".

Quem o visse na Fazenda do Rio Sêco, logo compreenderia a sua afinidade ao meio campesino. A casa, no quase uniforme estilo colonial, dessas comuns ao meio social fluminense. Sem nada que denotasse curiosidade maior no que tange à arquitetura, não deixava de sobressair naquele ce-

(49) Direito do Trabalho e Democracia Social.

nário majestático, o vale ubérrimo guarnecido pelo contraforte da serra do Palmital. A velha cozinha da fazenda com as panelas enfileiradas nas prateleiras, as linguiças dependuradas sob o morno bafo da fumaça desprendida e a despensa armazenando as utilidades de consumo: o fubá, o aipim, o lombo de porco e umas quantas latarias.

Na sala de visitas a escrevaninha, livros e revistas, dando coloração típica ao ambiente, uma rêde, o que não existia na casa da Alameda. Vêzes sem conta fui visitá-lo naquele bucólico recanto. Chegava de inopino e a hospitalidade logo se traduzia num gesto franco de acolhimento. Trazendo à cabeça, invariàvelmente, um boné de casemira, pela singeleza da indumentária mais parecia administrador que proprietário. Na vestimenta roceira, mostrava-se digno sucessor do seu avô João de Oliveira Castro Viana, que tanto se preocupara, em vida, com o alargamento e a produção da propriedade. Um fazendeiro cem por cento autêntico.

O estudioso das vigílias continuadas reparava na paz vegetal os gastos de energia dispendidos na cidade. Lia menos à noite, porque o lampião não clareava as páginas suficientemente. Madrugador inveterado, podia respirar o oxigênio puro, ouvir os trinados da passarada, receber os colonos com aquele humanitarismo antidemagógico, raramente pronunciando um não, gastando o que possuía para nada faltar àqueles que viviam à roda da fazenda, aquêles amigos certos que não lhe faltavam e que, na rusticidade dos gestos e palavras, se faziam compreender pela benevolência do sábio.

Dava gôsto acompanhar Oliveira Viana numa excursão pelas imediações da herdade. O antigo engenho de farinha de mandioca, sob a cobertura de um galpão, com as suas intrincadas peças de madeira, religiosamente conservadas. "Não existe água melhor do que esta", exclamava, apontando a pequenina represa. Nas suas terras os meeiros abundavam e êle não se fatigava de preconizar a excelência do método da parceria agrícola.

Quando o visitei pela primeira vez naquela paragem virgiliana, andava êle preocupado com a abertura de um atalho que pudesse ter saída direta na rodovia Amaral Peixoto. Tinha em mãos um croquis que prefigurava, dentro daquela irresistível vocação para a engenharia, da qual se gabava. Pôde realizar o intento, vencendo dificuldades e levantando ainda um abrigo na entrada da sua [illegible] particular.

Democrata sem alarde, à sua mesa assentavam-se grandes e pequenos, ricos e pobres. Lembro-me da insistência com que se houve a fim de obrigar o meu motorista a fazer-lhe companhia durante o almôço. O profissional do volante, a princípio acanhado, sentiu a presença do cavalheiro e, durante a refeição, foi o dominador da palestra, palrando sôbre a sua vida.

A fazenda significava-lhe tudo. Em Niterói o seu pensamento dela não se distanciava. Inteirava-se do progresso rural porque o Rio Sêco não poderia ser colocado à margem das modernas conquistas da agricultura. Lia, com essa finalidade, revistas especializadas. Era conservador, sim, mas não do tipo tradicionalista. Seu espírito dinâmico andava à cata de melhoramentos a introduzir na propriedade que era o ponto alto da sua querência.

Telefonou-me um dia pela manhã: queria saber em que casa comercial vendiam cataventos geradores de eletricidade. Depois, sem mais preâmbulos, adquiriu um motor a gasolina para iluminar o Rio Sêco. Viu, com incontida alegria, brilhar a primeira lâmpada e sentimental dirigiu-se à sobrinha Emérita: quando me aposentar venho para aqui e não saio nunca mais. Tudo isso faria dêle, não apenas um enternecido enamorado do Estado do Rio, da sua linda Saquarema, da sua chácara no Fonseca, mas um fluminense imbuído dêsse salutar bairrismo que, em última ratio, constituía a melhor prática do seu acendrado nacionalismo.

Falando da sua terra assim se expressou: "Ela me deu tudo o que eu tenho em mim de essencial: deu-me o espírito e a sensibilidade, como me deu a matéria dos meus primeiros estudos e ainda as inspirações do meu pensamento político. Tudo o que sei aqui aprendi, aqui adquiri. Continuo, ainda hoje, vinculado à minha gleba natal por tôdas as raízes do meu ser, prêso a ela por suas matrizes mais puras, que são as suas populações rurais. Se não posso dizer, parafraseando o Sr. Alcântara Machado, que sou um fluminense de quatrocentos anos, posso entretanto dizer que tenho atrás de mim três gerações de fluminenses e, o que é mais, de proprietários territoriais. Nunca tendo saído da minha terra, tudo o que tenho dentro do meu espírito e do meu coração me vem dela. Não quero repetir aqui o que certos sociólogos, como Durkheim, demonstram sôbre o que a nossa personalidade deve ao meio em que nos formamos, à sociedade dentro da qual vivemos; mas, se tudo é verdade (e tudo isso é verdade) sou um fluminense cento por cento: — e disto me ufano." Em matéria de apeguismo local acredito ser esta uma das páginas mais expressivas da literatura nacional. A *fluminensia* segue-lhe a vida e êle disso se envaidece.

Foi um fluminense da gema. Fluminense e fluminensista. Radicara-se nêle o puro sentimento de amor ao território estadual. Seu temperamento localista, que é uma lição imorredoura para aquêles que o seguem, ia ao máximo de, no dia da padroeira do município de Saquarema — Nossa Senhora de Nazaré — reunir em casa os amigos mais íntimos com o motivo de comemorar a data religiosa. Oferecia-nos um banquete com os requintes peculiares aos seus méritos de hospedeiro completo. Nas vésperas do dia 8 de setembro, minha mãe anunciava o convite da família e, na hora aprazada, lá comparecíamos, ouvindo ao champagne as indefectíveis palavras de louvor à santa, palavras revestidas de paternalismo — poderia dizer de um taumaturgo — invocando para os presentes as bênçãos da protetora.

Um episódio marcante define a sua total identificação ao Rio Sêco. Em certo dia acompanhei ao seu lar um latifundiário da Baixada, usineiro e milionário, que pretendia adquirir a fazenda. O candidato à compra não mantinha relações com o sociólogo e conhecendo-me do Instituto do Açúcar e do Álcool, onde amarguei um bom tempo como funcionário, solicitou por meu intermédio, sem que prèviamente dissesse o assunto, uma entrevista, pronto obtida, pois Viana recebia qualquer pessoa. Muito bem. Após uma série de circunlóquios, dêsses volteios de negociante traquejado, que simulam vago desinterêsse para obter lucro maior, o adquirente em potencial viu o resultado da palestra protelado para o dia seguinte. Mandou-lhe, então, comunicar que não venderia, por dinheiro nenhum, *aquela coisa* que pertencia ao seu patrimônio sentimental.

Constantemente dava exuberantes provas do seu fluminensismo. Recebendo a medalha de ouro, iniciativa de minha autoria na Assembléia Legislativa do Estado do Rio, honra jamais prestada a outra pessoa, Oliveira Viana demonstrando coragem moral mencionou o meu nome diante do Governador, de quem me achava separado politicamente numa luta sem quartel. Entrando na posse do prêmio me-

recido, o homenageado, que se achava convalescendo de rude enfermidade, disse em relação aos seus conterrâneos que "podemos nos orgulhar de ter sido os organizadores da nossa estrutura administrativa e legal. Ora, em todos êstes feitos heróicos, que deram estabilidade e solidez ao Brasil, encontramos sempre a ação patriótica e construtura dos estadistas e legisladores fluminenses, dos nossos publicistas, dos nossos juristas, dos nossos políticos, dos nossos homens de Estado." E em seguida: "É natural que, sendo fluminense, me tenha deixado fascinar, ao estudar a história política do meu país, pela parte que se refere à nossa organização política, administrativa e constitucional, isto é, a parte em que, como vimos, tivemos — como fluminenses — participação direta e efetiva — e das mais precípuas. E compreendo, agora, o sentido íntimo da minha vocação de pesquisador." Nesse discurso acrescentaria que a história nacional pode ser considerada resumo da história local da Velha Província.

Prefaciando, em 1934, o livro "A planície do solar e da senzala", escrito pelo seu discípulo Alberto Lamego Filho, que pode ser considerado como o quarto grande sociólogo da safra maravilhosa da cultura fluminense ao Brasil, Oliveira Viana gizou nuances da nossa vida social comparando-a com a de outros grupos. O trabalho entre nós cedeu sempre lugar aos lances épicos dos paulistas belicosos. O pacifismo do fluminense encaixa-se nas atividades do pastoreio e da agricultura. A guerra não constituíra o nosso aprendizado e o sociólogo frisava que não empunhamos, nos primórdios da nossa civilização, nem a espada, nem a lança, nem o mosquete, e sim o laço e a aguilhada, o machado, a foice e a enxada. E perquirindo os elementos formadores dessa mentalidade superior, com acêrto chegava à ilação da predominância do agrarismo, cuja estrutura reflete mesmo a tranquilidade, firmando, dêsse modo, a superioridade da nossa organização doméstica singular e original na história brasileira.

No fluminense êle apura que o traço característico transparece nas manifestações sociais da sua cultura, que classificou como civilização. "Nenhum outro grupo — escreve (50) — é, sob êste aspecto, mais nìtidamente caracterizado, mais ricamente provido; entendendo-se, é claro, civilização como expressão de polimento, de boas maneiras, de

(50) Oliveira Viana — Pequenos estudos de psicologia social — 3.ª edição — págs. 74-75.

bom gôsto, de hábitos de confôrto, de apuro mundano de viver, de amor do luxo, do fausto, da suntuosidade, da predileção pelas coisas do espírito, pelas belas artes, pelas boas letras, pela sociabilidade amável e requintada dos salões." O fluminense — prossegue — "soube, como nenhum outro, dar a esta sociabilidade o apuro, o requinte, que nenhum outro grupo pôde atingir — e isto pelo fato, muito especial, de ter tido a ventura de ficar numa posição geográfica privilegiada para êste fim — para esta receptividade imediata da civilização e dos seus polimentos." Êle consegue provar que de todos os grupos regionais brasileiros, o mais sensível às influências civilizadoras do ultra-mar foi o fluminense, que "sempre se mostrou o mais européizado dos nossos tipos, aquêle em que a cultura ocidental mais penetrou, mais se infiltrou em extensão e profundidade, difundindo-se uniformemente por tôda a população até as suas extremas lindeiras. Daí os característicos da sua elite intelectual e política." Num dos seus raros discursos chamaria os fluminenses de os romanos do Brasil.

Paulino Neto (51) o compreendera, ligando a sua personalidade ao bêrço natal: "Filho da Baixada — diz — nascido na poética Saquarema, pousada na colina entre a lagoa e o mar, herdastes da velha gente de *serra baixa* aquelas mesmas virtudes do espírito e do coração, que sempre a marcaram em tôda a nossa história." Êsse entranhamento sentimental tornava-se incamuflável.

Na vida doméstica transparecia, igualmente, a sua fluminensidade. Chefe da família, o celibatário que vivia para a cultura, compenetrava-se das responsabilidades caseiras, observando rigorosamente os hábitos da nossa gente. Ao chegar do trabalho trazia, invariàvelmente, um embrulho contendo uma novidade. Comia bem e farta era a sua mesa. Quando teve de seguir um regime dietético, poucos o controlavam. Receber convivas, eis um dos seus maiores prazeres.

(51) Discurso. In "Oliveira Viana e o momento brasileiro" — 1940 — pág. 73.

— A propósito da concessão da medalha, em carta a mim dirigida, escreve: "Espero que você cumpra o que me prometeu quando telefonou. No meu discurso de agradecimento, falo a respeito da tua atuação parlamentar. Fico-te muito obrigado por tudo. Peço a você para agir no sentido de impedir a boicotagem junto aos jornais, porque tenho certeza que no Estado vão fazer tôda a boicotagem no jornal — e você deve saber donde pode partir esta boicotagem... Vigia as coisas; porque a homenagem é sua quanto minha. Abraços, lembranças do Oliveira Viana".

Fazia questão que chegassem cedo. Freqüentemente lá se encontrava o grupo que com êle mais de perto convivia: Alberto Lamego Filho, Thiers Martins Moreira, Geraldo Bezerra de Menezes, Marcos Almir Madeira, Dail de Almeida, Anselmo Macieira, Hélio Palmier (ùltimamente) e o autor dêste trabalho.

Chegávamos pela manhã e o surpreendíamos na espaçosa varanda entregue à leitura dos jornais. Os artigos que despertavam a sua atenção eram recortados e á medida que ia se inteirando do noticiário, esparramava as folhas pelo chão. Logo nos conduzia à biblioteca e comentava o último livro lido, ou abria a gaveta e nos exibia os originais do próximo estudo, escolhendo um capítulo para que o lêssemos em voz alta. De ver como seguia atentamente a leitura, determinando aqui ou ali uma interrupção para um comentário. Colhia, com tal sistema a primeira impressão.

Nas festas juninas, tão comemoradas no Estado do Rio, procurava nos reunir, o que fazia, também, no primeiro dia do ano, quando não abria mão da nossa presença no lar acolhedor. Ou em conjunto, ou isoladamente — como acontecia com mais freqüência — falava da nossa terra e do anseio em vê-la progredir. Nós formávamos como que uma pequena sociedade para êle. As poucas visitas que fêz foi sempre a um de nós, os amigos moços que contavam com a sua afeição. Num bilhete a mim dirigido personaliza-se por completo:

> *"O nosso telefone está estragado. É só possível concertá-lo quinta-feira. Venha jantar amanhã. Cousa simples e intimíssimo. Traga o João Mangabeira sôbre Ruy e levará o Paternostro.*
>
> *Abraços. Oliveira Viana."*

Costumava emprestar os livros que desejássemos ler. Num caderno anotava as saídas. Se demorávamos na entrega nos enviava um aviso amável, inclusive sugerindo a troca da publicação. Da nossa parte nos divertíamos com os pedidos de baixa que êle, gostosamente, atendia. Tinha, no fundo, um belo ciúme dos livros.

Passava os dias trabalhando na mansão da Alameda. Quando regressava dos seus misteres nem ao menos descansava. A lida cultural não sofria solução de continuidade. Quando saía de casa para o exercício das suas funções no

Distrito Federal, o relógio assinalava pontualmente onze e meia horas. Partia sobraçando pasta e empunhando bengala. Quando não tomava o auto de aluguel, viajava modestamente no reboque da Cantareira. No arrabalde todos o procuravam. Conselho para um, ajuda para outro. As reformas da igreja de São Lourenço contaram sempre com a sua colaboração. Bondade e cultura andavam de mãos juntas.

Quando partia para a fazenda deixava, por escrito, as suas recomendações. De lá mandava correspondência aos amigos do seu círculo afetivo. Encontrava, dessa maneira, excelente pretexto para falar do meio em que vivia. Eis uma dessas cartas a mim dirigida:

> *"Estou aqui nesta selva, com muita água nos céus e muitos camarões na lagoa. Tudo está bem e esperamos que nos venham, você e D. Zélia, dar o prazer de uma visita. Cheguei aqui e encontrei uma coisa surpreendente: tôda a fazenda estava dedetizada! Na porta da entrada estava a papeleta com o visto do Serviço de Malária! Confesso que não acreditava muito nisto de dedetização; mas, agora estou convencido da sua possibilidade. Mais: da sua eficiência. Os mosquitos desapareceram, até mesmo os terríveis maruins, que eram o meu pavor! Não há nenhum dêles. O interessante é que não há cheiro de inseticida — como acontece com o Flit. Dizem que dura seis meses êste serviço; mas, se assim fôr, eu acreditarei até na restauração da Amazônia! Não haverá uma dedetização para a política? Estamos bem precisando...*
>
> *Com um abraço do ex-corde*
>
> *Oliveira Viana."*

Na minha última visita ao refúgio campesino o convidei para um passeio a Araruama. Aquiesceu e durante o trajeto obrigou-me a paradas sucessivas. Saltava do carro e extasiava-se ante o belo panorama descortinado naquela região. Panteista que sentia dentro da alma o esplendor da natureza. Acaso seria só a beleza que tanto o empolgava? Não! Mais do que isto lhe falava altissonantemente o sentimento da terra, êsse notável sentimento que cultivou e que nos transmitiu.

Henry Thomas biografando Kant, cuja vida tanto se assemelha à de Oliveira Viana, salienta que o solitário de Koenigsberg, após nomeado professor da Universidade, nunca mais viajou além de quarenta milhas dos limites da cidade. O filósofo da Crítica da Razão Pura afirmara que é um crime contra a dignidade humana alguém valer-se do homem como simples instrumento de lucro. Em Rio Sêco, na sua propriedade, Oliveira Viana deixava patente a sua desambição pelo lucro e a compreensão dos homens.

A terra só lhe dera prejuízos, mas assim mesmo êle a amara devotadamente, porque a terra era o seu passado e, muito mais do que o seu passado, era a sua fonte de inspiração.

X

A REVOLUÇÃO DE 1930. NO MINISTÉRIO DO TRABALHO. A SUA ATUAÇÃO NA REFORMA SOCIAL. SUA CONTRIBUIÇÃO AO DIREITO TRABALHISTA BRASILEIRO.

No Fomento, em Niterói, Oliveira Viana exercia funções que, se eram burocráticas, nem por isso deixavam de ser dinamizadas por suas mãos experientes. A passagem na repartição estadual fôra assinalada fulgurantemente e o pesquisador poderá encontrar dados preciosos sôbre uma atividade consagrada aos estudos e à aplicação prática de processos modernos para o desenvolvimento dos serviços que lhe estavam afetos.

Vitoriosa a revolução de 1930, Arí Parreiras, com aquêle descortino administrativo que caracterizou a sua gestão, não prescindiu dos conselhos de Oliveira Viana e muitos dos seus atos, antes de publicados, foram submetidos à apreciação do autor de Populações. Várias oportunidades lhe foram oferecidas, mas êle optou pela de conselheiro. O Interventor instou para que êle aceitasse a chefia do executivo municipal de Saquarema, a sua terra.

Não respondera, de pronto, ao último convite. Queria, em primeiro lugar, proceder a um balanço sôbre os auxiliares de que careceria. Precisava de um Juiz (formado), de um médico, de um engenheiro, de um contador, enfim, de uma equipe de dez pessoas à altura da administração. No local não as havia, no momento. Tendo consultado a alguns, de fora, recebera a negativa por variadas razões. Não jogaria nunca o seu nome numa tentativa, arriscando-se a um fracasso face à impossibilidade de administrar como pretendia. Recusou o convite, mas não faltou com suas luzes ao fluminense honrado que foi o revolucionário mais fiel a 30. Ari Parreiras permanecera na estacada, defendendo os princípios pelos quais lutara, enquanto outros persistiam nos vícios que, durante o entrevêro, combatiam. O regime continuava o mesmo, apenas com homens diferentes. Não se pode, entretanto, negar que, no campo das conquistas sociais, a guerra civil lograra certo êxito.

Oliveira Viana, que acompanhara, discretamente, o desenvolvimento da insurreição, seria chamado a colaborar após a vitória dos rebeldes. Convém reproduzir, aqui, um tópico do *Diário da Noite*, de 3 de Julho de 1933, 3.ª edição, que se reporta a uma passagem interessante entre o sociólogo e um dos chefes destacados do Club 3 de Outubro. A nota é a seguinte:

"O Sr. Oliveira Viana, quando a chamada corrente tenentista julgou ter o govêrno nas mãos, naqueles dias agitados da visita dos esquerdistas a Petrópolis, foi procurado por um grupo de fogosos outubristas, com o major Távora à frente, a fim de que o ilustre sociólogo lhe arranjasse um bom programa.

— Estamos com o govêrno nas mãos. Queremos agora um programa — disseram.

O Sr. Oliveira Viana respondeu desde logo que tinha ali vários dêles. Que escolhessem.

— Um mais avançado — observou alguém.

E o Sr. Oliveira Viana entregou o que julgava ser o mais avançado.

Já saíam satisfeitos os jovens ideólogos quando o Sr. Oliveira Viana observou:

— Mas... por êsse programa não se admite a intromissão dos militares na política .

Há um momento de vacilação:

— E não se arranjará um outro que não seja assim?

— Não — responde o sociólogo. — É um princípio que adoto...

Foi pena..."

A cena ocorreu realmente e a ela Viana referia-se com *sense of humour*. A obra da revolução teria, contudo, a sua ajuda. Para êle, o motim tivera um mérito, qual o de elevar a questão social — até então solucionada pela polícia — à dignidade de um problema fundamental de Estado. Antes colocavam-se as reivindicações proletárias nas patas dos cavalos, pisoteando-as na ignorância de que o problema básico da sociedade era, como o é, o problema social.

Tornava-se urgente o reformismo, tentado desde 1922. Reconheça-se que as nossas massas obreiras, sem que o disputassem no primeiro momento do triunfo, receberam do Estado a política compatível, pois até então não se apresentavam unidas em tôrno de um movimento doutrinário, nem dispunham de líderes para a conquista de leis a seu favor. Viana caracteriza a ambiência reinante: "o movimento revolucionário de 30 encontrara, realmente, as massas laboriosas do país desprovidas de qualquer estruturação séria, com as suas classes desagregadas e desarticuladas, em plena fase de

individualismo profissional, constituindo cada uma delas um daqueles "rebanhos desunidos", de que fala Whitman. Os seus centros de organização assistencial eram representados apenas pelas pequenas e obscuras associações de beneficência, de caráter privado, existentes nas grandes cidades e cujo campo de ação, limitadíssimo, era ainda mais reduzido na sua eficiência pela insignificância dos seus patrimônios. Só os que trabalhavam nos serviços de transportes ferroviários e os que labutavam nas fainas dos nossos portos é que se beneficiavam com os favores e amparos da previdência social, organizada pelo Estado" ([52]). Aqui está o levantamento do campo onde as reformas sociais iriam se processar, transformando, segundo o seu conceito, o ambiente, a estrutura, a posição e a mentalidade.

A legislação redentora contaria com o seu concurso valioso. Das comissões instaladas para a reforma, algumas tiveram a sua presidência. Lindolfo Collor encontrava para os seus atos o sustentáculo de um conhecimento prático e técnico. Oliveira Viana, no Ministério do Trabalho, ocuparia a relevante função de Consultor Jurídico. Denominação de um cargo, sòmente, porque em verdade se constituiria no centro criador e orientador da reforma social. Não cogitaria das adaptações; relegaria as cópias em papel carbono; para o caso brasileiro soluções brasileiras, aproveitando, sim, as conquistas de outros povos como lição e nunca como imitação.

Geraldo Bezerra de Menezes descreveu a sua destacada colaboração no órgão instalado pelos revolucionários, fixando as normas do novo direito: "como Consultor Jurídico, definiu e precisou êstes conceitos não apenas através da revisão da matéria pré-legislativa, senão também através das soluções propostas a numerosos e variadíssimos casos concretos relativos a contrato de trabalho, à duração de trabalho, a férias, à organização sindical, à justiça do trabalho, a convenções coletivas, etc. Foi êste labor consultivo, objetivado durante oito anos, em centenas, senão milhares de pareceres, que formou o lastro jurisprudencial, sôbre o qual viria vicejar e florescer a elaboração do nosso direito de trabalho, não apenas nos seus aspectos formais, como, principalmente, no tocante aos seus princípios inspiradores e as suas diretrizes gerais" ([53]). No setor a que fôra convocado cuidou de espe-

(52) Oliveira Viana — Direito do Trabalho e Democracia Social — pág. 66.
(53) Geraldo Bezerra de Menezes — O Estado — 8-9-46.

cializar-se. A sua biblioteca começou a afluir espantosa quantidade de publicações versando temas trabalhistas. Pela noite afora, mergulhado nos tratados, organizava as suas fichas. Qualquer pronunciamento da sua parte tinha o sinete do bom senso e da lógica. Cêdo iria aureolar o seu nome num outro ramo de cultura. Em matéria de direito social realizava, também, um incontestável pioneirismo.

Para que bem se avalie o vulto do seu trabalho, é oportuna a transcrição de um artigo de Agamenon Magalhães, um dos que ocuparam a pasta do Trabalho com distinguido relêvo e que, a propósito do livro "Problemas de Direito Corporativo", assim se externou:

"É êsse o título do livro que Oliveira Viana acaba de publicar.

Trata-se de uma réplica ao parecer de Waldemar Ferreira sôbre o projeto de Justiça do Trabalho, enviado pelo govêrno à extinta Câmara dos Deputados.

O livro tem um caráter polêmico, mas é um grande livro, um livro de orientação e de cultura.

Êle define o debate como "a expressão de um conflito entre duas concepções do direito — a velha concepção individualista, que nos vem do Direito Romano, do Direito Filipino e do Direito Francês, através do Corpus Juris, das Ordenações e do Código Civil, e a nova concepção nascida da crescente socialização da vida jurídica, cujo centro de gravitação se vem deslocando sucessivamente do indivíduo para o grupo e do grupo para a Nação."

Basta êsse conceito para definir a oportunidade e a importância da matéria tratada com vigor e lucidez por um dos maiores pensadores do Brasil, senão de tôda a América.

Oliveira Viana não é só o sociólogo das "Populações Meridionais" e da "Evolução do Povo Brasileiro." Êle é um técnico em economia social.

O Ministério do Trabalho, onde êle serve, como consultor jurídico, sem a sua cabeça seria um edifício sem cúpola, sem linhas estruturais.

Trabalhamos juntos durante três anos, e todos os dias discutíamos uma hora sôbre os problemas brasileiros. Foram minutos que me valeram mais do que meses de estudo."[54].

(54) A Pátria — 31-7-1938.

Agamenon Magalhães detém-se em outros aspectos do livro. Sem a sua cabeça — presta autorizado depoimento o idealizador da benemérita campanha contra o mocambo no Recife — o Ministério do Trabalho seria um edifício sem cúpola, sem linhas estruturais.

No livro mencionado acima, Oliveira Viana atinha-se ao projeto da organização da Justiça do Trabalho, projeto que merecera alentada crítica do Professor Waldemar Ferreira, lente de Direito Comercial da veterana Faculdade de Direito de São Paulo. O catedrático bandeirante, intentando provar incongruências no projeto, chegou a acoimá-lo de fascista, insistindo na sua flagrante inconstitucionalidade.

Oliveira Viana, que havia participado da Comissão que elaborara o estatuto, entendeu de defendê-lo e o fazia, como fêz questão de acentuar, por se tratar de uma figura que merecia o respeito dos brasileiros. Os sete artigos escritos no *Jornal do Comércio* enfeixar-se-iam em livro, cujo título escolheu inspiradamente.

Seu maior escôpo consistiu em documentar a competência normativa dos tribunais de trabalho. Ninguém subestima o valor cultural de Waldemar Ferreira, mas, na espécie, sentia-se um pouco de paixão, embora se tenha de aceitar a a sinceridade do opositor.

Na apresentação do trabalho, editado em 1938, Oliveira Viana assim consubstanciava o seu pensamento [55]: "por outro lado, da notável crítica do Prof. Waldemar Ferreira cheguei à convicção de que a legislação social saída da Revolução de 30, marcando uma fase nova na história do nosso Direito Positivo, está exigindo, para ser compreendida em tôda a sua latitude, uma renovação profunda na dogmática dos nossos conceitos jurídicos tradicionais. O direito contido na legislação social da Revolução é um direito inteiramente disconforme, não apenas com as regras, mas com os princípios e o próprio sistema do nosso Direito Privado, em cujos moldes se tem medalhado a mentalidade de todos os nossos juristas." Não sem esconder alegria, apontava o fato de que a carta de 37 confirmaria as suas teses com uma quase imediata e imprevista consagração.

(55) Oliveira Viana — Problemas de Direito Corporativo — págs. 8-9.

Da Comissão citada era êle, sem dúvida, o principal articulador, o estruturador, o debatedor e o redator. Dela faziam parte Luiz Augusto do Rêgo Monteiro, Deodato Maia, Oscar Saraiva, Geraldo Faria Batista e Helvécio Xavier Lopes. No estudo divulgado, êle abordava os novos métodos da exegese constitucional, o problema da delegação de poderes e o papel das corporações administrativas no Estado moderno. Ninguém cuidara com mais argúcia da socialização do direito, nem do problema da descentralização territorial e funcional, nem dos princípios da separação dos poderes e da indelegabilidade da função legislativa nas modernas organizações políticas, do que aquêle membro da comissão designada pelo govêrno para o estudo da reforma. Soubera desempenhar-se, a contento, das imensas responsabilidades que lhe foram atribuídas.

Era o começo do Direito do Trabalho no Brasil. Que significava Direito do Trabalho?

As normas e as leis elaboradas tendentes a melhorar as condições econômico-sociais dos obreiros principiavam a constituir um conjunto apreciável. A previsão social caminhava para um terreno rigorosamente científico, desligando-se daquele beneficiarismo associativo, sem a escora que permitisse o seu funcionamento regular. Almejava-se a paz social, expurgando as injustiças e as explorações sofridas pelos trabalhadores. Pretendia Oliveira Viana, com os estudos já realizados sôbre a sociedade brasileira, o estabelecimento de regras para a instalação e a execução da Justiça do Trabalho. Volvendo as vistas para os mínimos detalhes do trabalho humano, esgravatando as relações jurídicas que apresentava, as idéias que sugeriam e como poderia agir o poder estatal na missão de fiscal e protetor do proletariado, êle desimcubiu-se da tarefa, encarando o Direito do Trabalho como ciência relativa.

Tinha uma qualidade fundamental para dar cabo da missão: o indesmentido horror à generalização, que o forrava da objetividade precisa. Aprendera com Gide que o trabalho era um ato reflexivo destinado a satisfazer as necessidades da índole da própria existência. Traçara um roteiro de pesquisas e organizara um plano, até hoje guardado no seu arquivo, das condições do trabalho brasileiro.

De muito lhe valeram os estudos de política social. Conhecia em minúcias o movimento político. Alicerçara a cultura nas investigações dos pressupostos filosóficos das doutrinas sociais da humanidade. Conhecia a inquietude, o desespêro, a mágua, a ânsia, a revolta, a fome, o frio, a subalimentação, a casa infame e o salário vil do nosso patrício. Aqui o desajustamento se agravara pela prevalência do indivíduo sôbre a sociedade. Ainda não surgira até aquêles dias o clima adequado ao aparecimento do homem socializado, do homem solidarista. Oliveira Viana deprecava a mudança de mentalidade através o trabalho lento visando a formação ,em etapas, dos estados de consciência coletiva.

Causavam-lhe forte impressão os exemplos suecos, como comprovou com a crítica entusiástica que fêz ao livro de Planus, sôbre os trabalhadores e os patrões na Suécia. Dito trabalho, publicado em 1938, confirmava os estudos que iniciara especializadamente há oito anos atrás. Detivera-se com aquilo que classificara de admirável instituição social, que outra coisa não era senão a convenção coletiva do trabalho. Reduzir o antagonismo das duas classes seria a questão decisiva. O caso nórdico o seduzia: "O homem — aqui (56) dizia — largado na imensidade da terra — expandiu-se na plenitude do seu individualismo, sem encontrar, por assim dizer, o obstáculo da sociedade, sem necessitar — porque não precisava dela — adaptar-se a ela, a conciliar-se com ela. Com os povos europeus, deu-se o contrário: — colocados, há milênios, dentro de pequenos "espaços vitais", foram forçados ao recalque do egoismo natural, dos seus impulsos individualistas, para o devido ajustamento dos seus interêsses pessoais aos interêsses das pequenas comunidades ecológicas, a que pertenciam: o seu individualismo tornou-se naturalmente grupalista. Conosco, ao contrário — e como em todos os povos latino-americanos — o individualismo tornou-se naturalmente anti-grupalista, sendo êsse anti-grupalismo, por sua vez, uma condição mesma da nossa formação social, um traço do nosso espírito nacional — o que se reflete, por um lado, na carência das instituições de solidariedade social nestes povos, como já demonstrei para o nosso e, por outro lado, na rarefação, na diluição, na fraqueza mesmo da nossa consciência coletiva e da nossa solidariedade social, seja do grupo comunal, seja da classe, seja da nação." Partia dessas linhas de raciocínio para provar que, Além Atlântico, as instituições de solidariedade social, como os sindicatos exemplificavam, assentavam-se num substratum psicológico,

(56) Oliveira Viana — Probiemas de Organização e problemas de direção — págs. 51-52.

cuja origem se poderia encontrar na própria história, enquanto que, entre nós, sòmente pela educação e pela coação, como fêz ver, é que essas instituições iriam criar um comportamento que denominou de culturológico, capaz de formar o espírito anti-solidarista.

Dir-se-ia ter sempre consigo aquela afirmação de Lacordaire que, entre o forte e o fraco, é a liberdade quem mata e a lei quem redime. A legislação do trabalho para Viana tinha de ser a essência da ordem pública. Competia ao Estado melhorar o *standard of living* dos econômicamente desamparados e socialmente desassistidos. Ao lado das condições econômicas as condições sociais, porque, antes do advento da revolução, a miserabilidade atingia às raias do drama e o regime do trabalho não se distanciava muito nos negros períodos da escravatura.

Conheci, de perto, o seu pensamento no que tange aos deveres do Estado nesse particular. Como Taylor, pensava que a habitação é um dos traços mais importantes na determinação do padrão de vida. Encarava primeiro — por ser urgente e não preferencial — a situação do trabalhador urbano, mas os seus estudos previam a política assistencial, também, aos núcleos agrícolas. A mim me repetiu, constantemente, que o fundamento da sua idéia residia no respeito à dignidade moral do trabalho, desde o mínimo da retribuição salarial até a higiene e a segurança, não omitindo o problema do acidente do trabalho, da enfermidade e da família do obreiro. Tinha em mira o funcionamento prático e suave de uma justiça social, estribada na lei, apta a utilizar-se das conquistas do capitalismo, da técnica e da assistência social para que, tal e qual pregava Roosevelt, a organização econômica fôsse colocada ao serviço do povo.

De formação católica inequívoca retirava da doutrina social da igreja muitas das suas inspirações. As bulas de Leão XIII norteariam a sua conduta. Sabia como Artajo e Cuervo [57] que a igreja contava com uma série de princípios elevados sôbre os quais podia erguer-se uma sociedade melhor e muito mais justa.

Vizinho da matriz de São Lourenço, no Ponto de Cem Réis de Santana, no bairro em que vivia, quantas vêzes, sòzinho, penetrava no templo e entregue às profundezas da meditação encontrava aquela poderosa viga em que as almas se sustentam para o exercício do bem. Feito legionário do Sagrado Coração de Jesus, recebeu as insígnias da irmandade, obedecendo ao ritual exigido. Solicitado a falar na Associação religiosa descobria um tempo para discorrer sôbre temas de interêsse. Não foi um legionário de freqüência total, mas os membros daquela confraria justificavam-lhe as faltas, possuídos de orgulho em tê-lo como companheiro. A formação religiosa da infância, amadurecida depois na convicção ensejada pelos estudos, haveria de estar presente no trabalho que empreendia, carreando coisas novas para um país que abolira a escravidão negra, mas que conservava a escravidão branca, explorando o suor do homem, alijando-o da sociedade ,na estúpida conceituação de que os braços deveriam ser considerados como picaretas frias, como se êsses braços não pertencessem a um ente humano e não fôssem complementos da alma de um irmão.

(57) Alberto M. Artajo e Maximo Cuervo — Doctrina Social Catolica — pág. 11.

Ninguém tirará ao movimento de 1930 o mérito da redenção do trabalhador brasileiro, como ninguém tirará, de igual modo, a Oliveira Viana o valor da ação destacada em defesa do nosso trabalhador, criando para êle a sua justiça especializada, dando-lhe a humanidade que lhe não reconheciam.

Guia do Govêrno Brasileiro, como o considerou Plínio Barreto, transformava-se ainda no interpretador credenciado da nova legislação. O sindicalismo — e o seu papel na vida política — passou a despertar a sua observação científica, dando em resultado uma obra magistral. O sindicalismo, de acôrdo com a doutrina francesa, comportava os sindicatos e as suas federações como a base de uma ordem, pregando, ademais, a sua autonomia em relação aos partidos políticos.

Tabatinga que se amoldava à conveniência momentânea, mesmo na sua terra de origem, o sindicalismo haveria de apresentar-se sob nuances e desdobramentos, embora com as características constantes de uma irrefreável tendência antiestatal. Tínhamos que ter uma organização sindical brasileira e do desidaratum iria cuidar o infatigável Consultor Jurídico do Ministério do Trabalho.

Num artigo escrito para *A Manhã*, consolidando pontos de vista sôbre o apaixonante assunto que, então, amplamente

se debatia, doutrinou que só mediante instituições sindicais e corporativas "o homem brasileiro está tendo nas mãos os dois instrumentos, ou melhor, as duas técnicas mais eficientes para o cultivo e a prática por assim dizer quotidiana desta nova modalidade de ação (nova porque a sua formação social não lh'a ensinou) que é a ação em conjunto, ação solidária, dirigida já agora no sentido de interêsses tìpicamente coletivos, porque interêsses de "classe" ou de "categorias" (grupo profissional); interêsses, em suma, que transcendem êsse vasto e tradicional campo do puro interêsse privado, em que há quatrocentos anos, êle vem agindo com o ímpeto e exclusivismo da sua ambição, da sua energia e da sua combatividade de individualista. É dêste ângulo que devemos encarar o problema da sindicalização em nosso povo." (58). Planejava Oliveira Viana dar fôrça ao Estado a fim de amparar e incrementar os movimentos associativos que os sindicatos ensaiavam. Estava familiarizado com o problema do sindicalismo por bem conhecer a sociologia.

Pelo sindicato é que o Brasil lograria obter, segundo ensinava, os hábitos da cooperação, da ação coletiva e a consciência do poder da solidariedade social. Defendia o sindicato de ofício ou de categoria, por ser o tipo ideal para a nossa pátria. Enfim, um sindicato construído à semelhança do meio.

Prefaciando o seu livro "Problemas de Direito Sindical" — o primeiro volume da Coleção de Direito do Trabalho, organizada por Dorval Lacerda e Evaristo de Morais Filho — condensou o seu programa, teclando a necessidade da renovação da mentalidade nesse particular (58): "minha inclinação pelo sindicalismo e as instituições sindicais e corporativas não tem outro fundamento. Estou absolutamente convencido de que o nosso problema do futuro não será reagir contra estas instituições de solidariedade profissional ou corporativa; mas, dar-lhes aqui uma organização compatível com as nossas condições de estrutura: de estrutura antropogeográfica; de estrutura econômica; de estrutura profissional. O nosso problema está, não em reagir contra elas, mas em tomar estas instituições em nossas mãos, encará-las com decisão e coragem, e alterá-las, deformá-las, abrasileirá-las em suma, de maneira a ajustá-las ao nosso corpo, à nossa con-

(58) O trecho acima figura, também, no livro Problemas de Direito Sindical às págs. 8 e 9.

(59) Oliveira Viana — Problemas de Direito Sindical — pág. 12.

formação, às dimensões das nossas possibilidades." Nesse alentado estudo, abundando em detalhes, abordou os prismas mais variados do sindicalismo, versando entre outras teses a dos inconvenientes da pluralidade sindical.

Plínio Barreto, na crítica feita ao livro, com justiça ressaltou: "O Sr. Oliveira Viana não é sindicalista porque o sindicalismo está na moda. É-o porque está convencido de que sòmente dentro do sindicalismo resolveremos o nosso problema do futuro." Apanhara com fidelidade o propósito do Autor.

Cumprira Oliveira Viana o seu dever no Ministério. Não raras vêzes teve de enfrentar a raivosa onda dos despeitados; não se tratava, apenas, de contraditores ideológicos. Uma crítica chegava a trazer na retaguarda a cobertura de um interêsse oculto.

Defender o operariado contra o procedimento de alguns patrões retrógrados era incorrer em risco, mas êle não temia as palavras canalizadas pela subalternidade, nem a prepotência de uma plutocracia ridícula. Comentaria essa luta, ora travada frontalmente, ora deslocada para o musgo dos bastidores, frisando que dêsses entre-choques, alguns não se revestiam de expressão ponderável, *dadas a mediocridade, a ignorância e a estupidez dos adversários que defrontei*, enquanto outros *adquiriram significação relevante, pela importância pessoal do antagonista e pelo vulto dos interêsses que êles exprimiam, uns materiais, outros espirituais*.

Seria estultice negar-lhe o valor da obra colossal. Os parvos podem se conluiar na assembléia da malquerença, mas nunca as suas confabulações negregandas sairão do círculo restrito das águas furtadas. A paixão produzida por uma contrariedade pode levar à injustiça. Se, na época, pretenderam ofuscar a sua radiosa luminosidade, hoje se consegue fazer a história da revolução e, no setor das conquistas sociais, esplende o nome de Oliveira Viana como o estruturador do novo trato que iria redimir as massas proletárias do Brasil.

Esgotara-se demasiado na árdua função. O físico denunciava os excessos da atividade intelectual. O Ministério carecia dêle, tanto na sede quanto na sua residência. A velha e predileta sociologia não se encontrava abandonada

mas não vinha tendo a assistência de antigamente. Já construíra o monumento e, bom pedreiro, não almejava perder-se nos arremates finais que deveriam competir aos outros. Carecia voltar ao estudo costumeiro, completar a pesquisa para o segundo volume de Populações Meridionais do Brasil. Sôbre o gaúcho reunira assombrosa documentação e os *papagaios* se acumulavam nas gavetas. Idealizara livros e sentia ,sobretudo, o desejo de voltar à tranqüilidade e ao silêncio para melhor produzir.

Ocorrera uma vaga de Ministro no Supremo Tribunal. O Presidente Getúlio Vargas ,seu amigo e reconhecido ao seu esfôrço no desempenho de altas missões no Ministério do Trabalho ,ofereceu-lhe o cargo. Tardou na resposta. O seu temperamento não se amoldaria à Côrte de Justiça, onde a cultura sobressai-se, mas onde também a rotina exerce o seu império. A beca do magistrado não constituía a sua aspiração. Não fôra um militante do fôro e nem por isso deixara de ser jurista, professor de Direito e autor de livros jurídicos.

Marcos Almir Madeira [60], em discurso a êle dirigido, retraçou o seu modo de conceituar a profissão, a sua posição no quadro da carreira a que pertencia: "não maldizeis os juristas, que jurista o sois, e de marca. O que não admitis — digo eu — são os burocratas do Direito, os "grammairiens des codes", exclusivistas e ortodoxos como certos médicos, para os quais existem, apenas, no mundo, duas realidades: o formulário e a farmácia. Não creio que se possa pôr em dúvida a sanidade dos vossos intuitos. Permito-me resumi-los: quereis do bacharel e para o bacharel, senso amplo dos textos legais, visão social da norma jurídica — um mínimo de espírito forense para um máximo de espírito público." Confessar-me-ia Viana o seu agrado em se ver num perfil que tão nìtidamente descrevia o que êle imaginava sôbre o assunto.

Comovido ante a deferência presidencial, gentilmente recusou o convite, comunicando ao Chefe do Executivo, como catalogou Dorval Lacerda: Estou muito velho, Senhor Presidente, para estudar Direito Civil... Urgia, isso sim, retornar aos temas da sua predileção. Por outro lado, o absorvente trabalho do Ministério cerceava-o cada vez mais. O duro havia sido a organização, a trabalheira imensa do início. Agora tudo funcionava. Desenhara a máquina e fôra

(60) O Estado, Niterói — 8-9-46.

Na Academia Brasileira de Letras, no dia da sua posse, ao lado de Taunay, que o recebeu naquele sodalício

mecânico. Que outros viessem para substituí-lo e seguissem as suas pegadas. Nesse meio tempo verifica-se uma vacância no Tribunal de Contas da União. O Presidente Vargas oferece-a ao escritor que admirava. Desejava premiar-lhe o labor. O lugar permite-lhe o prosseguimento do estudo e da pesquisa.

O Tribunal não chegava a ser uma sinecura. Exigir-lhe-ia menos e restava tempo mais do que suficiente para a retomada da sua obra sociológica. Trabalharia eficientemente, embora os processos examinados, a não ser em casos especialíssimos, viessem às suas mãos devidamente informados pelo imenso corpo de funcionários daquele órgão auxiliar da administração pública.

Feito Ministro reencontrou-se com a sociologia [61]. Não que tivesse havido uma separação. O Direito Social estava sendo tratado, em igualdade de condições. E o seu coração não ficava como no velho brocardo francês, balançando entre as duas. Balançava, sim, mas a favor da sociologia.

(61) O Jornal do Comércio, edição do dia 20 de dezembro de 1940, comentando a posse do substituto de Oliveira Viana, publicou as seguintes palavras do Ministro Waldemar Falcão: "os casos submetidos à solução do Ministério do Trabalho, acentuou S. Exa., são de tal natureza árduos e complexos que se faz necessário um alto senso de justiça, um vivo instinto patriótico, para o perfeito e completo desempenho das funções de Consultor. Elas são as de um verdadeiro magistrado. Aqui — frizou o Sr. Waldemar Falcão — no Ministério do Trabalho, o Sr. Oliveira Viana, hoje investido das altas funções de Ministro do Tribunal de Contas, deixou uma tradição inapagável de honradez, de critério, de trabalho e de cultura. Homem íntegro e dedicado ao serviço público, a sua passagem por esta Casa foi, assim, marcada por um traço constante de resistência às injunções pessoais. Confiava em que o novo Consultor, que vinha acompanhando a vida do Ministério do Trabalho desde a sua fundação, seguiria essas tradições de probidade e de devotamento".

XI

O HOMEM QUE NÃO GOSTAVA DE VIAJAR. CONVITES RECUSADOS. UM TRAÇO PRIMORDIAL NA SUA PERSONALIDADE.

A efervescência em que vivia metido cedeu lugar a um bonançoso período, de resto utilíssimo à saúde que padecia conseqüentemente ao esfôrço sobreumano por êle dispendido. Nos primeiros dias chegou a sentir saudades daquela azáfama, do borborinho ministerial, das chamadas ininterruptas dos titulares da pasta que, por via de conseqüência, não podiam prescindir da sua palavra abalisada nas decisões que tomavam.

Pudera retornar à imprensa, com menor assiduidade, é certo, e dera curso ao planejamento dos livros, iniciando uma série de relevantes pesquisas no terreno da sociologia política, imaginando a realização de algumas viagens pelo interior brasileiro. Ditas viagens, todavia, ficavam nas conjecturas e adiavam-se freqüentemente. De São Paulo, dos centros mais expressivos da inteligência piratininga requisitavam a sua presença.

Muito se divertiu — de uma feita — ao tomar conhecimento que um seu homônimo chegara a ser homenageado num hotel paulistano, só se apercebendo de que as manifestações de aprêço a êle não se dirigiam quando o orador, expressamente, mencionou o autor de Populações Meridionais do Brasil. Não havia jeito de arrancá-lo do Estado do Rio.

Programara em 1928 uma visita ao Rio Grande do Sul e a respeito tratara com o então Governador Getúlio Vargas, que lhe remeteu a carta que abaixo se segue, em resposta à que havia recebido:

Pôrto Alegre, 20 de Junho de 1928.

Ilustre amigo Sr. Dr. Oliveira Viana — Niterói.

Cordiais Saudações. Acuso o recebimento de sua carta de 16 de abril último. Atendendo, com muito prazer, ao pedido constante da mesma, determinei a remessa dos dados de que necessita, para o preparo da tese "Problema eugênico da imigração." Entre essas informações, segue também um magnífico estudo do Dr. Belizário Pena, sôbre dados demográficos do Rio Grande do Sul.

Quanto à imigração, tenho a informar que, em 1908, celebrou o Estado convênio com a União para superintender êsse trabalho. Vigorou o aludido convênio até 1913, época em que passou novamente tal serviço ao Govêrno Federal. Foi, então criada a Inspetoria de Povoamento do Solo, subordinada ao Ministério da Agricultura, onde poderá o ilustre amigo conseguir outros esclarecimentos. Daquele ano em diante, não teve mais o Rio Grande, serviço de imigração, limitando-se tão sòmente a localizar os colonos e seus filhos, aqui nascidos.

A respeito da sua projetada visita ao Rio Grande do Sul, declaro-lhe terei a maior satisfação em recebê-la, em ocasião oportuna para o ilustre amigo, conforme convite que lhe fiz, quando não havia ainda assumido o govêrno dêste Estado.

Sem outro assunto, apraz-me reiterar-lhe a segurança de meu aprêço e consideração."

GETÚLIO VARGAS"

Desejava os dados sôbre imigração, mas a viagem ensejar-lhe-ia o conhecimento direto do cenário, facultando-lhe elementos paralelos para o estudo do gaúcho.

O Governador Flôres da Cunha insistiria ,igualmente, no convite. Para a gente farroupilha seria uma honra hospedar o sociólogo fluminense. Essa visita seria um dos seus sonhos e, em repetidos momentos, lamentava-se por não tê-la podido efetivar.

De uma feita chegara perto da região que tanto fascinava a sua mente. Arredio às excursões, penso decorrer tal atitude da introversão do seu espírito e, também, para não se afastar da família de que era o chefe. Fora daquela familiaridade desajustar-se-ia inapelàvelmente.

Círculos científicos da Europa convidaram-no mas nada o demovia da decisão inabalável. Andou, na verdade, além dos quarenta quilômetros de Kant, mas só por perto e num tempo muito curto.

Modéstia consciente, o apanhou bem Joaquim Melo narrando esta passagem [62]: "cabe aqui realçar outro traço de sua personalidade, que era a modéstia natural e consciente, pois que a simulada ou artificial se transforma de virtude em hipocrisia. Ainda a meu pedido, foi Oliveira Viana incluído na representação do Estado ao Congresso do Café, realizado na capital de São Paulo em 1927, em comemoração ao 2.º centenário do cafeeiro no Brasil. Mas não compareceu àquele conclave, apesar de lhe ter enviado uma tese, afirmando que não poderia defendê-la se acaso fôsse criticada, por não ser orador. Realmente, com o seu temperamento tímido e seu horror ao exibicionismo, era-lhe penoso falar em público. Entretanto, Júlio Prestes, então Presidente de São Paulo e admirador do emérito publicista, supondo que êle participava da delegação fluminense, na tarde em que a recebeu no Palácio dos Campos Elísios, convidara diversos escritores paulistas, entre os quais me lembro de Plínio Salgado e Menotti del Picchia, para conhecerem pessoalmente o autor de Populações Meridionais do Brasil. O logro foi por mim desculpado, com abundantes informações sôbre a índole retraída de Oliveira Viana." Era assim mesmo: avêsso, arredio, desconfiado e retraído, em que pese a polida atenção que a todos dedicava.

São Paulo persistia no interêsse da visita. As ocasiões em que visitara a Paulicéia — pouquíssimas — o fizera discretamente, procurando um reduzido grupo de amigos e regressando sem tardança. Afrânio Peixoto, com o prestígio da amizade, se abalançaria em obter uma concessão, enviando-lhe carta:

"Exmo. Amigo Oliveira Viana:

De São Paulo escreve-me o Sr. Alcântara Machado, diretor da F. de Direito, oficial, e Diretor da F. de Ciências Políticas e Sociais, leiga mas patrocinada por favor público, e que pretende professôres do Rio, da Europa, da Norte América. O seu nome foi lembrado, na primeira hora. Quererá dar a êles um curso de sociologia geral, ou especializada, de alguns assuntos nacionais — a seu talante? Ao menos algumas conferências? Quando? Como?

(62) Joaquim de Melo — Traços da personalidade de Oliveira Viana — O Jornal, 1-4-51.

em que condições? Se estiver disposto entrarão êles, diretamente, em aprêço sôbre as condições materiais. Pense, com favor, por favor, me diga uma palavra.

Creia-me, seu admirador e amigo

AFRANIO PEIXOTO."

P. S. O caminho da Academia não tem espinhos..."

Pense, com favor, por favor, me diga uma palavra, exortava Afrânio Peixoto, a quem Viana consagrava estima. Deu-lhe a palavra impetrada ,sim, esquivando-se ao atendimento do convite honroso. Do fundo da alma sentia-se feliz, não envaidecido, em ser solicitado a falar à mocidade patrícia longe da sua área operacional, que se restringia aos moços da Faculdade de Direito da capital fluminense. Como o imantava a terra natal!

Da Argentina, do Uruguai e do Chile, sucessivamente, recebia pedidos para visitar êsses países; lobrigava sempre uma desculpa e não os atendia. A fazer uma viagem longa, disse de uma feita, só aos Estados Unidos. Quando em sua mansão o apresentei ao sociólogo norte-americano Lynn Smith — um devotado estudioso dos problemas brasileiros — o assunto foi abordado. O autor de "Sociologia da Vida Rural" prontificou-se em obter um programa da sua Universidade, que o consideraria como hóspede de honra. Depois, um adido cultural formular-lhe-ia convite idêntico. Tudo sem resultado.

Austregésilo de Athayde [63] salientou êsse traço fundamental da sua personalidade: "Levou Oliveira Viana vida monástica de um gênero que muito poucos hoje praticam. Vida dedicada ao estudo, ao trabalho intelectual, à pesquisa de realidades sociais, políticas e econômicas que soube fixar em páginas que já pertencem ao patrimônio da cultura brasileira. Não aspirou a riquezas, nem a honrarias, nem a cargos de alta representação. O que queria e plenamente realizou, foi uma obra de sociologia vasta e penetrante, graças à qual tantos dos nossos problemas foram devidamente esclarecidos." Vida monástica, sim, era dêsse modo a sua vida, prêso pelo pendor vocacional, sem poder sair dos limites da sua terra.

---

(63) Diário da Noite — 1951.

Vamos colher mais uma prova dêsse comportamento invariável. Em 1944, o chanceler Oswaldo Aranha pretendeu obter a sua cooperação num trabalho de ordem internacional, tendente a uma aproximação maior entre o Brasil e o Paraguai. A nação guarani, a mais subdesenvolvida da América do Sul, guarda ressentimentos insopitáveis e não disfarça uma conduta inamistosa, embora aceite educadamente os nossos oferecimentos, desde o serviço do correio aéreo até a assistência militar. Na data em que a missiva fôra escrita a situação apresentava certa gravidade. O nosso procedimento diplomático foi e tem sido falho em relação aos paraguaios. Em 1952, eu recolhia, pessoalmente, provas dêsses recalques que se traduziam nas menores ocorrências, recalques que tomavam corpo através a insuflação de uma república vizinha. De Rio Branco para cá tem sido um desastre. O que os diplomatas não conseguiram efetuar, teria de ser feito pela inteligência e ninguém melhor para a tarefa do que o sociólogo. A comissão, entretanto, não foi aceita por Oliveira Viana.

---

(64) Oliveira Viana assim se dirigiu ao Ministro Oswaldo Aranha:

"Meu caro Ministro e eminente amigo.

Muito sensibilizado fiquei ao receber a comunicação de que V. Excia desejaria saber se aceitaria a incumbência de uma comissão de estudos no meio paraguaio, para o fim de coligir elementos que permitissem ao govêrno do Brasil a formulação de uma nova política com aquela nação irmã.

Em resposta, cabe-me, em primeiro lugar, agradecer a V. Excia. a lembrança que teve do meu nome. É uma distinção pela qual muito grato lhe estou. Bem vejo nela que ainda subsistem na memória de V. Excia. as recordações daquelas tumultuosas tardes da Comissão Revisora do Itamarati, onde, para meu encanto, a palavra de V. Excia. sempre ressoava sonora e dominadora no seu timbre metálico e forte, que lembrava a de um comandante de esquadrão. Também nunca se apagou do meu espírito a lembrança daquelas tardes agitadas, cujo sentido histórico ainda espero fixar na minha futura *Introdução à História da Revolução de* 30, cujo material já estou começando a coligir e que será o canto de cisne da minha carreira de escritor.

Permita-me, entretanto, meu caro Chanceler, algumas ponderações antes de responder ao seu apêlo. Releve-me se elas forem um pouco longas; mas, assim é preciso, porque elas fundamentarão a minha resposta.

O apêlo de V. Excia. me encontra no momento justo, exato de um verdadeiro demarrage literário: o do recomêço da elaboração de uma obra, cuja conclusão há pouco mais de dez anos fui forçado a interromper e que por sua vez representa o labor de vinte anos de intensas leituras e penosas pesquisas arquivais sôbre o Brasil. São nada menos de quatro volumes, já compostos, embora em escôrço grosseiro e despolido, o primeiro — *Raça e Etnia* — versando os problemas brasileiros das correntes imigratórias da assimilação étnica e dos quistos raciais; o segundo — *Seleções Telúricas* — tratando os problemas relativos à aclimação das etnias européias nos trópicos e, em seqüência, o problema da determinação científica dos diversos centros de

O jornal *Letras Fluminenses* traduziu os *hieroglifos* constantes de um rascunho que tive em minhas mãos, onde algumas palavras são de todo ilegíveis. Como faz ver a fôlha literária, a referida minuta demonstra o pensamento inicial e espontâneo em tôrno daquele encargo dignificante [64]. Não desejava que o seu trabalho sociológico sofresse solução de continuidade e, por isso, não poderia aceitar a incumbência. Os seus livros, como acentuava, estavam no estaleiro.

A resposta ao convite encerrava desabafo e planejamento. Esquivando-se, maneirosamente, do cometimento, traçava o roteiro da sua atividade intelectual com notas autobiográficas. Um motivo sobrelevava e era o do costume: não queria afastar-se da terra, por êsse arraigamento, por êsses grilhões sentimentais que nunca partiria. Dizia que mais tarde — muito mais tarde — estaria à disposição do titular. Enquanto anunciava a visita ao Rio Grande do Sul — *quando tiver de lá ir* — (não pôde ir) — reportava-se ao método um tanto extravagante de trabalho, arrebanhando desculpas para escorar a recusa irrevogável.

---

distribuição dessas correntes imigratórias, segundo o critério da sua melhor adaptação: o terceiro — *Mobilidade Social* — sôbre os problemas das migrações internas: focos de irradiação colonizadora, deslocamento da nossa população para o *hinterland*, formação das "cidades vivas", marcha para o Oeste: o quarto e último — *Sociologia das Elites* — síntese final dos volumes anteriores, versando os problemas da formação dos nossos quadros dirigentes do nosso povo, da capilarização dos valores existentes na massa e dos processos da sua seleção.

Êstes quatro volumes eu os havia composto no período que vai de 1924 a 1932, depois de ter concluído o primeiro das *Populações Meridionais* e a *Evolução do Povo Brasileiro.*

Não se admire, meu caro Chanceler, de ter eu tantos livros no estaleiro, elaborados, mas inéditos. É isto conseqüência do meu método um tanto extravagante de trabalho: planejando o livro, escrevo-o logo, num esfôrço grosseiro, sem lavor literário, falquejando-o por assim dizer; feito isto guardo-o; e só depois de vários anos é que o retomo para os trabalhos definitivos de refusão, atualização e polimento. É assim que tenho na gaveta o 2.º volume das *Populações*, consagrado exclusivamente ao estudo das populações pastoris do extremo sul, os bravos conterrâneos de V. Excia. Está escrito desde 1924 e está ainda esperando todo êste tempo o lavor definitivo, as retificações que naturalmente terei que fazer no texto original, em face das pesquisas recentes dos modernos investigadores riograndenses (Aurélio Pôrto, Borges Fortes, etc.) e também quando tiver de lá ir, no momento próprio, observá-lo.

Quando em pleno trabalho de elaboração dêstes quatro livros, deu-se a minha entrada, em 1932, para o Ministério do Trabalho. Tive, então, que abandonar tudo, romper bruscamente com velhos estudos que vinham desde a fase de elaboração de *Populações* e lançar-me de todo corpo num novo campo de estudos — o dos aspectos jurídicos dos problemas sociais. Não

Se na própria Academia Brasileira de Letras raramente comparecia; se homeopàticamente visitava — embora cumprisse os seus deveres sociais; se não se afastava a pretexto algum do eixo Niterói-Saquarema, como embarcar num avião ou num paquete para distante da Pátria? Não, tudo menos arrancá-lo da gleba.

Quando Roberto Simonsen foi procurá-lo estive presente ao encontro. Industrial poderoso, a par da condição de escritor especializado, Simonsen empenhava-se para que Viana aceitasse, sob o patrocínio da Federação das Indústrias que controlava, uma visita por todo o Estado de São Paulo, como hóspede de honra e com automóvel à disposição. Não me esqueço da insistência amável do economista bandeirante. Por mais que assediasse e investisse contra aquela fortaleza da vontade, teve de bater em retirada porque ninguém o demovia daquela quase obstinação.

Colecionaria vultosa quantidade de recusas. A sua esquivança, sob êsse ângulo, era uma das componentes da sua

---

lamento, entretanto, esta interrupção violenta dos meus estudos nem os oito anos que ali consagrei. Dela me saíram alguns livros de interêsse geral que considero úteis ao meu país. Dois dêles já publicados — *Problemas de Direito Corporativo* (1938), que já tive o prazer de enviar a V. Excia. e *Problemas de Direito Sindical* (1943), que tenho agora o prazer de remeter-lhe; e mais dois ainda inéditos, mas já compostos a meu modo: *História da Questão Social no Brasil* (1500-1940) e *Fundamentos da Política Brasileira* (1930-1945). Êstes dois últimos livros foram para a gaveta; não os quis ultimar agora.

Voltei-me, então, para os velhos estudos, para os quatro volumes relativos ao problema das etnias imigradoras, que eu havia abandonado desde 1932. É nêles que estou agora trabalhando com o pensamento determinado de concluí-los, de modo que os afluxos humanos que a miséria do após-guerra lançará dentro em breve futuro em nossas terras nos encontrem em condições de preparo para recebê-los — isto é, com uma política de imigração e colonização assentadas, não em empirismos inconsistentes, mas em bases científicas seguras.

Por isso, estou procurando retomar êstes estudos, reexaminar, reclassificar e fundir em sínteses parciais essas milhares de fichas e nótulas que coligi sôbre estas árduas matérias, em vinte anos de pesquisas e leituras. Neste ano da graça de 1944, neste mês de março, tão pressago, estou com tudo preparado para os trabalhos da elaboração definitiva dêstes quatro volumes. É êste justamente o grande demarrage, a que aludi no princípio desta longa carta. E é justamente neste *climax* que recebo a interpelação de V. Excia., tão desvanecedora no seu significado, mas psicològicamente, para mim, tão difícil de respondê-la.

Êstes quatro volumes sôbre as bases científicas da nossa política imigratória e colonizadora espero ultimá-los em dois anos, em 1946. Nesta altura, tudo me leva a crer que a guerra já estará terminada e então será tempo de lançar-me à conclusão dos dois outros volumes sôbre a questão social no

estrutura psicológica. Não que fôsse um anti-social. O tempo de que dispunha se apresentava diminuto para a conclusão do seu trabalho.

Na vida íntima revelava-se um supersticioso. Não aceitava — por nada — ser padrinho de casamento, ainda que do amigo mais chegado, depois que um seu afilhado decidiu dar cabo da vida. Dali para a frente ninguém obteve tal concessão. Na mesa tinha o cuidado prévio de não reunir treze pessoas. Determinado conviva, sem que o avisasse a tempo, faltou a um jantar que promovera. Quando deu pela coisa, mobilizou pelo telefone os amigos ao alcance e só foi sentar-se à mesa ao inteirar quatorze pessoas.

Que bondade extrema, que delícia íntima à prática do bem, que modéstia, que recolhimento voluntário ao anonimato, que magnífica formação para a solidariedade humana. Veja-se um episódio definidor da sua sensibilidade ilimitada.

Haviam conseguido um milagre: uma palestra de Oliveira Viana sôbre serviço social. A voz baixa, sem auxílio de

---

Brasil e espero terminá-los também em dois anos, lá para 1948. Daí em diante estarei livre e à disposição inteira de V. Excia. Poderei, então, se Deus se amercear de mim e me der vida para tanto, ultimar a elaboração dos dois outros trabalhos no meu piano de estudos brasileiros, o II volume das *Populações Meridionais* (população do extremo-sul) e a *Introdução à História da Revolução de* 30, que será o ponto final da minha carreira de escritor. Livro que espero deixar para o fim, para que possa o tempo me dar a perspectiva necessária a uma visão mais integral dos acontecimentos e dos homens.

Esta explicação demasiadamente longa era necessária, meu caro Chanceler. Ela servirá para justificar a minha recusa ao seu generoso convite. Recusa perentória, que faço constrangido e pesaroso. Porque me fará agora abandonar êsses trabalhos, interompê-los mais uma vez.

Se fôra mais moço, não teria dúvida em interrompê-los; agora, não. Estou convencido de que com êles estou servindo patriòticamente o Brasil mais do que o poderia servir em novas diversões da minha atividade intelectual. Nelas irei tratar dos grandes problemas do nosso povo, problemas fundamentais de interêsse imediato e cuja solução o após-guerra irá postular com império, aos responsáveis, como V. Excia., pelo destino do Brasil.

Meu eminente amigo e caro Chanceler, eis aí a minha resposta. Veja nela apenas uma expressão de sinceridade e também a certeza de que há no meu país, felizmente, muitos brasileiros capazes de darem à incumbência de seu convite um desempenho mais brilhante e eficiente do que o meu.

Dando-lhe a certeza de que ninguém como eu acompanha com a mais desinteressada simpatia e a mais viva e crescente admiração a sua radiosa carreira de homem público, é com prazer que me subscrevo como o seu mais atto. admirador, patrício e obrgdo."

microfone, não se tornava audível. Não lhe agradava falar em público. Como que se sentia desligado do meio ambiente. Terminada a conferência na qual versara temas atuais e, entre outros aspectos o problema da esmola — mostrando a sua nocividade na solução dos casos sociais — sai do recinto acompanhado por um grupo de ouvintes. Na rua, um pobre velho dirige-lhe apêlo crucial e lancinante, rogando uma esmola pelo amor de Deus! Anda poucos passos à frente e já revolvendo os bolsos retira uma nota, cuja entrega faz, sorrindo, ao pária carioca. Os assistentes à palestra entreolharam-se estupefatos.

Tinha caído por terra a sua teoria...

XII

OUTROS ESTUDOS. O BALANÇO DA SUA ATIVIDADE INTELECTUAL. PROVAS DO SEU AMOR À SOCIOLOGIA. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

De 1906 a 1946, portanto quarenta anos, levara intensa vida intelectual, relegando a saúde a plano secundário. Professor da Faculdade de Direito de Niterói, um dos fundadores da Academia Fluminense de Letras, Diretor do Fomento Agrícola — para cuja investidura muito concorreram Lacerda Nogueira e Joaquim Melo —, Membro do Conselho Consultivo do Estado do Rio, Consultor Jurídico do Ministério do Trabalho, da Academia Brasileira de Letras e Ministro do Tribunal de Contas da União, afora um sem número de comissões, Oliveira Viana logrou exercer essas atividades quase sem prejuízo dos seus estudos prediletos. Pequenos interregnos, sim, mas o invariável retôrno ao campo da vocação específica. Até 1943 publicara doze livros, cuidando êles ou de sociologia ou de antropologia social ou de história social ou de direito social.

Em 1932 pudera consagrar-se à revisão do livro *O Ocaso do Império*, cuja primeira edição remontava ao ano de 1925. Dêsse estudo diria Raimundo de Morais, em as *Cartas do Amazonas*, que honraria a pena de Macaulay, pela nobreza e elevação moral com que foi escrito. A acolhedora ressonância derivava do critério seguido pelo Autor, analisando a evolução do ideal monárquico-parlamentar; o movimento abolicionista e a Monarquia; gênese e evolução do ideal republicano; o papel do elemento militar na queda do Império e, finalmente, a queda do Império. Êsse trabalho originou-se da incumbência que lhe dera o Instituto Histórico, ao ensejo da comemoração do centenário de Pedro II. Aquêle sodalício decidira realizar um ato condigno e selecionara onze dos melhores nomes da cultura nacional a fim de abordarem sob diversos aspectos o período monárquico. A Oliveira Viana coubera o exame da questão militar, a campanha abolicionista e a grandeza e decadência do Império. Fê-lo com maestria, tendo, segundo afirmou, de sair dos extremos prefixados pelo Instituto, pois, especialmente, os dois últimos anos do regime apresentavam a eclosão de um movimento social, cujas raízes se perdiam no passado distante que carecia ser revisto para a compreensão exata dos fenômenos que se desenrolaram.

Perquirindo causas chegava a esta conclusão (65): "Real-

(65) Oliveira Viana — O Ocaso do Império — 2.ª ed. — pág. 6.

mente, nenhuma das grandes fôrças que determinaram a queda do Império se havia gerado dentro do período de 1887-1889; tôdas tinham as suas manifestações iniciais fora daquele limitado espaço histórico: o abolicionismo, o republicanismo, o federalismo, o militarismo. Êste partia de 1870 — pelo menos. O pensamento abolicionista recuava ainda mais — aos primeiros dias do Império. O espírito republicano e federativo, êsse vinha ainda de mais longe — mergulhava em cheio as suas raízes no período colonial. Tive, pois, que desobedecer ao plano estabelecido pelo Instituto e remontar a fases anteriores, na pesquisa das causas primeiras daquele extraordinário acontecimento." Tal critério metodológico refletia a sua rigorosa conduta de analista científico da nossa história social. Não se arrimaria nos falsos pressupostos dos que comentavam o Império sob o influxo de tendências deturpadoras, no passionalismo impeditivo da fotografia da realidade.

Combatente firme à sociologia de partido e isento de *parti pris* ou *bias*, partia do princípio, examinando de igual modo os aspectos culturais, multifuncionais e residuais, estabelecendo o indispensável peneiramento para revestir de seriedade sociológica a tese importante. Só lhe interessavam — como dita a Sociologia — dados certos, precisos e verdadeiros e só por isso o seu inquérito social saiu perfeito. Não foi sem razão que Rocha Pombo o classificou como o "mais consciencioso, o mais brilhante entre os espíritos que estudam o nosso passado, no intuito de orientar o presente na solução dos grandes problemas do nosso futuro" (66). Viana ia, gradativamente, sistematizando a sociologia brasileira, sendo o sociólogo avisado de que fala Démètre Gusti, entrando em contato direto com a realidade para extrair as teorias.

Pesquisador sensato, não se perdia nos labirintos da metafísica social. Se a sociologia dispusesse nos seus laboratórios dos instrumentos da medicina, poder-se-ia dizer que êle observava os nossos fatos como se tivesse nas mãos um microscópio. Repugnava-lhe a generalização.

Quando lhe solicitei a apresentação de um modesto ensaio de sociologia da minha autoria, por horas me inquiriu. Adotando o princípio das amostras e convicto de que os fatos se manifestam nos grupos, atentei para o postulado de que

(66) Rocha Pombo — O Novo Brasil — Correio da Manhã — 25-11-926.

não se deve generalizar em sociologia. Eu relatava o que havia apurado num trabalho de campo. Depois de escarafunchá-lo pacientemente é que redigiu o prefácio, que tanto me estimulou. Como exemplo frisante de generalização, citava o daquele prelado que afirmara que os favelados de determinado morro bebiam leite, após uma curtíssima e rotineira visita pastoral. Chegara à ilação com a visita a uma residência onde o produto era consumido. Os equívocos da generalização — dizia — é que desgraçam a sociologia no Brasil.

Ao fim de 1943, no balanço da sua atividade intelectual, tinha publicado os seguintes livros: Populações Meridionais do Brasil; Pequenos estudos de psicologia social; Evolução do Povo Brasileiro; O idealismo político no Império e na República; O idealismo da Constituição; O ocaso do Império; Problemas de política objetiva; Raça e Assimilação; Novas diretrizes da política social; Problemas de Direito Corporativo; Problemas de Direito Sindical e Formation éthnique du Brésil colonial. Êsse conjunto bibliográfico o levaria a fazer parte das instituições abaixo arroladas: Instituto Histórico e Geográfico do Brasil; Societé des Americanistes, de Paris; Instituto Internacional de Antropologia; Academia de História, de Portugal; Sociedade de Antropologia e Etnologia, do Pôrto; Academia Dominicana de História; União Cultural Universal, de Sevilha; Academia de Ciências Sociais, de Havana; Conselho Nacional de Geografia; Academia Fluminense de Letras e Academia Brasileira de Letras, etc.

No jornal (67) continuava escrevendo artigos de profunda relevância. Coligi-los será um benemérito trabalho à cultura brasileira. Por si só representarão um volume alentado. Só reduziu a atividade jornalística quando um dia deparou com artigo censurado. Amuou-se e durante largo tempo interrompeu a colaboração.

Do seu indesmentido carinho à sociologia vai falar prova expressiva. Havíamos fundado na Faculdade de Direito de Niterói um Clube de Sociologia. A resolução pronta lhe fôra comunicada. Precisamos da sua ajuda, dissemos incorporados. Uma semana depois êle traçava um roteiro de trabalho e, em resposta, declarava-nos que êle, sim, é que espe-

(67) Colaborou com mais assiduidade nos seguintes jornais: Revista do Brasil; Mundo Literário; Terra de Sol; Correio da Manhã; Jornal do Comércio; Estado de São Paulo; Boletim do M.T.I.C., etc.

rava contar com a nossa ajuda. Apontou-nos o caminho para o estudo de grandes temas fluminenses, sugerindo organizássemos equipes para a pesquisa direta de problemas sociais nos morros da capital niteroiense.

Homem que pouco saía, como vimos, abria exceção para o nosso Clube e lá compareceu a algumas reuniões, sendo que nos dias principais jamais faltou com a sua prestigiosa presença e, mais, não arrecadando a sociedade acadêmica fundos de qualquer espécie, gostosamente arcava com as despesas que se faziam necessárias ao seu funcionamento e procedia dêsse modo por motivo de amor à sociologia — e amor também ao Estado do Rio.

Prova semelhante de incentivo daria quando, em São Paulo, se fundava a Escola de Sociologia, êsse centro especializado que dignifica a cultura nacional, êsse núcleo que é, sem favor nenhum, um padrão de alto valor científico sem par na América do Sul quiçá no mundo. Falando a Jaime de Barros — fluminense como êle — numa entrevista para o *Diário de Pernambuco* ([68]), versando sôbre a ciência social como instrumento de govêrno, exaltava os paulistas pela iniciativa que vinham de tomar com a criação da escola especializada, reconhecendo-lhes — citando Van Dyke — espírito de magnificência e capacidade de levar a sério tôdas as emprêsas em que se metiam.

Perguntou-lhe o jornalista: que pensa da iniciativa dos paulistas, que acabam de fundar uma Escola de Sociologia? Julga útil entre nós a instituição de centros destinados aos estudos dos fenômenos e problemas sociais? Eis a resposta do entrevistado: "— Sem dúvida. Nem se podia duvidar um minuto da necessidade de instituições desta ordem. Não há país do mundo, digno de merecer realmente o título de civilizado, que não possua, não uma, mas várias instituições dêste gênero para o estudo das várias ciências sociais, ou puras, ou aplicadas. Nas Universidades da Europa e da América, estas novas ciências — "novas humanidades", como já as chamou alguém — ocupam um lugar que se torna cada vez maior: nos seus programas, não vemos figurar apenas a velha sociologia general, tão famosa no tempo de Comte e Spencer e ainda muito em voga entre os alemães, mas também as várias disciplinas especializadas em que ela modernamente se desdobrou: a sociologia jurídica, a sociologia econômica, a sociologia étnica, a sociologia política, a sociologia criminal; ou mais particularmente ainda, a antropogeografia, a antropo-sociologia, a bio-sociologia, a etnografia, a demografia, a estatística, a ciência política e mesmo, como vemos nos Estados Unidos, em especialização cada vez mais acentuada, a sociologia educacional, a sociologia rural, a sociologia urbana, a psicologia social. É um labor imenso, múltiplo, complexo, que se processa intensamente e simultâneamente em todos os centros culturais do mundo e para o qual se pode dizer contribuem trabalhadores de tôdas as especialidades distribuídas pelos cinco continentes." A seguir externava o seu ponto de vista, expendendo considerações sôbre a orientação daquele centro de estudos que deveria nortear-se no sentido pragmatista, fazendo da sociologia a verdadeira ciência social.

(68) Em 2-7-1933.

Tivesse tempo — confidenciou-me — iria organizar um Instituto Nacional de Investigações Sociológicas. A sociologia pode ser útil ao Brasil, afirmou, mas é imprescindível que a nação ampare os estudiosos dos seus problemas sociais. Várias monografias, antes de divulgadas, lhe eram exibidas. Do norte e do sul remetiam-lhe originais contendo levantamentos e resultados de pesquisas diretas, o que tanto o entusiasmava. Oráculo, a sua palavra valia e já que os nossos dirigentes não voltavam as vistas para êsse gênero de estudos, êle, pelo menos, sabia dar a palavra de estímulo para a prossecução dessas análises vitais à compreensão da nossa realidade social. O Instituto, que constituía uma alcandorado sonho, deveria funcionar nos moldes, tanto quanto possível, do Institut of Human Relations, da Universidade de Yale, cuja dotação orçamentária permite amplos inquéritos no campo da sociologia experimental.

Ansiava para que o exemplo de Hoover se repetisse no Brasil. Aquêle estadista norte-americano, investido no poder, imediatamente organizou um grupo de sociólogos especializados e deu-lhes a missão de estudarem as condições sociais do país. O resultado da tarefa do Conselho, que teve a denominação de "Presidents Research Comitee on Social Trends", evidenciou-se positivamente, ensejando ao clarividente homem público as bases sociológicas como instrumento de orientação política e administrativa. Uma coleta dêsse tipo, entre nós, seria salutar e, assim julgando, sonhava com

o seu Instituto, embora nada deixasse escrito. Nas palestras, entretanto, fixava-se na idéia e sôbre ela fluentemente discorria, lamentando a miúdo a impossibilidade material de concretizá-la em razão da carência de tempo. Queria que a entidade cuidasse, preponderantemente, da casuística sociológica.

Ao sair o primeiro número da Revista de Sociologia — editada em São Paulo, por Emílio Willems e Romano Barreto — vibrou de satisfação pelo evento promissor. Do retiro do Rio Sêco, para onde havia levado o primeiro volume, mandou-me carta, da qual cumpre destacar êste trecho:

"Parece que a nossa sociologia agora vai andar. Comprei anteontem, o primeiro exemplar da Revista de Sociologia, cuja leitura lhe recomendo. De São Paulo vem essa iniciativa que merece o acolhimento dos brasileiros."

Como vimos no capítulo anterior, retomara os estudos sôbre etnias imigradoras. Preocupado com a guerra mundial N.º 2, seu empenho dirigia-se no sentido de programar uma política de imigração, criando, antes da vinda dos afluxos humanos para aqui, as condições de preparo para recebê-los. Vira a conflagração do mirante da sociologia.

Ao entrarmos na luta, ombro a ombro, com os aguerridos soldados da causa democrática, Oliveira Viana recebeu uma carta eloqüente do embaixador Octávio Amadeo, da República Argentina. Manifestando solidariedade naquele instante de tão graves decisões para a Pátria, o diplomata platino escolhera uma figura expressiva a fim de que pudesse recolher aquela sincera quão carinhosa prova de afeto. Endereçou-lhe ,então, as palavras que se seguem:

"Buenos Aires, septiembre, 4 *de* 42.

Excelentíssimo señor Oliveira Viana:

Acompaño con mis más cordiales sentimientos al noble pueblo del Brasil en esta hora solemne en que se apresta a rechazar una injusta agresión. — Reciba usted, illustre amigo, mis votos por el éxito de su país y por su felicidad personal — Lo saluda afectuosamente."

OCTAVIO AMADEO

Vamos ver a resposta ([69]), porque definidora do pensamento do escritor acêrca da nossa participação na beligerância, sublinhando que o perigo era comum e que a civilização continental também corria risco:

"Prezado amigo e eminente Embaixador Octávio Amadeo — Buenos Aires

Recebi, comovido, a carta que o meu eminente amigo se dignou de enviar-me, pequena mensagem de um grande argentino ao meu país, na crise dramática e decisiva que o envolve. Ela bem exprime, pela palavra de um dos seus mais altos e autorizados representantes, os sentimentos da elite argentina e, conseqüentemente, do povo argentino, no que êle contém de mais generoso na sua "argentinidad." Empenhados a enfrentar, com intrepidez, resolução e lúcida compreensão do futuro, um inimigo poderoso e cruel, que já nos fere à traição nas ciladas da guerra submarina, nunca tivemos a menor dúvida de que, neste transe, o povo argentino estaria conosco: as manifestações de solidariedade e amizade, que dali nos enviam, espontâneas e numerosas, transbordantes de afeto e sinceridade, bem nos confirmam nesta convicção.

Sendo nós a única nação americana que possui, em seu território, uma larga zona povoada por elementos germânicos, nêle vinculados pela propriedade da terra e uma numerosa descendência, sempre tivemos uma consciência muito clara do futuro que nos aguardaria em face de uma Alemanha vitoriosa, com os seus métodos habituais de violência e de prêa postos ao serviço dos postulados da sua concepção racial do Estado. Entrando na guerra, entramos, pois, para defender a nossa integridade territorial e a nossa soberania ameaçadas. Marchando resolutamente para o grande "front" do Continente, tomamos a única e justa atitude que o nosso instinto de sobrevivência nos aconselhava. Estamos, hoje, onde sempre estivemos e onde nunca poderíamos deixar de estar. Outra qualquer atitude importaria numa abdicação ou numa renúncia aos nossos predicamentos de povo livre.

(69) Como de hábito não datava as cartas que escrevia.

Estou absolutamente certo de que os outros povos, ainda não envolvidos na guerra, terão que operar o mesmo movimento nesta direção. O perigo é comum. O que está em jôgo, sob o risco de iminente destruição, não é sòmente a soberania de cada nação americana; é a essência mesma da nossa própria civilização continental.

Meu caro Embaixador, êstes protestos de simpatia e solidariedade, que, nesta hora, nos mandam os grandes expoentes da alma e da cultura argentinas, enchem-nos de íntima e indizível satisfação: valem-nos como sinais indicativos de que o povo argentino também já está se movendo no mesmo sentido, já iniciou moralmente a grande marcha para a frente, antecipando-se ao ato oficial que, mais cêdo ou mais tarde, certamente a consagrará. Neste domínio, como em todos os outros, cada vez mais me convenço de que, no complexo dos interêsses comuns dos nossos dois países, tudo nos une e nada nos separa.

Nesta convicção, que é também de esperança e confiança nos destinos do nosso continente, aqui me subscrevo, como brasileiro e como americano, com os meus mais profundos agradecimentos à distinção da sua missiva e as melhores homenagens da minha velha e constante admiração.

OLIVEIRA VIANA"

A guerra interessava-lhe pelas mudanças sociais que, fatalmente, carretaria. Bergson acreditava na eternidade das guerras. Viana ao contrário, admitia a possibilidade de que ela desaparecesse do mundo. Estudava as reações da opinião pública no que tangia ao conflito que se travava. Não chegaria como Sherman a considerar a guerra como imoral, pensando igual a Robert Park que a definiu como o problema social número um, em virtude do progresso da tecnologia. A exemplo de Bronislaw Malinowski encarava o seu ângulo antropológico e a questão da agressividade como comportamento instintivo, aceitando, como o professor de Yale, que "todos os tipos de luta são complexos de respostas culturais, devidos não a qualquer ditame direto de um impulso, mas formas coletivas de sentimento e de valor." Enfim, seu escôpo era o de perquirir as características sociológicas da peleja.

Nessa fase estava entregue a intensa atividade jornalística, numa campanha sem tréguas contra o nazismo, destacadamente no jornal *A Manhã*. Examinando a idéia totalitária não devaneava no lirismo patrioteiro. Indo ao cerne do tema, comentava as raízes da cultura alemã e o fenômeno do *fuhrer prinzipi*. A filosofia da Alemanha acima de tôdas as coisas servia aos prosélitos do hitlerismo e dos cultuadores do pan-germanismo. Provara à saciedade que a nação brasileira, por si só, constituía a antítese dessa perniciosa doutrina que, vitoriosa, importaria no aniqüilamento do país. O que mais o revoltava era o espírito pré-determinado para a dissimulação dos totalitários, a sua vocação para trair, reduzindo a farrapo de papel os tratados mais solenes que firmavam. A heresia nacional-socialista assentava-se na pretensa superioridade da Alemanha, superioridade que mostrou ser discutível. Estava com François Perroux (70) quando escrevia: "Uma certa Alemanha ergue-se e diz:

Deus queria criar o povo alemão. Enganou-se. Criou o mundo. Cabe-nos a nós, alemães, corrigir êsse êrro de Deus.

Respondamos afirmando os direitos de todos os grupos humanos a uma vida própria, em vista do bem comum.

Quer dizer: apostemos em Deus."

Oliveira Viana fêz isto: apostou em Deus.

Em plena guerra concedera uma entrevista a Anselmo Macieira, para a *Revista da Semana*, sôbre o que pensava sôbre a ordem no *post-bellum*. Perguntou-lhe o jornalista: Como lhe parece que deverá ser o mundo de após-guerra? Ao que redarguiu — "O mundo se irá articular, como já está se articulando, sob uma nova forma de equilíbrio — a do equilíbrio dos continentes, que irá substituir a velha forma de equilíbrio das nações. O que, presumo, tornará impossíveis as guerras. O mundo futuro e a sua ordem? Há uma coisa segura: a guerra anterior. Dêste modo iremos assistir a uma acentuação das tendências que já se vêm relevando, de 1918 para cá. Talvez uma preeminência crescente do princípio da autoridade sôbre o princípio da liberdade. Em conseqüência, maior influência do Estado na ordem privada; desenvolvimento das instituições e métodos corporativos; florescimento do espírito de serviço e do bem comum; redução das distâncias sociais; tendên-

(70) François Perroux — Os mitos hitleristas — pág. 8.

cia para a internacionalização das instituições de contrôle e coordenação social. Quem sabe se, também, um renascimento do espírito religioso e do senso da sobrenaturalidade?..." Na mesma entrevista cuidava como o Brasil deveria aproveitar-se das circunstâncias, já em matéria de organização interna, já em matéria de relações externas, sentenciando que éramos o único país sul-americano frontalmente ameaçado pela doutrina étnica do nazismo.

Combateria, também, sem desfalecimentos, o comunismo. Cuidamos, páginas atrás, da sua formação católica e esta por si só explicaria a sua atitude diante da doutrina marxista. Combateu-a exaustivamente. Uma das pouquíssimas aparições que fêz em público foi numa concentração religiosa, patrocinada pelo bispo de Niterói, Dom José Pereira Alves, quando profligou a teoria vermelha, dissecando-a à luz de critérios científicos, calcando na incompatibilidade do credo moscovita com o Brasil, difícil de medrar numa terra cuja formação não afina, de forma alguma, com as matrizes da discutida ideologia.

O seu objetivo era aquêle preconizado por Confúcio para o homem superior: exclusivamente a verdade, não se inquietando em alcançá-la de pronto, porque, como dizia o sábio chinês, tinha conhecimento suficiente para conseguir algo e virtude suficiente para conservá-lo.

XIII

SUA CONTRIBUIÇÃO À SOCIOLOGIA POLÍTICA

Não tendo jamais militado em atividades partidárias Oliveira Viana traçou normas e realizou através de seus estudos a obra mais definitiva da sociologia política brasileira.

De temperamento refratário aos entreveros que se catalogam nas organizações político-partidárias, sem possuir aquela frieza necessária à compreensão das injunções; sem o falacismo demagógico do postulante a cargo eletivo; sem condições psicológicas para admitir o messianismo e apresentar-se como o prometedor barato no pregão das fórmulas salvadoras, êle recolhia, no entanto, vasto material para o seu laboratório, interpretando-o com técnica precisa. Colocava-se na posição eqüidistante daquele que não atua diretamente, mas que vive o problema, realizando em tudo por tudo o recomendável processo da observação participante. Não compreendia a política da definição rígida, ou seja, a arte e a prática do govêrno. Ia explorar outros veios, as inter-relações, os antagonismos, os vários aspectos da sua universalidade, mesmo o seu humanismo, para, afinal, examiná-la rigorosamente do ponto de vista da sociologia.

Dentro da relatividade do pensamento político, como Raymond G. Gettell, êle admitia que nesse terreno não se podia buscar pròpriamente a verdade absoluta. Arreceava-se dos reformadores que alardeavam a perfeição das idéias que defendiam, tendo em mira a fragilidade dos postulados antigos, convencido que estava de que na esfera das variações é justamente a política que mais varia. Nos seus trabalhos abrolhava o nítido empenho de acompanhar a atividade do Estado como agente capaz de estreitar as relações econômicas e sociais da comunidade. A política, no seu modo de entender, deveria ser considerada como realidade social, enfim, aquilo que serviu de título a um dos seus livros: política objetiva.

Os problemas políticos fascinavam-no pelo conteúdo eminentemente sociológico. Como obra de sociologia política publicou em 1927, *O Idealismo da Constituição,* onde estudou a evolução de problemas políticos, focalizando o primado dos poderes moderador, legislativo e executivo, respectivamente, e bem assim a organização das fontes da opinião democrática, a formação dos órgãos do Estdo, a organização da unidade nacional e, finalmente, o idealismo utópico e o idealismo orgânico.

Os entre-choques partidários e doutrinários requeriam a melhor atenção do sociólogo. Não via nada de novo em alguns dêsses embates, duramente travados por vêzes, e antes julgava que o problema se apresentava aparentemente como novo porque não se indagava das suas raízes no passado. Reportava-se à velha mentalidade dos que há cem anos vêm sonhando com a democracia e a liberdade no Brasil, mostrando que as idéias, os objetivos e os processos sempre foram idênticos, numa impressionante similitude. Observava, nesse passo, após uma digressão sôbre as nossas construções democráticas, que nenhuma delas se havia firmado nas *bases argamassadas com a argila da nossa realidade viva, da nossa realidade social, da nossa realidade nacional*, concluindo por dizer — "Esta realidade nacional nos ensina muitas coisas. Entre as muitas coisas ensinadas, está esta: de que se, em todos os tempos, o problema da democracia no Brasil tem sido mal pôsto, é porque tem sido pôsto à maneira inglêsa, à maneira francesa, à maneira americana; mas, não à maneira brasileira" [71]. Confrontava, a seguir, a natureza diferenciadora do problema da democracia na Europa e na América em relação ao Brasil, lá a existência de uma organização eleitoral e aqui a ausência das fontes da opinião, o que redundava num precário sistema eleitoral.

Oliveira Viana dividia a democracia em dois tipos: as democracias de opinião organizada e as democracias sem opinião organizada. Punha o Brasil no segundo grupo, aduzindo: democracias de opinião infusa, inorgânica, inarticulada. Objetivo que colimava: fazer o possível para que saíssemos da segunda para a primeira classificação.

O seu trabalho comporta a análise perfeita dos problemas políticos examinados do ponto de vista sociológico, o que até a data da sua aparição não havia sido efetuado, como foi ressaltado pela crítica. Em lapidar capítulo retraçou a história dos nossos partidos, num estudo comparativo que resultou numa das melhores páginas sôbre a vida política nacional. Conseguira provar o caráter pessoal e mutualista das nossas agremiações partidárias, evidenciando não representarem elas os interêsses coletivos, econômicos e de classes." Qualquer espírito, liberto da sugestão das frases feitas — terminaria por dizer [72] — e com o hábito e a capacidade de raciocinar sôbre realidades, tôdas as vêzes que meditar sôbre a natureza e a vida dos nossos partidos, há de chegar a esta conclusão: de que êles não passam de simples clans, mais ou menos organizados e mais ou menos vastos, que disputam pela conquista do poder, para o fim exclusivo de explorar, em proveito dos seus membros, burocràticamente, o País. O lentejoular dos seus belos programas, as especiosidades brilhantes das suas justificações e apologias, as suas famosas "batalhas em prol do regime" são meras teatralidades de mise-en-scène — e não valem dois minutos de atenção de um espírito sério." Essas palavras tão frias não o indispuseram, todavia, com os políticos que, ao revés, eram os primeiros a reconhecer a autenticidade do quadro.

(71) Oliveira Viana — O Idealismo da Constituição — 2.ª ed. — pág. 14.
(72) Idem — pág. 185.

Os políticos representavam a peça, artistas que não podiam alterar o enrêdo e se moviam de acôrdo com o ponto da tradição. Não lhes cabia a culpa, afinal. Cambiar a mentalidade dessas agremiações, nisso consistia o escôpo do sociólogo. Bem se poderia repetir em relação a Oliveira Viana o que de Sócrates dissera Antístenes: quando uma época tem a felicidade de possuir um Sócrates, é só a êle que convém escutar. Ouvido o Mestre, muitos dos males da nossa política teriam sido erradicados. A sua palavra tinha cunho oracular e a sua missão era melhorar as condições da nossa precaríssima vida pública, tão comprometida por vícios denegridores.

Em 1930 vem a lume "Problemas de Política Objetiva." Ampliando os estudos anteriores iria encarar os problemas da revisão, da liberdade, dos partidos, do govêrno e da nacionalidade.

A retirada da Laguna inspira-lhe uma comparação. Os guerreiros retirantes encontravam-se diante de um mundo estranho e inóspito. Assim também eram os nossos políticos que timbravam em não conhecer a terra e o homem. Viana intentava convencer que êsse desconhecimento poderia ser corrigido e que os males advindos da apatia lograriam ser extirpados. Aplicando a sua metodologia nesses estudos políticos e sociais encarava sòmente a realidade, como o químico paciente, aguardando o desenrolar das reações para a conclusão definitiva.

Os fatos eram tratados objetivamente, com a mesma objetividade, segundo êle mesmo afirmara, dos técnicos do Instituto Biológico ou dos investigadores da Fundação Rockfeller.

"Confesso honestamente que — escreve no prefácio da segunda edição ([73]) — fazendo um exame de consciência, uma análise introspectiva das minhas idéias e das minhas fontes de inspiração, não descobri ainda no meu espírito nenhum traço de parti-pris, nenhum vestígio consciente de qualquer tendenciosidade ou inclinação apriorística neste ou naquele sentido. Habituei-me a render à evidência dos fatos e aos dados da realidade objetiva — e isto, em parte, por disciplina científica, e, em parte, por condições peculiares do meu espírito, decorrentes talvez do meu "tipo psicológico", no sentido dado por Jung a esta expressão. Si, neste domínio de conhecimento, tenho cultivado algum Deus, êste tem sido sempre aquêle Deus carlyleano das "cousas como as cousas são" — "the God of things as they are. "Nenhum outro." Viana jamais seria capaz de distorcer um fato para amoldá-lo ao seu talante ou vaguear pelos caminhos da fantasia. Êsse critério é que o recomendaria, firmando o seu prestígio de sociólogo, que mais avultava quando êle próprio, em algumas oportunidades, proclamava, sem rebuços, os equívocos em que porventura incorrera — raros é exato — mas sempre divulgados porque não tinha pêjo em reformar determinado ponto de vista desde que a evidência contrariasse uma sua afirmação.

Verdadeira atoarda levantou-se contra o novo livro, encontrando éco nas gazetilhas do Jornal do Comércio. A campanha presidencial de 1930 transcorria num clima agitado e os artífices da celeuma imputavam ao escritor a ridícula acusação de que seu propósito era o de fornecer aos poderosos do dia os elementos que lhes permitiriam golpear a democracia e as instituições vigentes. A crítica impiedosa não cessava no martelamento dessas inverdades. Apontado como anti-democrata, os seus opositores cometiam o grave êrro de considerá-lo como político — que nunca o foi — e não como sociólogo. Haveria, então, de provar que de fato não esposava o federalismo, nem o parlamentarismo, mas adotava o liberalismo e a democracia.

A coincidência da publicação do livro com os comícios eleitorais de 30 parece ter gerado a injustificável tempestade. Ocorre que o trabalho havia sido elaborado muito antes da quadra em que as paixões se desencadeavam. O autor não mantinha com a política a mais remota ligação, tanto assim que à época nem ao menos havia se alistado como eleitor. Re-

(73) Oliveira Viana — Problemas de Política Objetiva — pág. 15 e 16.

futando os injustos comentários, sintetizaria: "Não tenho nem nunca tive atinências partidárias de qualquer espécie. Não pertenço a partido algum. Não pertenço, nunca pertenci e espero em Deus que terei a lucidez e o bom senso bastantes para jamais pertencer. Muito ao contrário disto, sempre fiz timbre de ser um espírito livre, inteiramente livre, dêstes atilhos de partidos. Desta liberdade, que o meu apartidarismo me concede, se a tenho usado, tem sido para julgar os nossos homens públicos e os nossos homens de govêrno com inteira independência e imparcialidade, ou censurando-os quando fazem jus à censura, ou aplaudindo-os, quando merecem o meu aplauso, e, si nominalmente tenho aplaudido a êste ou aquêle homem de govêrno — fato aliás raríssimo —, só o tenho feito quando os seus atos coincidem com as linhas fundamentais do meu pensamento, expresso em quase uma dezena de livros. Nunca apoiei ato algum de govêrno contrário às idéias expostas nestes livros. Êstes livros é que constituem o meu partido: não tenho outro" ([74]). Belo arremate de uma definição que encerra verdadeira profissão de fé!

Tratando da revisão da constituição de 1891 mostrava, exabundantia, os falsos pressupostos em que viviam mergulhados os nossos homens públicos, amarrados a uma carta alheia à realidade brasileira. Encarando a ausência de importantes traços na psicologia coletiva do brasileiro, não queria que a política fôsse uma espécie de pílula dourada, a fada encantada fazedora de milagres incríveis, antes, que se transmudasse na atividade objetiva, sendo o homem que nela atuava como agente o instrumento pura e simplesmente do bem-estar da sociedade.

A constituição de 1891, para êle, impregnara-se de um idealismo excessivo, não se arrimando em alicerces sólidos, pois só seria boa se lograsse reduzir aquilo que classificou de influência nociva dos maus governos, dos maus políticos e dos maus cidadãos. E êle que trouxera, pioneiramente, para os estudos brasileiros, a consideração do povo como entidade da sociologia, reconhecia que o estatuto máximo facultava as manifestações de tôdas as boas qualidades dos brasileiros.

O problema central da obra revisionista comportava, consoante à sua tese, o aparecimento de um quarto poder, nos moldes do Poder Moderador, com faculdades mais amplas

(74) Idem — pág. 22 e 23.

que as do próprio Poder Judiciário. Preconizava a organização da autoridade pública e o fortalecimento do poder central, eliminadas as influências dos clans patriarcais que, limitados pela preeminência do regionalismo, afetavam a estrutura da política nacional, tão pejada dêsses descritérios grupalistas, que severamente combatia na sua pregação pelo regime centralizador. As críticas que se lhe fizeram — acoimaram-no de inimigo da democracia — foram por êle rebatidas com elevação, acentuando que se rendia tão sòmente à verdade dos fatos, graças àquela disciplina científica e às condições peculiares do seu espírito. Muitas das suas idéias, posteriormente, tiveram aceitação e foram incluídas nas constituições de 1934, 1937 e 1946. Vitoriosa a revolução de 30, pediram-lhe um programa revisionista, que foi cuidadosamente estudado. "Minha impressão é que não agradou", disse Oliveira Viana, num desabafo, que bem poderia ser traduzido por outras palavras: não entenderam. A sua obra não era imaginativa. Era um criador de idéias no seu convívio com a realidade.

Sôbre o livro *Problemas de Política Objetiva*, Humberto de Campos, em *Crítica* (II série), escreveu: "Escritor direto, expondo com admirável clareza as questões mais complexas, o Sr. Oliveira Viana é, não só um raciocinador admirável, como ainda um assombroso fecundador de pensamentos. Pensa e faz pensar. Problemas de Política Objetiva são mais uma grande obra do nosso maior pensador e sociólogo. Livro de cultura, de verdade e de coragem."

Alberto Lamego Filho, num artigo intitulado "Vianismo", publicado em 1927, fixou acertadamente: "Oliveira Viana é o formidável mestre da nova geração brasileira. É a mais sintética cerebração nacional viva. O monumento sociológico dêsse homem, que já é uma doutrina, chamemo-lo de *Vianismo* — deveria ser meditado por quantos aspiram a conduzir multidões."

Hoje, os políticos bem intencionados procuram a familiaridade da sua obra. Predestinado, êle apontou os erros do passado e as conseqüências no futuro. Quem quer que estude ou pratique política, no Brasil, já não pode mais prescindir das suas palavras magistrais e impressionantemente verdadeiras. É como disse Rocha Pombo: os políticos terão que aprender com êle, numa terra onde os políticos sabem tudo.

Êste é, talvez, o mais sedutor aspecto da sua monumental obra de sociologia política.

XIV

INSTITUIÇÕES POLÍTICAS BRASILEIRAS

Reconstitucionalizado o país, em 1945, antes que se ferisse a eleição para a escolha de governadores, fôra mandado para o Estado do Rio, um ferrabrás com a faculdade de nomear interventores municipais. Para a terra de Oliveira Vina escolheram um jovem, cuja calma contrastava com a do seu furibundo nomeador. Sensível ao culto da inteligência, logo se deu conta de que o município não resgatara para com o seu grande filho uma dívida de honra. Decidiu, sem mais tardança, em decreto muito bem elaborado, dar a denominação de Oliveira Viana a uma das ruas principais da cidade. Anunciara o gesto e a repercussão favorável à iniciativa de imediato se fêz sentir. Afinal, embora pequenina, a homenagem não deixava de ser expressiva.

Solicitou-me, então, o Prefeito Jardel Noronha de Oliveira — êste o seu nome — que eu o levasse à presença do emérito conterrâneo, o que fiz com agrado. Pôsto a par do que ocorrêra, para surprêsa comum, o homenageado revelava-se profundamente contrariado e, ali, sem circunlóquios, pediu fôsse tornado sem efeito o ato. Agradecia a intenção, mas não aceitava de nenhum modo a homenagem merecida. Estarrecido, o visitante despediu-se, sem atinar como proceder diante da recusa peremptória. Naquele mesmo dia, em minha casa, recebia uma carta. Não queria que os saquaremenses o julgassem mal. Era um ponto de vista. Depois que um prefeito mandara derrubar as árvores plantadas pelo antecessor e um outro tivera o desplante de descalçar uma rua inteira para que não restasse marca da administração anterior, êle temia que o seguinte chefe do executivo municipal arrancasse a placa contendo o seu nome. E isso não ficaria bem numa terra que tanto amava. Seu nome só para unir, nunca para separar.

Vêzes sem conta palestramos sôbre assuntos políticos, o que com raríssimas pessoas fazia. Eleitor em Niterói jamais consentiu figurasse o seu nome em qualquer diretório de agremiação partidária, nem mesmo como presidente de honra. Um dia ocorreu-lhe fazer-me inquirições sôbre a Assembléia Legislativa Estadual.

O povo comparece às sessões? interpelou-me.

Sim, redargui-lhe.

No entusiasmo, decorrente, por certo, do fato de ter sido eleito recentemente, ampliei a descrição, salientando que as galerias ficavam repletas e até me parecia um grande espetáculo de civismo.

Mas, o povo? — insistiu.
O povo, sim.
Qual o horário das reuniões?
Das 14 às 18 horas.

Então não pode ser o povo, porque êsse é um horário de trabalho e só mesmo quem não tem o que fazer é que aparece por lá.

Não pude dizer mais nada. Alcancei, todavia, o significado dessa tirada voltaireana.

Quando, no Congresso, a bancada fluminense, acatando sugestão da Academia Brasileira de Letras, apresentou um projeto, subscrito em primeiro lugar pelo deputado Heitor Colet, por via do qual lhe seria concedida aposentadoria, não escondeu o seu aborrecimento e, seguidamente, repetia: o que tem a política a ver com a minha vida? A propósito Levi Carneiro [75] narra: "o trato pessoal revelava um homem imprevisto: modesto, simplíssimo até a humildade, falando pouco e baixo, tìmidamente, suavemente risonho, condescendente e discreto. Recordei a minha iniciativa sôbre a sua aposentadoria. Ao lançar a minha sugestão, acentuei que o fazia sem ouvir a opinião de Oliveira Viana, nem lhe pedir que a autorizasse. Ainda assim — recebi dêle, logo depois, uma carta desalentada: eu agira como amigo, precipitadamente, ninguém o prezava, ninguém lhe prestaria aquela homenagem; êle ia requerer aposentadoria ,sem esperar por uma concessão impossível. Custou-me desconvencê-lo. Fiz-lhe ver que devia esperar — e êle esperou, por mais tempo, aliás, do que o em que teria o confôrto da concessão autorizada pelo Congresso Nacional." Amiudadamente declarava que os políticos não gostavam dos seus livros. Nas ocorrências da vida partidária quando via confirmadas as suas observações mostrava-se eufórico.

Esta, a sua conduta pessoal frente à política, ou para ser mais claro, diante dos políticos.

(75) Levi Carneiro — Na Academia — 2.ª série — pág. 147.

A política em si, encarada sob critérios sociológicos, fascinava-lhe a mente. As suas idéias políticas constam nas suas obras, mas destacamos êste capítulo para cuidar exclusivamente do seu livro *Instituições Políticas Brasileiras* (1949), o maior, o mais significativo e o mais precioso estudo de sociologia política, jamais publicado na América do Sul. Não há em tôda a bibliografia continental nada que se assemelhe a êsse profundo trabalho e, no mundo, só existe igual pela amplitude de estudos, mas na conceituação êle é, indiscutìvelmente, inédito. Longamente meditado êle asseverava que o livro remataria e completaria o resultado final das pesquisas que empreendera, assinalando o início de uma outra etapa na sua luminosa carreira de sociólogo e que consistiria na análise da formação econômica e da formação racial do Brasil.

O livro descortinou horizontes até então indevassáveis para a sociologia política e é, sem dúvida, o mais lido por quantos se consagram ao estudo de problemas políticos. Na Amazônia dos nossos fatos sociais, ficou aberta a senda pioneira e, agora, outras veredas se abrirão. Não há notícia de que um tão opulento conjunto de pesquisas comporte a sugestão de tantas pesquisas a serem efetuadas. O seu alvo consistiu em estudar três temas, que escalonou da maneira seguinte:

1 — Na vida política do nosso povo, há um direito público elaborado pelas elites e que se acha concretizado na Constituição.

2 — Êste direito público, elaborado pelas elites, está em divergência com o direito público elaborado pelo povo massa e, no conflito aberto por esta divergência, é o direito do povo massa que tem prevalecido, pràticamente.

3 — Tôda a dramaticidade da nossa história política está no esfôrço improfícuo das elites para obrigar o povo-massa a praticar êste direito por elas elaborado, mas que o povo-massa desconhece e a que se recusa obedecer.

Estudando os problemas de cultura e de culturologia aplicada, êle procedia ao exame do nosso direito público e constitucional como um fato de comportamento humano.

Cioso do emprêgo dos vocábulos sociológicos, honestamente, explica por que usara o têrmo cultura, já pela confusão com as coisas da inteligência, já pela tradução imperfeita de *Kultur*, original alemão "Quando comecei o estudo das populações brasileiras — diz êle no prefácio ([76]) — a palavra *cultura* não estava ainda na voga, que só agora possui, através da sociologia americana e de seus expositores. Certo, ela já era corrente entre os pensadores e etnólogos alemães." E adiante: "nunca empreguei esta expressão senão agora. É que, dominado, literàriamente, pela preocupação do *lucidus ordo* cartesiano, sempre fugi, por sistema, nos meus escritos, às expressões demasiadamente técnicas, só acessíveis a mestres, a profissionais ou a iniciados, ou ainda não incorporadas àquela "língua franca" da ciência, de que nos fala Linton" ([77]).

Em *Instituições*, livro que terá eternidade, Oliveira Viana aborda no primeiro volume os seguintes temas: direito, cultura e comportamento social; cultura e pan-culturalismo; estabilidade dos complexos culturais; evolução das estruturas do Estado no mundo europeu; o significado sociológico do anti-urbanismo colonial (gênese do espírito insolidarista); o povo massa e a sua posição nas pequenas democracias do período colonial (gênese do apoliticismo da plebe); os pressupostos culturológicos dos regimes democráticos europeus; instituições do Direito Público Constitucional Brasileiro; o "complexo do feudo"; os clãs feudais; o "complexo da família senhorial" e os clãs parentais; os "clãs eleitorais" e a sua emergência no IV século; o "povo-massa" nos comícios eleitorais do IV século; o conteúdo ético da vida política brasileira; o carisma imperial e a seleção dos "homens de 1.000."

As teses que se sucedem compendiam o mais seguro levantamento da vida política brasileira, um estudo de profundidade que enseja o conhecimento mais direto possível do nosso povo. No último capítulo mais se afigura a um anatomista, revelando com precisão inatingida as nossas realidades e a carência, em nosso povo, de uma consciência institucional da Nação, argumentando que um país constituído, e cônscio do seu papel ([78]) "tem um destino, uma finalidade, um programa, objetivado numa política nacional, que ela

(76) Oliveira Viana — Instituições Políticas Brasileiras — pág. 20.
(77) Idem — pág. 21.
(78) Idem — pág. 362.

realiza por meio dos órgãos do Estado e com os vários recursos que a sua organização de poderes públicos põe nas mãos dos homens das elites dirigentes. Teve o povo brasileiro — durante os seus cento e tantos anos de independência — a consciência clara dêste destino? deu êle aos seus homens públicos mais bem intencionados, mais cheios de abnegação e patriotismo, essa inspiração necessária? deu-lhes essas diretrizes de govêrno — de uma política nacional que fôsse sua? Infelizmente, a resposta só pode ser negativa." E tudo, como observa, porque mesmo os que possuíram e os que possuem o sentimento institucional nunca encontraram na comunidade nenhum foco de inspiração e orientação política, por faltar ao nosso povo aquêle sentimento consciente e profundo da nossa finalidade histórica.

Oliveira Viana consegue documentar, ao fim, a vacuidade da nossa vida política e a carência de motivações coletivas nos grêmios partidários do Brasil, frisando que, politicamente, o brasileiro é privatista e presa da *libido dominandi*. Tôdas as suas afirmações são comprovadas e as suas pesquisas incontestáveis. O seu nacionalismo não se confundia com os vidrilhos da hipocrisia e nem com os arroubos oratórios dos mistificadores, nem tampouco pela comodidade dos que ignoram os males da Pátria para melhor viverem, numa ignorância premeditada que raia pela exploração.

Uma frase de Eça de Queiroz falava-lhe à sensibilidade e êle a transcreveu no livro, o que também faremos, aqui, à guisa de definir o seu pensamento: "os que sabem dar a verdade à sua pátria não a adulam, não a iludem, não lhe dizem que é grande, porque tomou Calicut; dizem-lhe que é pequena porque não tem escolas. Gritam-lhe sem cessar a verdade rude e brutal. Gritam-lhe: Tu és pobre, trabalha! Tu és ignorante, estuda! Tu és fraca, arma-te!" Assim êle procedia.

Tendo pesquisado, no primeiro volume, os fenômenos políticos, no segundo cuida da metodologia do Direito Público, abrangendo: o idealismo utópico das elites e o seu "marginalismo" político; Rui e a metodologia clássica ou dialética; Alberto Torres e a metodologia objetiva ou realista; Populações e a metodologia sociológica; estrutura do Estado e estrutura da Sociedade; o problema das reformas e a técnica liberal; o problema das reformas e a técnica autoritária; o problema das reformas políticas e os estereotipos das elites; organização da democracia e o problema das liberdades políticas; or-

ganização da democracia e o problema do sufrágio; organização da democracia e o problema das liberdades civis; o poder judiciário e o seu papel na organização da democracia brasileira.

Versando matérias inéditas, com a adoção de técnicas modernas, êsse volume segundo de *Instituições* dá-nos a impressão de mostra fotográfica — sem retoques — da realidade social brasileira. Sopesa a ação de Rui, de Alberto Torres e Euclides da Cunha, inferindo que o primeiro havia sido um marginal típico, no sentido culturológico da expressão. Rui, campeoníssimo da dialética, não conseguira encobrir a procedência da formação da mentalidade anglo-saxônia. Na visita que Viana realizara à casa do imortal político detivera-se, por horas, na imensa biblioteca, onde averigou a predominância maciça de livros franceses, inglêses, norte-americanos e alemães. A não ser trabalhos jurídicos e parlamentares, pouquíssimo existia sôbre o Brasil que, consoante à ilação do sociólogo, jamais o interessara como civilização, como psicologia coletiva, como estrutura. Na pregação ruiana visava-se a nossa anglicização ou a nossa americanização, embora, como com justiça ressalta Oliveira Viana, não houvesse nos dias do grande tribuno o interêsse direto pelas ciências sociais, que não tinham, ao tempo, a fôrça e os recursos interpretativos que hoje possuem, principalmente para o estudo do Direito.

O Autor afirma que o primeiro tipo de estudos do nosso Direito Constitucional, como norma ou como carta, tem o seu fúlcro na obra de Rui e que o segundo tipo — o direito como costume ou cultura — nas obras de Silvio Romero e Euclides da Cunha. Sôbre a sua posição e a de Alberto Torres, em relação ao conhecimento científico do Brasil, do ponto de vista de instituições políticas e de estrutura do Estado, diz que ambos consideraram "os problemas do Estado ou, melhor, os problemas políticos e constitucionais do Brasil, não apenas simples problemas de especulação doutrinária ou filosófica — como então se fazia e como era o método de Rui; mas como problemas objetivos, vinculados à realidade cultural do povo e, conseqüentemente, como problemas de comportamento do homem brasileiro na sociedade brasileira — *de comportamento*, no estrito e técnico sentido que dão a esta expressão os sociologistas americanos" (79). No Brasil, isso importava em novidade, a novidade metodológica.

(79) Idem — 2.º Vol. — pág. 82.

De si mesmo asseverava que o esfôrço dispendido consistia em apontar a nossa falsa conceituação para com os problemas constitucionais e de pragmática política e administrativa, todos êles no campo da especulação filosófica ou de *jogos sutis de silogismos doutrinários*. Dessa maneira não realizaríamos nada de prático e estaríamos sempre condenados a inevitáveis retiradas.

Êle quer discriminar as diferenças existentes entre a sua obra e a de Alberto Torres. Êste, preocupado em fazer filosofia social e êle, adepto de Le Play, fazendo ciência social. "Torres (80) — aduz — partia do alto para baixo; eu, de baixo para cima. Torres partia da Humanidade para chegar, descendo até ao povo brasileiro, considerado na sua totalidade; eu partia dos nódulos de formação — das primeiras feitorias, dos primeiros rebanhos povoadores, dos grandes domínios do interior, das "fazendas", dos "engenhos reais", dos clãs patriarcais — para chegar, subindo de escala em escala, à concepção do nosso povo, também como uma totalidade. E um e outro acabamo-nos encontrando afinal — embora vindos de direções opostas — num mesmo plano temporal da realidade brasileira, que era o da realidade atual do nosso povo — do povo brasileiro, tal como êle se mostrava na época em que ambos escrevíamos." É que, consoante declarara, ambos eram dotados de senso político e tinham idéias de construção e direção política.

Realizara a investigação mais ampla das nossas instituições políticas, fixando o contraste entre o direito político escrito e o direito costume, aquêle elaborado por uma diminuta elite de doutores, desligados do meio ambiente, presos, sim, às matrizes de outros povos e de outras civilizações, ingênuos crentes que sonhavam resolver os problemas com os produtos da farmacopéia legisferante, anunciados no órgão oficial da República, obstinados arquitetos de fachadas, embora excelentes tradutores de línguas estrangeiras, filiadas ao vêzo de que a lei tudo resolve. Viana provara que essa lei quando não se fundamenta na pesquisa do nosso direito costumeiro é letra morta, é ânsia frenética de obter em pouco tempo, o que povos mais civilizados levaram milênios para atingir. O tempo — como disse Mauclair, por êle citado — nada conserva do que se faz sem êle. Não passa, enfim, de idealismo marginalista, que carece de ser desintegrado. Temos que

(80) Idem — pág. 87.

ter a democracia de tipo brasileiro e não de tipo inglês. Temos que aceitar as conseqüências da nossa formação social.

No setor em que estuda as organização da democracia e o problema das liberdades políticas, pondera lapidarmente: "Na verdade, a política e os políticos assumem entre nós uma importância excessiva, acima do que ela e êles realmente valem e da sua significação efetiva. Ela e êles nos enchem a existência, nos absorvem por inteiro, nos alucinam. Respiramos politica, vivemos embriagados por ela — e valorizamos em altura desmedida os que a praticam. Homúnculos — que seriam sem significação num meio de educação política mais exigente — elevam-se, aqui, a alturas olímpicas de semi-deuses. Postos em outro meio político mais educado — como o britânico, por exemplo — virariam de pronto não valores absolutos. Neste ponto, é evidente que não somos como os inglêses..." [81]. A mordacidade do comentário final vale por uma crítica aos processos de recrutamento para a vida pública aqui seguidos. Não sem mágua, diria que a política tem sido menos serviço público do que meio de vida privada ,política que não considera o eleitor real e sim o eleitor de ficção.

Repetiu-se com *Instituições* o que verificara com *Populações*. Livro assinalador de um período nos anais da sociologia brasileira, prontamente esgotado nas estantes das livrarias. Livro contendo o exame mais compreensivo, mais exato, mais nítido, mais completo e mais científico da realidade sócio-política brasileira.

Heitor Moniz [82] em artigo saúda a obra, destacando a posição do Autor que, pelas suas idéias, mais parecia um revolucionário: "Com o livro que agora aparece — escreve o jornalista — prossegue o Sr. Oliveira Viana os seus estudos histórico-sociológicos e com aquêle mesmo superior idealismo construtor que anima tôda a sua obra continua dizendo as verdades que todos precisamos conhecer." Poder-se-ia, agora, repetir o que dissera, há tempos, um outro jornalista: duvido que o Brasil compreenda todo o valor e todo o alcance do arsenal de Oliveira Viana. A exegese, a sociogênese dos fatos políticos havia sido efetuada, representando o trabalho o ponto mais alto da literatura especializada, positivando

(81) Idem — pág. 197.
(82) A Manhã — 11-9-1949.

consagradoramente a vocação científica e a pujança intelectual do seu elaborador. Havia muito de Evangelho nas páginas do seu trabalho.

Celso Vieira comentando a sua obra política escreveu [83]: "Oliveira Viana trouxe para as nossas instituições políticas, em geral copiadas de países estranhos pelo sabor livresco, as bases da evolução de um povo e do seu direito costumeiro, elaborado no seio das massas, depois em grêmios e sindicatos, aflorando espontâneamente das camadas populares, dos núcleos desportivos e profissionais ou das colméias trabalhistas. Queria instituições arraigadas como plantas do nosso habitat, reverdecendo e frutificando ao sol da terra virgem."

Estudo de forte realismo, trazia o raio de luz na escuridão dos nossos falsos conceitos sôbre os problemas políticos, fazendo o processo da democracia brasileira, radiografando as falhas e os males de que ela se ressentia.

Não apregoou o isolacionismo mental. Muito ao contrário. Entusiasta dos estudos comparativos, o que não concordava era com o sistema comodíssimo do carbono e a coação legisferante de um grupo ideólogo, desprendido por completo dos traços definidores da sociedade brasileira. Êsses traços Oliveira Viana os gizou com mão de mestre, armando os dados da estrutura social brasileira, com os elementos da terra, liberto da ressonância acústica dos imitadores incorrigíveis.

Oliveira Viana, reconhece Pedro Calmon, [84]" se destacou na história do pensamento brasileiro, pela primazia dos estudos analíticos e sistemáticos da formação social à luz de um realismo científico, em que palpitam os problemas vitais do País." Nêle, a identificação dessa realidade era um dom e fora dela a sua vida não pode ser compreendida.

(83) Jornal do Comércio — 15-4-1951.
(84) Jornal do Comércio — 7-4-1951.
— Plínio Barreto, sociólogo, político e jurista, assim se manifestou a respeito de *Instituições*: "A exposição do Sr. Oliveira Viana, que se desdobrou por dois volumes, num total de seiscentas e sessenta páginas, dá novo lustre á sua reputação de sociólogo e o mantém no primeiro plano dos nossos doutrinadores políticos, capazes, realmente, de iluminar o espírito do leitor e concorrer para a solução dos mais sérios problemas sociais e políticos da nossa gente e da nossa terra. É uma obra de alto alcance científico. Poucas terão contribuído, como ela vai contribuir, para o conhecimento da nossa vida social e política desde os tempos coloniais até os nossos dias".

Na Câmara dos Deputados iria refletir-se, também, o interêsse despertado em tôrno do livro. Para os democratas convictos, aquelas palavras exprimiam conselhos, lições de um sábio que, amadurecido na experiência, horrorizava-se em ver a nossa vida pública como tabatinga na mão do ceramista, tornando a forma conveniente ao modelador. O deputado Jorge Lacerda, para citar apenas um, da tribuna, em memorável discurso, salientou que um trabalho daquela natureza, forçosamente, ultrapassaria os limites do Brasil. O ensinamento era profético; necessidade de conhecermo-nos para decidirmos sôbre as nossas instituições e só assim procedendo cumpriríamos o destino do povo.

Chefes de executivos estaduais pronto se aperceberam da mensagem trazida pelo livro. Para um homem que, como vimos, julgava-se hostilizado pelos políticos, nada mais eloqüente e nada mais confortador do que ser citado numa convenção partidária realizada em São Paulo, como o foi pelo Governador Ernani do Amaral Peixoto e por outros que encareciam a necessidade de sua voz ser ouvida. Mais tarde calaria êsses queixumes e agradecendo a homenagem que lhe prestamos no Estado, diria que o Poder Legislativo Fluminense "não guardava do escritor ou crítico da nossa classe política, nem sempre amável, ao contrário, um tanto severo e amargo, mas nunca injusto, nenhuma mágua, nenhum ressentimento." Leão Veloso acertara quando exaltando a sua clarividência o comparara com um sol iluminando o deserto brasileiro.

Os mais categorizados críticos do Brasil e do estrangeiro se externaram sôbre *Instituições Políticas Brasileiras*. Comandado por brasilidade pura, Oliveira Viana pudera sentir, em vida, a repercussão e a acolhida do seu livro, mormente nas camadas de onde se poderia julgar surgissem reações violentas. Não se tratava, apenas, de um livro e sim como classificou Aníbal Freire, de breviário de ideação.

Breviário de ideação e vademecum de quantos queiram estudar sociologia política no Brasil, catecismo da verdade social, livro que patenteou ser Oliveira Viana uma das mais vigorosas expressões da cultura latino-americana para o mundo da sociologia universal.

XV

CONCLUSÃO DAS OBRAS. DOENÇA E MORTE.

Jungido ao labor intelectual pouco se importava com a saúde. A aposentadoria concedida permitiu-lhe um esfôrço redobrado. Não ficaria nunca naquele *otium cum dignitate*, de que fala Horácio. Rebelde às prescrições dos médicos assistentes via o progressivo agravamento da moléstia, sem que colaborasse na sua erradicação. Diabético, impossibilitado de tomar certos alimentos, furtivamente burlava a vigilância caseira ,não seguindo o rigoroso regime dietético recomendado.

Disciplinado e metodológico no estudo dos fatos sociais, cometia indisciplina consigo, descurando do tratamento a que devia ser submetido. Na face já estereotipava algum cansaço. Não que os vincos das rugas salientes marcassem a sua idade. Era o envelhecimento precoce daquela vida consagrada ao serviço intelectual, que é cansativo, e sem dúvida o maior sugador das energias humanas.

Houve um instante, porém, em que teve de ceder às imposições do organismo e diminuir, consideràvelmente, o ritmo que vinha seguindo. Foi o sacrifício maior, quando se viu prisioneiro de uma determinação que não mais lograva escapar. Proibiram-lhe a leitura. Obrigado, também, a cessar de escrever.

Tantos livros e tantos programas! É bem verdade que os primeiros estavam prontos, faltando as aparas das suas demoradas e pacientes revisões. Poderiam ir para o prelo como se encontravam, mas êle permanecia no velho sistema de aprimorar as produções. O trabalho que, preferentemente, devia ser divulgado era o segundo volume de *Populações Meridionais do Brasil* ([85]) — tão anunciado e tão reclamado —

(85) Manuel Diégues Júnior, apreciando o livro em artigo publicado em *O Jornal*, a 29-3-53, escreve: "Oliveira Viana deteve-se no estudo da área gaúcha, isto é, aquela formada pelos valores culturais originados de uma sociedade baseada na criação do gado. Mostra êle como se formou aí um grupo que sob o imperativo das necessidades militares criou certos elementos fundamentais: a organização militar, o orgulho eqüestre, o sentido da autoridade, a importância do cavalo, a função política da marcialidade, entre outros. Tais elementos culturais deram feição à população riograndense, marcando-a no quadro amplo e vasto diversificado e disperso, da vida brasileira. Trouxe assim Oliveira Viana contribuição do mais alto valor, não só pelas observações registradas, se não ainda pelos fundamentos documentais em que se baseou, para o estudo das populações gaúchas".

contendo a proto-história riograndense, a formação da sociedade gaúcha, a história militar do Rio Grande e a culturologia política da população riograndense. Fruto de longas e persistentes pesquisas, punha na obra todo o carinho a fim de que ela se reencontrasse e completasse a primeira, esgotando a análise sociológica da gente sulina.

A enfermidade dava-lhe os primeiros avisos e, em 1948, quando redigia o prefácio do segundo volume de *Populações*, consignou: "Na verdade, não sei se terei a dita que teve Renan quando, agradecido à misericórdia Divina de lhe ter permitido concluir a *História das Origens do Cristianismo*, confessou, no seu *Marco Aurélio*, que lhe haviam ainda sobrado largos lazeres para lançar-se à conclusão da *História do Povo Judeu*, que planeara inicialmente." *Mais la vie est courte et de durée incertaine*, diria Renan.

No momento mais agudo da doença que o acometera, cuidou de pôr em ordem os originais há muito preparados. Marcos Almir Madeira e Hélio Palmier (86), assistentes para a publicação dos livros escritos pelo sociólogo, assinalam: "Tudo lhe acudiu, quando apontou as fontes. Nos lembretes de pé de página ou nas quadrículas de papel modesto, não falhou a sua diligência: em qualquer hipótese, o absoluto do seu acuro, da sua minúcia, da sua ordem. Tudo previsto, tudo provido, tudo disposto. De cada obra a compulsar, mencionou, sem deslize, título e autoria, capítulo e página. Não raro, informou da edição, referindo o editor. Mais; nenhum livro, indicado em nota, deixou de receber, no ponto a trasladar, o destaque de uma moldura a lápis... Como se não bastasse, lá estava, sob as linhas do texto, a reta vermelha dos grifos. Quando não, uma seta muito nítida, muito sua, marcava as distâncias, marcando a tarefa." Apercebia-se, agora, da precariedade do seu estado e dispunha as coisas porque o pressentimento negro tomara conta da sua mente. Sobrou-lhe tempo para fazê-lo.

Em carta ao Ministro Rubem Rosa, do Tribunal de Contas, cuja data parece ser de Outubro de 1947, escrevia:

> *"Estou passando a limpo todos os livros que tenho já concluídos, embora não definitivos. O volume sôbre o Rio Grande vai ser todo passado. De-*

(86) Prefácio do 2.º volume de Populações Meridionais do Brasil — pág. 5.

> *pois, mostrarei a você alguns capítulos mais interessantes e destoantes do que os historiadores gaúchos afirmam. O volume das Populações, sôbre o sul, será publicado post-mortem. Você verá se encontra um escritor gaúcho a que eu possa, em declaração testamentária, confiar a revisão do volume."*
>
> *OLIVEIRA VIANA*

Mais uma vez o zêlo, o empenho da verdade, revelando, desta feita, a preocupação que o dominava. O espírito forte não se arreceava da mão de ferro do destino. Temia, sim deixar os seus escritos sem a ordenação indispensável. Seis obras inéditas foram, dêsse modo, postas em condições de serem divulgadas: Populações Meridionais do Brasil — 2.º volume; História Social da Economia Capitalista no Brasil; Antropossociologia das Elites; Os Problemas da Raça; Introdução à História Social da Economia Pré-capitalista no Brasil e Ensaios. Firmara contrato com uma editora carioca para a impressão das suas obras completas. O convênio, aliás, vem sendo descumprido, retardando aos estudiosos a leitura dos temas que se propôs estudar, de significação inavaliável para o próprio país. Esta segunda parte da sua atividade intelectual será examinada oportunamente.

Numa tentativa para recuperar a saúde, retornou a Friburgo, de onde enviou a Marcos Alimir Madeira (87), a carta que abaixo se transcreve:

> *"Aqui estou estropiado pela...* dieta. *Mas, vinguei-me da esclerose (esclerose ou coisa que o valha). O* Capitalismo *está prontinho da silva. Acho que você tem razão, quando diz que êle é primo de* Instituições Políticas *e que "vem a ser o mais afanoso dos meus livros. Por isso tenho fé nêle — por me ter consumido* (consumido, *eis o têrmo) mais trabalho na ordenação do pensamento, nas leituras de* gregos *e* troianos *e na meditação sôbre os fatos e tipos sociais do nosso capitalismo. Os capítulos que você conhece, — parte, apenas, do 2.º volume, — não representam um têrço do esfôrço de investigação e de raciocínio que me custou a elaboração do restante."*

(87) In *Letras Fluminenses* — Março-Julho — 1951.

Um distúrbio cárdio-vascular vem agravar a situação. Ao seu lar comparece o Professor Pedro da Cunha, que apura as proporções do mal que o ia desgastando fìsicamente. A vontade permanecia férrea e inquebrantável numa luta desigual contra a fragilidade do organismo debilitado. O facultativo não o abandonaria mais, fazendo do cliente um devotado amigo. Há que se cumprir as ordens do clínico e, agora, Viana se mostrava mais complacente, disposto a obedecer o regime prescrito.

A moléstia avançara demasiado. É o primeiro a reconhecer a gravidade. Um dia, pela manhã, pede a presença de Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, que se encontrava no Rio. Prontamente é atendido. Quer se confessar. Trava-se emocionante palestra entre os dois homens de pensamento. O prelado e confrade da Academia conforta-o e discorre sôbre a transitoriedade da vida, que deve ser marcada por atos como os praticados por Viana. O sociólogo não esconde a intensa emotividade e o seu olhar brilha de maneira diferente.

— Você acredita em Deus? pergunta-lhe Dom Aquino.

— Se não acreditasse em Deus em que mais poderia acreditar? responde-lhe e, num esfôrço sôbre-humano, ajoelha-se beijando as mãos do sacerdote, que o levanta com os olhos marejados de lágrimas. Ali, naquele instante dramático, confirmava a sinceridade das suas palavras, quando afirmou que o caminho indicado pela Igreja "não é só o verdadeiro e justo caminho, como é, também, o único compatível com as nossas tradições de espírito e com a nossa estrutura econômica e social." Dissera mais: que era o melhor do mundo, melhor para a humanidade e melhor principalmente para nós, para o povo do Brasil.

Cercado de cautelas por parte dos seus familiares, estava aquêle enfêrmo precioso, que tanto empreendera nos domínios da cultura brasileira. Guardando o leito, impedido de ler, mas tendo no quarto e à cabeceira os livros que mirava com doce enternecimento.

Na noite de 27 de março, o seu coração ameaça falhar. Chamam, às pressas, o médico José Pessanha, assistente do Professor Pedro da Cunha. As esperanças batem em retirada e o que se previra meses atrás vai se verificar. A lei inflexível vai fazer valer o seu império. Na madrugada de 28

de março de 1951 exala o último suspiro. Não teve a frase que documenta o epílogo das vidas, mas teve um olhar que impressionou a todos, o derradeiro olhar para os livros, na despedida muda que falou bem mais alto do que a palavra. O esculápio atestara o óbito: um hictus apoplético.

Enlutara-se a cultura patrícia. Os poderes do Estado do Rio irmanaram-se nas homenagens ao grande morto. O Governador interrompeu o veraneio em Petrópolis para comparecer aos funerais do coestaduano que dignificara a terra. Nesse mesmo dia eu propunha à Assembléia Legislativa, a criação da Casa de Oliveira Viana (88), para que ela se tornasse num centro de estudos superiores de sociologia. Do Presidente da República ao habitante anônimo do bairro, dos membros da Academia aos estudantes da capital fluminense, todos acompanharam o Mestre à definitiva morada, no cemitério de Maruí. Marcara a sua passagem pela vida. Deixara uma obra de vulto e se tornara num guia espiritual da nacionalidade.

Gilberto Freyre, o eminente sociólogo pernambucano, que Viana não conhecera pessoalmente, a propósito do seu falecimento, escreveu (89): "Com a morte de Oliveira Viana, o Brasil perdeu um dos seus maiores e melhores mestres: mestre, precisamente, da ciência de descobrir, explicar e interpretar a chamada "realidade brasileira". Mestre que foi um exemplo admirável de devoção de um homem à sua ciência e à sua vocação." Sua influência — observaria o autor de Casa Grande e Senzala — é das que marcam época no desenvolvimento dos estudos sociais em nosso país. E adiante: "Mas a verdade é que Oliveira Viana foi um alto mestre. Um mestre digno do respeito de quantos, no Brasil, se dedicam a estudos brasileiros ou a estudos sociais." Uma apreciação insuspeita porque oriunda de um escritor que divergira, parcialmente, de algumas das conclusões de Oliveira Viana.

Aloísio de Castro discursaria, acrescentando: "No largo labor de sua vida, cuja benemerência a nação reconhece, manteve-se Oliveira Viana numa linha de compostura exemplar, modesto e desambicioso, e no decôro do sábio jamais

(88) Proposição que se transformou na Lei n. 1.208, de 14 de junho de 1951. Posteriormente, em 1955, o deputado Dail de Almeida propôs a criação da Fundação Oliveira Viana, também tornada lei.

(89) O Jornal, 31-5-1951.

buscou os artifícios da publicidade encomiástica, isso que para tantos é o pão da vida. Concentrado no ideal do estudo e contente só com êle, através da sociologia honrou as letras, na fôrça do estilo e na dignidade da língua, deixando na sua obra imorredoura lição."

Avolumam-se os pronunciamentos. A imprensa registrou o infausto acontecimento em palavras repassadas de exaltação ao pensador brasileiro. Afonso E. Taunay, em carta à família, extravasa a dor pela perda do amigo. Onde àquele tempo estivesse em funcionamento um grêmio, associação, academia, faculdade, centros literários, câmaras legislativas dos municípios, dos Estados e da União — e mesmo no estrangeiro — a morte de Oliveira Viana foi comentada como perda irreparável sofrida pelo Brasil.

Havia cumprido a sua missão. Não pudera, ao menos, assistir ao lançamento do segundo volume de Populações. Cumprira-se a sua previsão. Partia para o ignoto, mas legava à terra uma obra imensa. Sua vida valera por uma lição. Uma lição para ser ouvida, meditada e seguida.

Oliveira Viana foi, como acertadamente disse Monteiro Lobato, a máquina pensante de que o Brasil precisa se aproveitar.

APÊNDICE

(Discurso pronunciado pelo sociólogo patrício, quando do recebimento da distinção que lhe foi conferida.)

Sinto-me tomado de um profundo desvanecimento ao receber das mãos de Vossa Excelência êste formoso prêmio, que é uma pura obra d'arte, saída de mãos de artistas fluminenses. Êle tem, para mim, uma profunda significação. É a primeira vez que o nosso Estado presta uma homenagem desta natureza a um escritor brasileiro, um simples escritor, embora a nossa grei seja fértil em figuras de homens de letras, de poetas, de artistas, de homens de pensamento e de ciência, de homens de Estado, de homens de govêrno, de homens de doutrina. Por acidente, talvez, esta homenagem veio, delicada e expressiva, cair nas mãos de um modesto escritor de seu Estado, o mais obscuro, o mais humilde dêles.

Senhor Governador, coube-me a honra de receber das mãos de Vossa Excelência êste prêmio, e sinto-me desvanecido por isto, porque considero Vossa Excelência um grande fluminense, não só pelo seu valor pessoal, pelo seu talento comprovado, pela sua profunda cultura, pela eminência dos serviços prestados ao Estado, e, especialmente, ao Brasil, como pelas grandes tradições de família, onde se alteiam as figuras de maior relêvo e serviços ao país, e, também, à velha Província fluminense.

Praz-me reconhecer o meu desvanecimento de vê-lo presidir esta solenidade. Devo-lhe, por isto, meu profundo agradecimento, também pela dileta assistência que lhe deu, sincera, generosa e espontânea, prestigiando-a de todos os modos. Honro-me em receber êste prêmio como escritor, como publicista e como historiador — e recebo-o apenas como tal. Não tenho sido outra cousa — e nunca pretendi ser outra cousa. Embora sendo um estudioso de questões históricas, políticas e sociais, não tenho outra ambição senão ser o que tenho sido: — escritor e historiador político. Nunca fui, entretanto, político de partido.

Historiador político do meu país, não tenho tido outra preocupação senão dignificá-lo no seu grandioso passado,

exaltando os que o dignificaram pelo exemplo, pelo pensamento, pelos feitos, pela inteligência, pela cultura, pelo saber, seja no campo das letras, ou das artes, ou da guerra, ou da política. Mas, acontece que nossa história nacional pode ser considerada um resumo da história local da nossa "velha Província", nos seus aspectos mais profundos e dominantes. Disse Mommsen, ao balancear as idéias fundamentais da nossa civilização atual, que, afora as fôrças da Natureza, tudo o que é essencial em nossa civilização é grego pelas suas origens. Igual contribuição de serviços deve o Brasil aos fluminense, associados aos paulistas e aos mineiros — todos homens saídos dêste radioso e fecundo centro-sul — no tocante à nossa civilização jurídica, à nossa civilização moral, à nossa civilização política.

Dentro do mesmo pensamento, disse certa vez — e cada vez me convenço da verdade desta afirmação — que temos sido, de certo modo, os romanos do Brasil. Tomamos um Brasil separado em províncias, dividido, desunido, fragmentário, inconsciente dos seus próprios destinos e da sua grandeza — e unimos tudo isto num só bloco e transformamos todo êle nesta maravilha, a que chamamos, hoje, *unidade política do Brasil!* A êstes grupos anarquisados, ainda sem tradições do respeito à lei, vindos da anarquia e do caos colonial, demos, enfim, a medula da legalidade, o sentido do direito, a educação jurídica, a disciplina da legalidade, o sentido da ordem, a consciência e o senso das funções do Estado!

Neste sentido, podemos nos orgulhar de ter sido os organizadores da nossa estrutura política e da nossa estrutura administrativa e legal. Ora, em todos êstes feitos heróicos, que deram estabilidade de solidez ao Brasil, encontramos sempre a ação patriótica e construtora dos estadistas e legisladores fluminenses, dos nossos publicistas, dos nossos juristas, dos nossos políticos, dos nossos homens de Estado — os Sepetibas, os Uruguais, os Itaboraís, os Eusébios, que constituem, na sua quase totalidade, a linhagem dos grandes estadistas do segundo reinado e as gerações doutrinadoras da primeira República. É natural que, sendo fluminense, me tenha deixado fascinar, ao estudar a história política do meu país, pela parte que se refere à nossa organização política, administrativa e constitucional, isto é, a parte em que, como vimos, tivemos — como fluminenses — participação direta e efetiva — e das mais notáveis e precípuas. E compreendo, agora, o sentido íntimo da minha vocação de pesquisador.

"Meus Senhores, esta homenagem de hoje tem, ao demais, uma significação muito particular para mim. É também um ato de generosidade, um ato de nobreza, de superioridade de espírito e de elevação de caráter, de desprendimento, em suma. Nêste ponto, quero agradecer, muito particularmente, ao meu dileto amigo, o deputado Vasconcelos Tôrres (que, na sua bondade, se diz meu discípulo, como se êle, na espontaneidade e originalidade de sua inteligência, precisasse de ser discípulo de alguém; o deputado Vasconcelos Tôrres, que, com alto e generoso entusiasmo, foi quem propôs esta delicada homenagem e promoveu, na Assembléia, o seu andamento legislativo). Quero, também, agradecer, à Assembléia Legislativa do meu Estado, pela maneira franca com que acolheu e aprovou, por unanimidade, sem a mais leve restrição, o projeto Tôrres, revelando, nesta atitude, o alto teôr moral da sua educação política, a nobreza do seu espírito e a elevação de sua consciência. Aceitando a proposta Tôrres, para dar-lhe plena aprovação, revelou que não guardava do escritor ou crítico da nossa classe política, nem sempre amável, ao contrário, um tanto severo e amargo, mas nunca injusto, nenhuma mágoa, nenhum ressentimento — o que mostra a lúcida compreensão dos seus honestos intuitos de cientista — e isto muito me desvanece e comove. Foi um gesto de beleza moral e superior, o que só vos pode enobrecer, pela elevação e isenção revelada. Foi, para mim, uma grande honra o ter obtido a proposta Tôrres a unanimidade de vossa aprovação.

Nobre e comovente prova de superioridade de espírito e de coração ainda é a iniciativa de Vasconcelos Tôrres, jovem inteligente de vinte anos, que madrugou, logo nos primeiros ensaios sociológicos; e que, apesar de tudo, não vacilou em colocar-se acima dos seus interêsses pessoais e das relações de partido para proporcionar uma homenagem — a mais radiosa das homenagens — ao escritor que parecia, pelas suas idéias e atitudes, ter-se indisposto com tôda a classe política, — e a unanimidade conseguida pela proposta veio demonstrar também o absurdo desta injusta suposição da parte desta eminente corporação política e legislativa. Foram dois gestos — o da Assembléia e o do deputado Vasconcelos Tôrres — raros e assinaláveis pela elevação e pela nobreza, e que honram sobremaneira o nosso Estado e a sua classe política. Dois gestos bem fluminenses, bem caracterizadores e reveladores da índole da nossa gente. Somos assim, meus senhores!"

Senhor Governador, meus Senhores.

Posso-vos assegurar que a medalha que acabo de receber, premiando, generosamente, os meus modestos trabalhos de escritor e de historiador, não será um sinal de parada ou de repouso; será, antes, um estímulo à continuação de meus estudos — e espero nêles prosseguir, si Deus me ajudar, animado do mesmo patriotismo, do mesmo ardor cívico, da mesma fidelidade à Justiça e à Verdade, do mesmo desejo de servir ao Brasil e ao meu Estado.

É o que posso prometer na certeza de poder cumprir.

REGIMENTO INTERNO DA FUNDAÇÃO "OLIVEIRA VIANA", A QUE SE REFERE O DECRETO N. 5.317

TÍTULO I

Da Fundação e seus fins

Art. 1.º — A Fundação "Oliveira Viana", estabelecida pelo Govêrno do Estado do Rio de Janeiro, nos têrmos da Lei n. 2.488, de 30 de junho de 1955, sediada na cidade de Niterói, reger-se-á por êste Regimento.

Art. 2.º — A Fundação, instituição de caráter cultural e científico, terá por objetivos:

I — manter na cidade de Niterói a antiga residência de Oliveira Viana, resguardando os aspectos tradicionais da mesma, interna e externamente;

II — providenciar a permanente atualização da biblioteca por êle deixada, renovando as assinaturas das publicações culturais brasileiras e estrangeiras outrora recebidas pelo Mestre, e solicitando às editoras nacionais e estrangeiras a remessa de quaisquer lançamentos relacionados com as Ciências Sociais;

III — organizar um arquivo, com as notas de estudo, os originais das obras, as cartas, as fotografias, os títulos e quaisquer outros documentos que falem da vida e da atividade intelectual de Oliveira Viana, mantendo todo êsse documentário devidamente protegido da ação destruidora do tempo e em condições de fácil manuseio;

IV — instalar um museu com todos os objetivos que se revistam de especial significação para a evocação da vida do grande fluminense como publicista, professor, magistrado e fazendeiro;

V — manter contato permanente com os editores que conservam os direitos autorais de Oliveira Viana, a fim de obter o rápido processamento de novas edições das suas obras já esgotadas e, também, no sentido de estabelecer condições que permitam a publicação de edições populares dos principais volumes da sua bibliografia;

VI — editar um pequeno boletim informativo sôbre as atividades da Fundação e uma revista cultural cuja freqüência de publicação irá aumentando gradativamente, até ser possível o lançamento mensal de ambas as publicações;

VII — promover a edição de trabalhos sôbre temas brasileiros, focalizados sob o ângulo das ciências sociais, principalmente aquêles que se relacionarem de algum modo com a obra do historiador e sociólogo desaparecido;

VIII — organizar um centro de pesquisas, destinado a desempenhar o papel de célula dinâmica da instituição, tendo por finalidade o desenvolvimento de pesquisas em tôrno de problemas regionais e nacionais, mediante um plano geral pré-estabelecido, e a prestação de serviços de assessoria ao Executivo e ao Legislativo estaduais e a particulares;

IX — desenvolver constante trabalho no setor das relações públicas para despertar o máximo de interêsse em tôrno da Fundação e de suas iniciativas, difundindo noticiário na imprensa do país e do estrangeiro, organizando visitas de personalidades e de delegações universitárias às suas dependências e procurando intercâmbio com organizações congêneres do mundo inteiro; finalmente, promovendo cursos, conferências e exposições e incentivando a freqüência à biblioteca da instituição.

Art. 3.º — O prazo de duração da Fundação será indeterminado.

TÍTULO II

Da Administração

Art. 4.º — A administração da Fundação será exercida através dos seguintes órgãos:

a) — o Presidente;

b) — o Diretor;

c) — o Conselho Administrativo-Fiscal.

CAPÍTULO I

Do Presidente

Art. 5.º — O Presidente da Fundação será o Secretário de Educação e Cultura do Govêrno do Estado, que não terá direito a qualquer remuneração pelo exercício dêsse cargo, considerados, entretanto, relevantes os seus serviços.

Art. 6.º — Serão atribuições e deveres do Presidente:

I — representar a Fundação ou promover-lhe a representação em juízo ou fora dêle;

II — convocar o Conselho Administrativo-Fiscal:

III — presidir às reuniões do Conselho Administrativo-Fiscal;

IV — supervisionar as atividades gerais da Fundação e aprovar os planos de trabalho para cada exercício.

Parágrafo único — O Presidente será substituído em seus impedimentos pelo Diretor da Fundação.

CAPÍTULO II

Do Diretor

Art. 7.º — O Diretor será de livre escolha do Governador do Estado, provido em comissão, e a sua remuneração fixada pelo Secretário de Educação e Cultura, dentro dos recursos financeiros da Fundação.

Art. 8.º — Serão atribuições e deveres do Diretor:

I — submeter ao Presidente o projeto do regimento interno da Fundação e substituí-lo em seus impedimentos;

II — propor os planos de trabalho e promover a execução dos que forem adotados pelo Conselho, depois de aprovados pelo Presidente;

III — praticar os atos necessários à boa administração da Fundação, tais como organizar-lhe os serviços, solicitar ao Presidente a requisição do pessoal necessário, distribuir encargos, elogiar, punir, opinar sôbre a concessão de férias e licenças, movimentar depósitos bancários, receber e pagar contas, delegar poderes a subordinados;

IV — apresentar mensalmente ao Presidente o balancete das contas, acompanhado de informações supletivas e de súmula dos trabalhos realizados ou em curso de realização, a fim de ser encaminhado ao Conselho Administrativo Fiscal;

V — enviar ao Presidente, até o dia 15 de fevereiro de cada ano, a prestação de contas e relatório circunstanciado das atividades do exercício anterior, para apreciação do Conselho;

VI — encaminhar ao Presidente, até 15 de dezembro de cada ano, o plano das atividades do exercício seguinte e a respectiva proposta orçamentária;

VII — O Diretor tomará parte, sem direito de voto, nas reuniões do Conselho.

CAPÍTULO III

Do Conselho

Art. 9.º — O Conselho Administrativo Fiscal será constituído por sete membros, devendo apresentar a seguinte composição:
I — representante da Secretaria de Educação e Cultura;
II — representante da Academia Fluminense de Letras;
III — representante da Faculdade de Direito de Niterói;
IV — representante da Faculdade Fluminense de Filosofia;
V — representante da Associação Fluminense de Jornalistas;
VI — representante da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Estado do Rio de Janeiro.

Art. 10 — Os membros do Conselho, nomeados pelo Governador do Estado, ouvidas as entidades que deverão ser representadas, quando fôr o caso, terão mandato de dois anos, podendo ser reconduzidos, e perceberão um "jeton" correspondente a cada reunião a que comparecerem.

Art. 11 — Ao Conselho Administrativo-Fiscal, compete:

I — aprovar as contas anuais do Diretor, podendo, para isso, examinar a escrita e os documentos da Fundação;

II — examinar, a qualquer tempo, por iniciativa própria ou solicitação do Presidente, os livros, os papéis e a escrituração financeira e patrimonial da Fundação;

III — opinar, como órgão consultivo, quando solicitado pelo Presidente ou Diretor, sôbre qualquer assunto de interêsse econômico ou administrativo da Fundação;

IV — recorrer para o Secretário de Educação e Cultura contra atos ou decisões do Diretor.

TÍTULO III

Do Patrimônio e sua utilização

Art. 12 — O Patrimônio da Fundação será constituído pelos bens e direitos a ela outorgados, pelos adquiridos no exercício das suas atividades e pelos provenientes de rendas patrimoniais.

TÍTULO IV

Do regime financeiro

Art. 13 — O exercício financeiro coincidirá com o ano civil.

Art. 14 — Até o dia 30 de novembro de cada ano o Presidente apresentará ao Conselho a proposta orçamentária do ano seguinte.

§ 1.º — A proposta orçamentária será justificada com a indicação dos planos de trabalho correspondentes.

§ 2.º — O Conselho terá o prazo de 20 dias para discutir, emendar e aprovar a proposta orçamentária, não podendo majorar despesas, salvo as consignadas nos respectivos recursos.

§ 3.º — Aprovada a proposta orçamentária, ou findo o prazo fixado no parágrafo anterior sem que se tenha verificado a aprovação, fica o Diretor autorizado a realizar as despesas previstas.

§ 4.º — Durante o exercício financeiro poderão ser abertos créditos adicionais, desde que as necessidades da Fundação o exijam e haja recursos disponíveis.

Art. 15 — A prestação anual de contas será feita ao Conselho Fiscal até o último dia útil de fevereiro.

TÍTULO V

Da emenda e da revisão do Regimento

Art. 16 — O presente Regimento poderá ser emendado ou revisto mediante proposta do Presidente ou de qualquer membro do Conselho.

Parágrafo único — A aprovação da emenda ou da revisão dependerá do voto da totalidade dos membros componentes do Conselho e despacho favorável do Secretário de Educação e Cultura, a fim de ser a modificação assim vitoriosa submetida ao Chefe do Poder Executivo.

TÍTULO VI

Disposições transitórias

Art. 17 — Preencherão as diversas funções necessárias ao serviço da Fundação, funcionários do Estado que forem requisitados para êsse fim, ou servidores contratados pelo Secretário de Educação e Cultura.

Secretaria de Educação e Cultura, em 16 de abril de 1956.

(a) RUBENS FALCÃO

***

DECRETO N. 5317, DE 16 DE ABRIL DE 1956

O Governador do Estado do Rio de Janeiro, no uso das atribuições que lhe confere o art. 40, ítem I, da Constituição Estadual de 20 de junho de 1947,

DECRETA:

Art. 1.º — Para execução do disposto na Lei n. 2488, de 30 de junho de 1955, publicada em 2 de julho do mesmo ano, fica aprovado o Regimento da Fundação Oliveira Viana, que com êste baixa, assinado pelo Secretário de Educação e Cultura.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário de Estado de Educação e Cultura assim o tenha entendido e faça executar.

Palácio do Govêrno, em Niterói, 16 de abril de 1956.

(aa.) MIGUEL COUTO FILHO

Rubens Falcão

XVI

OLIVEIRA VIANA DITA NORMAS

Fôra empastelado o "Diário Carioca". M. Cardoso e L. Color haviam rompido com o govêrno provisório. O Clube 3 de Outubro dera pleno apoio ao presidente que estava no Rio Negro.

A esta altura dos acontecimentos — Juarez Távora sente, com os seus, que a Revolução tinha necessidade de tomar rumo objetivo e seguro.

Oliveira Viana é procurado. Após longos entendimentos o mestre resolve ir a casa de Távora, na rua Senador Vergueiro, 175.

Entre ambos se estabelece, então, mais ou menos, o seguinte diálogo:

— Há um ano estamos governando sem saber como — disse Juarez Távora. Queríamos que nos elaborasse um programa de ação.

— Quero esclarecer — responde Oliveira Viana — que não sou revolucionário e que sustento idéias contrárias à intervenção dos militares na política.

— Não importa. Queremos as suas idéias — a despeito de o sabermos acusado de reacionário. Aliás, já li "O ocaso do Império" — e temos alguns pontos de vista em comum. Não somos militaristas. Nossa atitude em política é a de quem observa um banquete. Quando o banquete fôr transformado em regabofe, então entraremos com a espada moralizadora...

— E qual o critério para constatar que o banquete se transformou em regabofe? — Távora riu-se: — Faça, faça o programa... Dou-lhe sete dias.

— Preciso de 15 pelo menos — responde Oliveira Viana.

E o programa apresentado pelo mestre poderia ser assim resumido:

1.º — A evolução social tem uma lei — uma ordem. O poder transformador da legislação positiva é reduzido e está condicionado à realidade. Por isso, a Constituição de 1891 não nos pode servir satisfatòriamente. Urge revê-la.

2.º — A revisão constitucional não é um problema de ordem jurídica, mas de ciência política. Assim sendo, a reforma deve ser feita por especialistas nas ciências sociais.

3º — Quanto ao regime federativo, a reforma deve visar:

a — uma restrição de sua latitude, em defesa da unidade nacional;

b — uma diminuição dos poderes dos Estados e o conseqüente fortalecimento do Poder Central. No Brasil, governar é vencer a dispersividade desagregadora.

4.º — A autonomia dos Estados será uma decorrência da sua capacidade vital e da capacidade vitalizadora de suas elites.

5.º — Para a harmônica coordenação dos poderes (executivo, legislativo e judiciário), merece ser criado um Conselho Nacional.

6.º — O Conselho Nacional, além de sua função harmonizadora, será um órgão destinado:

a — a resolver os problemas de intervenção federal;

b — a opinar sôbre os conflitos entre os Estados, ou entre os Estados e a União;

c — a opinar sôbre os projetos de lei que interessem profundamente à vida nacional;

d — a prover as vagas do Tribunal de Contas, do Supremo Tribunal Federal e de tôda a magistratura.

7.º — O Conselho Nacional será formado de 15 a 21 membros, escolhidos entre as mais altas personalidades do País, os quais serão eleitos:

a — pelos membros do Tribunal de Contas e do Supremo Tribunal Federal;

b — por um deputado federal de cada Estado, eleito pela sua bancada;

c — por outros que a lei estabelecer.

8.º — Os ex-presidente da República serão membros natos do Conselho Nacional.

9.º — O Tribunal de Contas terá plenos poderes e garantias máximas para:

a — o contrôle da gestão econômico-financeira do executivo;

b — o exame crítico dessa administração, como órgão obrigatório de consulta nas propostas orçamentárias;

c — exercer o direito de veto nessas matérias e nas que lhe forem afetas em lei.

10.º — Como há outras fontes de opiniões além do Parlamento:

a — poder-se-ia extinguir o Senado Federal, cujas atribuições passariam — salvo a meramente legislativa, que seria exclusiva da Câmara Federal — para o Conselho Nacional;

b — conviria proibir-se a reeleição de todos os que exercem mandato popular;

c — valeria vedar-se o exercício simultâneo de cargos eletivos e de nomeação.

11.º — A justiça é uma fôrça pedagógica e sua função é eminentemente nacional. Por isso o Brasil exige:

a — a unificação e a federalização da magistratura e da processualística;

b — que os magistrados de têrmos ou comarca sirvam por prazo fixado em lei, findo o qual sejam removidos para outros têrmos ou comarcas;

e — que se formem tribunais regionais.

12.º — Torna-se necessária a fundação de Conselhos Técnicos, como órgãos de consulta obrigatória, junto às administrações federal, estadual e municipal, para melhor atender aos interêsses de classe.

13.º — O Funcionalismo Público precisa ser arrancado das injustiças do favoritismo e das injunções políticas. Para isso:

a — elaborar-se-á um Estatuto que lhe regulamente as atividades, os direitos e as obrigações;

b — ninguém será admitido no serviço público que não seja por concurso.

14.º — Será criada uma polícia de carreira livre do partidarismo local.

15.º — O sistema eleitoral será regulado e fiscalizado — soberana e autônomamente — pela magistratura togada. A legislação eleitoral será única e de caráter federal.

16.º — O ensino superior será oficializado em todo o país pela União e seus professôres serão remunerados pelo Tesouro Nacional.

17.º — Tudo se fará por uma legislação social que ampare o operário, urbano e rural, de maneira a assegurar-lhe justo salário e condições satisfatórias de higiene, bem-estar e segurança.

18.º — Não há como ser contrário ao capital estrangeiro. Convém, sòmente estatuir um sistema fiscal que evite a evasão, para fora de nossas fronteiras, dos lucros levantados.

19.º — A imigração deve ser posta sob o contrôle científico do Estado, como complemento humano do trabalho nacional.

Também o sr. João Daudt de Oliveira, em 1934, pediu a Oliveira Viana o esbôço de um programa para o seu Partido Economista.

Aquêle ilustre patrício foi procurar o mestre em seu gabinete, no Ministério do Trabalho.

Como sempre, Oliveira Viana relutou em aceitar o encargo. Mas, depois de relutar, o mestre ditou a um taquígrafo, já em sua casa, o seguinte e genérico estauto.

1.º — O Partido Economista "será exclusivamente uma organização corporativa, feita para atuar na esfera política". Não é, portanto, um órgão das classes econômicas, mas o representante de seus interêsses junto ao Estado. Não é, também, uma organização profissional. E' um partido interessado na realização das idéias e aspirações das classes produtoras e econômicas do país. Terá caráter nacional.

2.º — Tôdas as classes poderão colaborar em suas fileiras, pois a sua característica não lhe vem tanto da origem profissional dos seus componentes, como dos objetivos econômicos de sua ação política.

3.º — O Partido Economista visa federalizar as classes econômicas, tornando-as solidárias, para melhor realizar o seu programa.

4.º — Realizada a união classista, o Partido lutará pela educação profissional e cívica de cada classe, organizando-as de molde a formar, com elas, células vivas e conscientes da nacionalidade.

5.º — Dadas as condições atuais do nosso povo, torna-se impraticável a verdadeira representação profissional no Con-

gresso. Por isso o P. E. lutará pela formação de Conselhos Técnicos e Consultivos, como órgãos informadores dos Poderes Legislativo e Executivo.

6.º — O P. E., apesar de favorável à nacionalização do trabalho e do capital, não se opõe ao capital estrangeiro e à imigração alienígena. Numa atitude de equilíbrio nacionalista, visa impedir sòmente o êxodo dos lucros conseguidos pelos capitais vindos de fora, bem como fazer uma rigorosa seleção e um aproveitamento racional dessas novas energias humanas, que são os imigrantes.

7.º — Quanto ao problema dos latifúndios, o P. E., propõe:

a — retalhamento, por ação do Estado, das terras públicas inaproveitadas, a fim de distribuí-las entre os que possam colonizá-las;

b — desapropriação e distribuição das terras inaproveitadas, que fiquem à margem das linhas rodo-ferroviárias e das vias marítimas;

c — desapropriação e divisão dos latifúndios abandonados em zonas colonizáveis, tôda vez que para explorá-las seja melhor a pequena propriedade.

8.º — Em relação ao problema do crédito agrícola, não acreditando no êxito de um Banco Hipotecário do Estado a operar junto aos interessados, por meio de sucursais, o P. E. pretende organizar "Cooperativas de Crédito" nos diversos municípios, as quais reunir-se-ão em Caixas Centrais, estas vinculadas ao Banco do Brasil.

9.º — Um dos principais objetivos do P. E. é a elevação social das atividades econômicas:

a — por meio de uma grande campanha de mobilização das classes produtoras;

b — pela elevação do nível cultural e de especialização dessas classes;

c — pela criação de elites em centros de ensino superiores e técnicos.

10.º — Além do mais, o P. E. visará formar organizações de solidariedade social, como Sindicatos, Centros, Ligas, Cooperativas, Caixas Rurais, etc., fora da máquina partidária, das quais, todavia, colherá motivos de ação política.

Eis aí os dois programas a que se refere a epígrafe do presente artigo. Na verdade, nós os apresentamos muito sintèticamente. Do primeiro — por prudência — reservamo-nos até o direito de ocultar alguns itens. Um dia, quando oportuno, voltaremos ao assunto. Mas do que fica estampado, o leitor pode concluir o quanto já foi realizado nesses últimos vinte anos. E essas realizações constituem um dos títulos de glória de OLIVEIRA VIANA.

N. R. — A matéria do presente trabalho até hoje estêve oculta aos leitores de Oliveira Viana. Divulgando-a, pela primeira vez, queremos homenagear, também aos senhores General Juarez Távora e João Daudt de Oliveira, por terem reconhecido no grande fluminense — há quase duas décadas — um espírito capaz de ditar rumos ao Brasil.

DAYL DE ALMEIDA

(in "O Estado", 8-4-51).

O DISCURSO QUE EU NÃO FIZ

MARCOS ALMIR MADEIRA

Ser amigo e ter a amizade de Oliveira Viana, conviver com êle, compreendê-lo e sentí-lo, não apenas em livro, mas ainda em seu círculo doméstico, em seu *clã parental*, como êle mesmo diria — em sua casa veneranda, solarenga, fluminense — eis a felicidade que me durou uns vinte anos.

Perdi-a esta madrugada . Já esperava: como o seu corpo, a medicina estava sem fôrças. Sabia que a sua vida ia parar, e não tardaria. Só não sabia doesse tanto a dor que já se espera; e ainda uma vez, aprendi por mim mesmo: nada valem os preceitos da filosofia estóica. O cérebro me prevenia, mas o coração não assimilava. E' que são sempre inúteis os avisos da razão, quando nosso sentimento é a nossa lógica.

Fui dos que pior esperaram a hora triste. Errou, em mim, deixem-me dizer, o filósofo. Não fui o homem cerebral; fui só o amigo, e disso bem me prezo e me glorio: em Oliveira Viana, o pastor intelectual desta geração fluminense, eu tive o mestre de todo dia.

Mas não venho, agora, para o louvor do homem de pensamento e de ciência — daquele que melhor estudou e entendeu êste país; que o vinha advertindo, avisando, alertando, havia mais de 30 anos; que lhe foi buscar a realidade social nas "camadas profundas da sua proto-história"... Não, não venho para exaltação do pioneiro de uma sociologia realmente "positiva". Aqui estou, com o coração nas mãos, para o meu hino singelo ao coração do amigo — do amigo que nunca me esqueceu, nunca me omitiu, nunca me faltou.

Não precisei subir; foi êle quem desceu, vindo até mim; e se nada mais lhe devesse, bastaria o prêmio dessa iniciativa fraterna, dessa fraternidade espontânea.

De comêço, uma impressão bizarra me vinha: parecia-me um despropósito, uma burla, um quase desrespeito que o

calouro se fizesse e dissesse íntimo daquele veterano do êxito e da fama. Mas não tardei a ver que o grande desrespeito à sua índole e a infração maior da sua bondade seria recusar a matrícula graciosa na sua intimidade inesquecível. E era ali, naquela casa inteiramente nacional, na biblioteca ou na varanda, na sala da frente ou sob o tamarineiro, no caramanchão "acadêmico" ou à sombra da mangueira "liberal", que êle me ensinava sem dar aula... humano, fácil, ameno, simples, nobre na sua modéstia, alto na sua humildade, a falar como quem teme o eco da própria voz, e se constrange de saber que sabe...

Assim o vi e venerei, numa cordialidade sem nuvens, na sua como na minha casa — grande, sempre, de espírito e de coração: nos encontros pessoais, nas palestras pelo fio, nas cartas de Saquarema e de Friburgo.

Agora — é a lei inflexível — lá se vai o meu amigo. Nunca o esqueci. Tê-lo-ei presente, já não direi por sua obra, que pertence aos brasileiros — mas pelo bem que me fêz, e aos meus, a constância da sua amizade de ouro.

Prometo-lhe, nesta hora última, o que lhe posso dar de mais íntimo e de mais caro: a formação cristã de minhas filhas, "nossas duas Marias", como êle dizia, na escola sem igual da sua bondade sem fronteiras.

Um dia, se Deus quiser, elas compreenderão que na casa "comprida" da Alameda, onde havia sempre um gatinho "pra" brincar, morou um primoroso exemplo de sabedoria, dignidade e compreensão humana, afirmação comovente, e eterna, de um cérebro que trabalhou pela verdade, enobrecido por um coração que não traiu.

Oliveira Viana, meu amigo: adeus. Guardarei fidelidade à tua memória imperecível. Crê no meu voto de lealdade. Agora, à beira do teu túmulo, minha palavra é juramento.

FONTES PARA UM ESTUDO DA OBRA DE OLIVEIRA VIANA

A — ARTIGOS

1.º — Abner Mourão — "O Paiz" — Rio — 14-5-15 e *in* "Cultura e Trabalho" (Revista) — Rio, set., 1927.

2.º — Alcides Maia — "O Paiz" — 23-11-15.

3.º — Carlos Malheiro Dias — "O Paiz" — 19-7-16

4.º — Alexandre de Albuquerque — "O Paiz" — 25-7-16.

5.º — José Maria Belo — "O Jornal" — Rio — 18-11-20.

6.º — Tristão de Ataíde — "O Jornal" — 27-12-20 — 6-8-22 — 4-2-23.

7.º — Rubens Barcelos — "A Federação" — Pôrto Alegre — 29-1-21.

8.º — Carneiro Leão — "O Jornal" — 26-4-41.

9.º — João Ribeiro — "O Jornal" — 24-6-21 — e o "Jornal do Brasil" — Rio — 10-8-27.

10.º — Genserico de Vasconcelos — "Jornal do Brasil" — 18-6-22.

11.º — Silveira Bueno — "O Paiz" — 21-10-26.

12.º — Carlos Fernandes — "Fôlha da Manhã" — Recife — 11-11-26.

13.º — Rocha Pombo — "Correio da Manhã" — Rio — 25-11-26 — 2-12-26 — 9-12-26 — 14-4-30 — 24-4-30.

14.º — Antônio Leão Veloso — "Correio da Manhã" — 15-12-26 — 12-10-32.

15.º — Hélio Gomes "A Gazeta" — Campos — Estado do Rio — 12-1-27 — e "Semanário de Campos" — 10-4-27.

16.º — Raimundo de Morais — "O Estado do Pará" — Belém — 9-4-27.

17.º — Alberto Lamego Filho — "Semanário de Campos" — 10-4-27.

18.º — Jarbas Peixoto — "Diário da Manhã" — Recife — 27-5-27.

19.º — M. de Paula Filho — "Correio da Manhã" — 27-5-27.

20.º — Hermes Lima — "Correio Paulistano" — S. Paulo — 7-6-27.

21.º — Melchiades Picanço — "O Estado" — Niterói — 8-6-27 — 11-8-38 — 1-8-42 — e "Quinto Distrito" — Niterói — 30-5-37.

22.º — Agripino Grieco — "O Jornal" — 8-7-27.

23.º — Humberto de Campos — "Correio da Manhã" — 12-3-30 — "A Noite" — Rio — 8-4-33.

24.º — F. J. da Silveira Lobo — "O Paiz" — 18-4-30.

25.º — B. Pinheiro Machado — "O Jornal" — 27-4-30.

26.º — Bento Munhoz da Rocha Neto — "Diário da Tarde" — 27-6-30 — 28-6-30 — 30-6-30 — 3-7-30 — 5-7-30.

27.º — Olinto Pereira da Silva — "Jornal de Barbacena" — Minas — 21-12-30.

28.º — Thomás Murat — "Diário de Notícias" — Rio — 22-5-32.

29.º — Otávio Domingos — "Jornal de Piracicaba" — 25-5-32.

30.º — Azevedo Amaral — "Diário de Pernambuco" — Recife — 8-7-132 — e "O Jornal" — 15-7-32.

31.º — Raul Rodrigues Gomes — "O Dia" — Curitiba — 24-7-32.

32.º — Oscar Mendes — "Estado de Minas" — Belo Horizonte — 27-8-32.

33.º — Elói Pontes — "O Globo" — Rio — 23-5-33 — 5-8-42 — e "A Noite" — 19-6-33.

34.º — Jaime de Barros — "Diário de São Paulo" — São Paulo — 16-7-33 — e "O Jornal" — 29-1-44.

35.º — Luiz Martins — "O Jornal" — 28-2-35.

36.º — Lacerda Nogueira, Luiz Palmier e Antero Manhães — "Diário da Assembléia" — Est. do Rio — 29-5-37.

37.º — V. Cy. — "A Gazeta" — São Paulo — 1-7-38 — e "O Estado de São Paulo" — 19-5-49.

38.º — Feijó Bittencourt — "Jornal do Comércio" — Rio — 10-7-38.

39.º — A B. Cotin Neto — "Jornal do Comércio" — 7-8-38.

40.º — A. Hernandez Catá — "El Mundo" — Havana — 8-10-38.

41.º — José Campelo — "Fôlha da Manhã" — Recife — 28-12-38.

42.º — José A. Martinez — (Tradução do artigo de Hernandez Catá) — "Correio da Manhã" — 1-1-39.

43.º — Haroldo Valadão — "Jornal do Comércio" — 8-1-39.

44.º — Assis Chateaubriand — "O Jornal" — 8-3-39 — — 12-2-42.

45.º — Joaquim Melo — "Monitor Campista" — E. do Rio — 7-5-39.

46.º — Byron de Freitas — "D. Casmurro" — Rio — 3-5-41.

47.º — Geraldo Bezerra de Menezes — "Jornal do Comércio" — 22-3-42 — "Correio Paulistano" — 3-4-42 — "Revista Mexicana de Sociología" — Ano IV — Vol. IV — N.º 2 — 2.º trim. de 1942 — "O Estado" — 21-1-43 — "A Manhã" — Rio — 22-1-43.

48.º — Plínio Barreto — "Diário de São Paulo" — 11-4-42 — "O Jornal" — 12-3-44.

49.º — Dayl de Almeida — "O Gládio" — Rev. da Fac. de Direito de Niterói — Abril, 1942 — "Brasil Novo" — Itaperuna — E. do Rio — Série de 23 artigos — 1943 — "O Estado" — 4-6-44 — 19-6-44 — 16-7-47 — 29-3-51 — 1-4-51.

50.º — Emílio Kemp — "Correio do Povo" — 19-6-42.

51.º — Hélio Viana — "Estudos Brasileiros" Rev. — Rio — N.º 25/27 — Julho/Dezembro, 1942.

52.º — João Luso — "Jornal do Comércio" — 2-8-42.

53.º — Roberto Lira — "A Noite" — 6-8-42.

54.º — Heitor Moniz — "A Noite" — 22-10-42 — "O Estado" — 24-10-42.

5.º — Anselmo Macieira — "Revista da Semana" — Rio — 7-11-42 — "Boletim Geográfico" — Rio — Ano I — N.º 4 — Julho, 1943 — "Brasil-Portugal" — 23-11-44 — 27-9-45 — "A Vanguarda" — Rio — 29-9-47 — 4-1-49 — 20-5-49.

56.º — Tadeu Rocha — "Jornal do Comércio" — 4-10-42.

57.º — Gilberto Freyre — "O Jornal" — 9-1-43.

58.º — Hélio Sodré — "Carioca" — Revista — Rio — 26-6-43.

59.º — Segadas Viana — "O Jornal" — 11-12-43.

60.º — Sílvio Rabelo — "O Jornal" — 8-1-44.

61.º — V. N. M. — "Boletim da Associação Comercial" — Minas — 15-1-44.

62.º — Cesarino Júnior — "A Manhã" — 30-1-44 — 6-10-44.

63.º — Marcondes Filho — "A Manhã" — 5-4-44 e 6-1044.

64.º — Paulo Tacla — "Brasil-Portugal" — 8-7-44.

65.º — Prof. Alexandro Umzain (entrevista) — "A Manhã" — 23-7-44.

66.º — João Paraguaçu — "Correio da Manhã" — 1-2-45.

67.º — Afonso Arinos de Melo Franco — "O Jornal" — 19-6-45.

68.º — José Honório Rodrigues — "O Jornal — 15-7-47.

69.º — Plínio Salgado — "Idade Nova" — Rio — 18-8-47.

70.º — Joaquim de Sales — "Diário Carioca" — Rio — 14-8-48.

71.º — Marcos Almir Madeira — "Correio da Manhã" — 4-1-49 — "O Jornal" — 18-1-49 — "O Estado" — 1-4-51 — "Monitor Econômico" — 7-4-51.

72.º — Costa Rêgo — "Correio da Manhã" — 2-4-49 — 6-11-49 — 28-7-49 — 23-12-49.

73.º — Vasconcelos Tôrres — "Diário da Assembléia" — Est. do Rio — 3-4-49 e 29-3-51.

74.º — Alceste — "A Gazeta" — São Paulo — 9-4-49.

75.º — Lord Wellintgon — "Jornal do Comércio" — 10-4-49 e 9-10-49.

76.º — Austregésilo de Ataíde — "Diário da Noite" — 11-4-49 — 14-4-49 — 4-10-49 — 21-12-49 — 30-3-51.

77.º — Sérgio Milliet — "Estado de S. Paulo" — 12-4-49.

78.º — João Lira Filho — "Jornal dos Esportes" — Rio — 14-4-49.

79.º — Manoel D. Júnior — "A Manhã" — 17-4-49 e 1-5-49.

80.º — Raul Lima — "Diário de Notícias" — 17-4-49.

81.º — José Lins do Rêgo — "O Jornal" — 21-4-49 — "O Globo" — 26-4-49.

82.º — Temístocles Linhares — "A Gazeta do Povo" — Curitiba — 24-4-49.

83.º — Wilson Louzada — "A Manhã" — 30-4-49.

84.º — Osmar Pimentel — "Fôlha da Manhã" — 30-4-49.

85.º — Joaquim Tomás — "Jornal do Brasil" — 11-5-49.

86.º — Celso Kelly — "A Noite" — 15-5-49 e 28-12-49.

87.º — J. Guilherme de Aragão — "A Manhã" — 29-5-49.

88.º — Cândido Mota Filho — "Diário de São Paulo" — 12-6-49 — "O Jornal" — 7-4-50.

89.º — Reginaldo Nunes — "Jornal do Comércio" — 12-6-49.

90.º — Rerruci Fabrini — "O Jornal do Comércio" — 15-6-49.

91.º — Carlos Kopke — "Diário de S. Paulo" — 17-7-49.

92.º — Henrique Pongetti — "O Globo" — 29-7-49.

93.º — Levi Carneiro — "O Globo" — 21-12-49.

94.º — Wilson Martins — "Estado de S. Paulo" — 20-9-49 — 25-12-49.

95.º — José Caó — "A Manhã" — 27-12-49.

96.º — Costa Pôrto — "A Manhã" — 7-8-49.

97.º — J. C. de Oliveira Tôrres — "Estado de São Paulo" — 20-9-49.

98.º — Correia de Sá — "Tribuna de Petrópolis" — Set., 1949 — N.º 2 — Ano 1.

99.º — Celso Kelly — "A Noite" — 2-10-49.

100.º — Hélio Sodré — "A Manhã" — 14-1-50.

101.º — Alvaro Penafiel — "A Vanguarda" — 31-1-50.

102.º — Artur Tôrres — "A Tribuna" — Niterói — 9-4-50 — e "Jornal do Comércio" — Rio — 4-4-51.

103.º — Jorge de Serpa Filho — "O Jornal" — 11-6-50.

104.º — Lopes de Andrade — "A Manhã" — 23-7-50.

105.º — Galdino do Vale, Brígido Tinoco, Jorge Lacerda e Celso Peçanha — Alfredo Neves e Hamilton Nogueira — "Diário do Congresso Nacional" — 29-3-51.

106.º — J. Antero de Carvalho — "Diário Carioca" — 30-3-51.

107.º — Berilo Neves — "A Noite" — 31-3-51.

108.º — Gastão de Almeida — "O Radical" — 1-4-51.

109.º — Barbosa Lima Sobrinho — "Jornal do Brasil" — 1-4-51.

110.º — Menotti del Pichia — "A Gazeta" — S. Paulo — 3-4-51.

111.º — Pacheco e Chaves — Camilo Ashcar — Cid Franco — Teixeira Camargo — Derville Alegretti — Augusto do Amaral — "Diário do Executivo" — S. Paulo — 4-4-51.

112.º — Frederico Trota — "Diário Oficial" — 4-4-51.

113.º — Aloísio de Castro e Cassiano Ricardo — "Jornal do Comércio" — 7-4-51.

114.º — Diógenes Laércio — "A Manhã' — 8-4-51.

B — EDITORIAIS — NOTAS E REGISTROS

1.º — "Correio do Povo" — Pôrto Alegre — 20-2-21.

2.º — "Jornal do Comércio" — Rio — 17-5-21 — 20-3-30 — 26-3-30 — 28-6-30 — 20-12-40 — 2-7-42 — 31-8-47 — 29-3-51.

3.º — "O Estado de São Paulo" — São Paulo — 11-6-21 — 30-12-23 — 7-12-43.

4.º — "Minas Gerais" — Belo Horizonte — 29-5-32.

5.º — "A Nação" — Rio 1-2-33 — 29-3-33 — 29-3-33 — 29-5-37.

6.º — "Diário de Notícias" — Pôrto Alegre — 21-3-34.

7.º — "La Nación" — Buenos Aires — 9-1-38.

8.º — "A República" — Pôrto Alegre — 3-8-38.

9.º — "A Gazeta" — Recife — 19-6-39.

10.º — "Jornal do Brasil" — Rio — 31-12-39 — 22-12-49 — 29-3-51.

11.º) — "Correio do Estado" — S. Gonçalo — E. do Rio — 14-1-40.

12.º — "A Manhã" — Rio — 12-4-42 — 2-2-43 — 13-5-43 — 18-5-43 — 18-1-44 — 17-4-49 — 29-3-51 — 8-4-51.

13.º — "Fôlha da Manhã" — Recife — 7-12-43.

14.º — "A Gazeta" — São Paulo — 13-12-43 — 7-4-51.

15.º — "O Globo" — Rio — 3-1-44.

16.º — "O Estado" — Niterói — 18-2-44 — 23-11-44 — 8-6-46 — 1-4-51 — 17-8-47 — 29-3-51.

17.º — "A Noite" — Rio — 4-1-45.

18.º — "Carioca" — Rev. — Rio — 27-6-46.

19.º — "Diário de São Paulo" — São Paulo — 17-4-49.

20.º — "O Mundo" — Rio — 29-4-49.

21.º — "Correio da Manhã" — Rio — 29-3-51.

C — LIVROS

1.º — Tristão de Ataíde — "Estudos" — 2.ª e 5.ª séries — Cia. Editora Nacional.

2.º — Agripino Grieco — "Evolução da Prosa Brasileira" — Rio — 1933.

3.º — Humberto de Campos — "Crítica" — 2.ª série — Liv. José Olímpio Editora — Rio — 1935.

4.º — Rodolfo Rivarola — Prefácio à Edição Argentina de "Evolução do Povo Brasileiro" — Buenos Aires — 1937.

5.º — Juan J. Villarreal — "La Obra de los brasileños ilustres" — Editora Atalaya S. A. — Cuba — 1938.

6.º — Paulino Neto — Marcos Almir Madeira — Dayl de Almeida — "Oliveira Viana e o Momento Brasileiro" — Ed. Part. — Rio — 1940.

7.º — Afonso Taunay — "Discurso" — Ed. da Academia Brasileira de Letras — Rio, 1940.

8.º — Nelson Werneck Sodré — "Orientação do Pensamento Brasileiro" — Edit. Vecchi Ltda. — Rio — 1942.

9.º — Lourenço Filho — "O Estado do Rio na Culura Nacional" — Edição de Div. de Divulgação do D.I.P. — Est. do Rio.

10.º — Batista Pereira — "Figuras do Império e outros ensaios" — 2.ª ed. — Cia. Editora Nacional — 1934.

NOTA — *Dados coligidos por Dayl de Almeida, com a colaboração de Hélio B. Palmier, Geraldo Bezerra de Menezes e Marcos Almir Madeira.*

ÍNDICE DE NOMES CITADOS

ÍNDICE GERAL

APÊNDICE